

ESCRITOS

De

**SÃO FRANCISCO
DE ASSIS**

Índice

Apresentação	Pág. 4
Introdução	Pág. 11
Orações	Pág. 25
Cartas	Pág. 71
Avisos Espirituais	Pág. 115
Textos Legislativos	Pág. 137
Últimas Recomendações	Pág. 193

NOTA:

Para aceder à página respectiva, insira o número desta no rodapé, onde está indicado o número da página actual/ total de páginas.

ESCRITOS

**SÃO FRANCISCO
DE ASSIS**

Editorial Franciscana
Braga – 2001

APRESENTAÇÃO

A Editorial Franciscana tem concentrado os seus esforços na divulgação das fontes do franciscanismo, dando a conhecer o que de melhor se tem publicado no país e no estrangeiro.

São muitos os estudos publicados em todas as línguas. Para além de tudo o que a investigação nos tem revelado da vida de Francisco e Clara de Assis, os seus escritos são o que de mais valioso deles possuímos. Os escritos autênticos são a principal fonte do seu carisma e o caminho mais directo para deles nos aproximarmos. Cresce o número dos estudiosos que desejam conhecê-los melhor no intuito de aprofundar, através duma exegese cuidada, os conteúdos que definem a identidade franciscana.

João Paulo II, na primeira visita que fez a Assis, a 5 de Novembro de 1978, afirmou que Francisco e Clara foram os protagonistas duma “maravilhosa aventura divina”, um estilo de santidade “que passou como sopro do Espírito”. Interessa conhecer o segredo desta aventura. Para isso o caminho mais segura é conhecer e aprofundar os escritos que ambos nos deixaram e que aqui publicamos.

Com a publicação das **Fontes Franciscanas I e Fontes Franciscanas II, Escritos, Biografias, Documentos**, pela Editorial Franciscana, já na segunda edição, o público português tem acesso aos documentos mais importantes relacionados com Francisco e Clara.

Com esta edição de bolso, pretendemos que os escritos autênticos dos dois santos de Assis cheguem ao maior número possível de portugueses, sobretudo aos membros da Família Franciscana.

Esta edição foi organizada a partir das Fontes Franciscanas I e II. Aproveitamos a tradução do Fr. Armando Vaz da Mota e a quase totalidade das introduções do Fr. David de Azevedo das Fontes Franciscanas I. O mesmo aconteceu com a tradução e introduções de Fr. José António Correia Pereira e Irmã Maria Victória Triviño, das Fontes Franciscanas II. Algumas alterações que foram feitas, tiveram em conta duas edições de bolso publicadas recentemente, uma em Espanha do P. Lázaro Iriarte e outra na Alemanha do P. Leonhard Lehmann. Além dos escritos que vêm na edição das Fontes, publicamos a Carta de São Francisco à Irmã Jacoba e alguns fragmentos de cartas que se perderam. Para facilitar a leitura omitimos grande parte das notas, cujo conteúdo pode ser consultado nas Fontes Franciscanas I e Fontes Franciscanas II.

Que a publicação desta obra contribua para um maior conhecimento e divulgação do carisma que inspirou Francisco e Clara de Assis.

SIGLAS E ABREVIATURAS

I - ESCRITOS DE SÃO FRANCISCO (FF I)

- BB - Bênção a Fr. Bernardo
- BL - Bênção a Fr. Leão
- CA - Carta a Santo António
- CC - Cântico das Criaturas (ou do Irmão Sol)
- CCI - Carta aos Clérigos
- 1CCt - Primeira Carta aos Custódios
- 2CCt - Segunda Carta aos Custódios
- 1CF - Primeira Carta aos Fieis
- 2Cf - Segunda Carta aos Fieis
- CGP - Carta aos Governantes dos Povos
- CJ - Carta a Jacoba
- CL - Carta ao Fr. Leão
- CM - Carta a um Ministro
- CO - Carta a toda a Ordem
- ECCL - Exortação Cantada a Santa Clara e sua Irmãs
- ELD - Exortação ao Louvor de Deus
- Ex - Exortações
- FVC - Forma de Vida para Santa Clara
- LD - Louvores a Deus
- LH - Louvores para todas as Horas Canónicas
- NJC - Normas sobre o jejum, a Santa Clara
- OCD - Oração diante do Crucifixo de São Damião
- OP - Ofício da Paixão do Senhor
- PPN - Paráfrase do Pai Nosso
- 1R - Primeira Regra (Regra não Bulada)
- 2R - Segunda regra
- RE - Regra para os eremitérios
- SV - Saudação às Virtudes

- SVM - Saudação à Bem-aventurada Virgem Maria
- T - Testamento
- TS - Testamento de Sena
- UVC - Última Vontade a Santa Clara
- VPA - A verdadeira e perfeita alegria

II - BIOGRAFIAS DE S. FRANCISCO

- AP - Legenda do Anónimo Perusino
- 1 C - Tomás de Celano, Vida Primeira
- 2 C - Tomás de Celano, Vida Segunda
- 3 C - Tomás de Celano, Tratado dos Milagres
- EP - Espelho de Perfeição
- Fl - Florinhas de S. Francisco
- LM - São Boaventura, Legenda Maior
- Lm - São Boaventura, Legenda Menor
- LP - Legenda Perusina
- TC - Legenda dos Três Companheiros

III - ESCRITOS DE SANTA CLARA (FF II)

- 1CCL - Primeira Carta de Santa Clara
- 2CCL - Segunda Carta de Santa Clara
- 3CCL - Terceira Carta de Santa Clara
- 4CCL - Quarta carta de Santa Clara
- 5CCL - Carta de Santa Clara a Ermentrudis
- BCL - Bênção de Santa Clara
- RCL - Regra de Santa Clara
- TCL - Testamento de Santa Clara

ESCRITOS DE
SÃO FRANCISCO

INTRODUÇÃO AOS ESCRITOS DE SÃO FRANCISCO

1. S. Francisco Escritor

Ao depararmos com o título Escritos de São Francisco, somos levados a pensar em São Francisco como escritor. Todavia a cena passada no Monte Alverne, Francisco pedindo a Fr. Leão “papel e tinta para escrever “as palavras do Senhor e seus louvores”¹, não fez caminho na iconografia franciscana. O certo é, porém, que Francisco, não obstante se qualificar a si mesmo como “homem simples e sem letras”², deixou à posteridade um conjunto de escritos do maior interesse. Possuímos mesmo três autógrafos seus: a Bênção a Fr. Leão, os Louvores do Deus Altíssimo (no verso do mesmo pergaminho) e a Carta a Fr. Leão. Os dois primeiros conservam-se na Basílica do Sacro Convento em Assis, e o terceiro, na catedral de Espoleto.

¹ Cf. 2C 49. Usaremos as abreviaturas das Fontes Franciscanas I—S. Francisco de Assis, Escritos, Biografias, Documentos, 2. Ed. Editorial Franciscana, Braga, 1994. Citaremos esta obra com a abreviatura FF I.

² Cf. CO 39; T 19

Em que sentido se poderá considerar São Francisco como escritor?... Não é uma pergunta inútil, porque nos permitirá avaliar a relação que existe entre a personalidade do Santo e os escritos que nos deixou. Francisco não é um escritor profissional, como os há em nossos dias, que do trabalho literário fazem o seu modo de vida. As suas produções literárias são actos ocasionais, solicitados quer pelas necessidades que lhe ocorreram na vida, quer pelo seu zelo apostólico, quer ainda pela inspiração e pelo fervor da alma. Mas sempre ocasionais.

Uma característica bem mais significativa é a nota visceralmente pessoal desses escritos. Com frequência um escritor, ao desenvolver um tema, apresenta o que sobre o assunto outros pensaram e a sua opinião, embora sua, é influenciada pela dos outros. Os fundadores dos institutos religiosos – entre os quais se situa o nosso caso – ao redigirem as constituições ou regras desses institutos, procuram recolher o que a experiência do passado ensinou ou o que outros fundadores escreveram sob a forma de bem organizar uma comunidade. Com Francisco não se passa assim. Tudo quanto escreve ou dita é espírito e vida. É fruto da sua experiência espiritual: do seu diálogo com Deus, do seu enamoramento com Cristo, da paixão que este enamoramento atingiu e das aventuras que constituem a sua gesta interior. É também da sua experiência vivida, isto é: das suas lutas pessoais, do seu convívio com os irmãos, das suas iniciativas apostólicas, do empenho que pôs na criação da Ordem, da paixão com que viveu a vida da

Igreja e da sociedade do seu tempo. Francisco não repete o que os outros escreveram, não sintetiza o que as circunstâncias impõem, não discreta acerca de assuntos impessoais. Entorna o que tem dentro do coração. Nos seus escritos está toda a sua personalidade.

Como toda a sua vida é uma obra de Deus, também os seus escritos o são. Fruto da graça e Dom do Senhor. E esta é uma terceira característica. “O Senhor me deu a graça de escrever pura e simplesmente estas palavras”³. Acertadamente diz Sebastian Lopez: “esta é a razão mais funda e explicativa dos seus escritos”⁴. São uma obra visceralmente pessoal, mas são mais ainda uma obra divina. Neles está consignada a actividade de Deus, em todos palpita o Espírito do Senhor. Assim se compreende que Francisco chegue a presumir que as suas palavras são palavras de Deus e mande com tanta solicitude e veemência que sejam lidas, conservadas e difundidas⁵. Porque é Deus que tudo diz e faz em nós. Não no sentido de que esses escritos sejam fruto de visões, revelações ou inspirações extraordinárias, como acontece com outros santos, mas no sentido de que são fruto da sua vida e esta é essencialmente um prodígio de obediência ao Senhor. Dum lado, Deus, que quer, inspira e actua: do outro, Francisco, que escuta, obedece e realiza. Onde é que a vontade, a inspiração e acção divina se revelam? Não em fenómenos extraordinários, mas nos acontecimentos do dia-a-dia. O encon-

³ T 39

⁴ Cf. FFI, p. 22 nt. 4

⁵ 1CCt 9-10; 2CCt 6-7; 1CF 88; CM 21; CO 47-48; CGP 8-9; IR 24, 4; T 37-39

tro com a “sarça ardente” não se dá no monte Horeb, mas nos caminhos, nas praças, no diálogo com os homens, no suceder dos acontecimentos do seu tempo. É aí que Francisco se encontra com Deus. É desse encontro que resulta a sua vida, que é verdadeiramente uma gesta de Deus, nesse sentido. Gesta de Deus em Francisco e nos seus frades. “Francisco, diz ainda Sebastian Lopez, é um jogral que canta o que lhe acontece e o que nele se passa e o que acontece e se passa com os seus. Ele vive no Acontecimento. Na plenitude dos tempos. Na terra dos vivos. Na Bênção ⁶. Os seus escritos são, pois, obra de Deus, mas uma obra que primeiro passou através de Francisco, com fé, paixão e vida.

Sendo uma obra da graça, outro aspecto há que apontar neles: a espontaneidade. Francisco nunca pensou em escrever a sua experiência pessoal. Não fez o seu “diário”, nem nos deixou as suas “Confissões” como Santo Agostinho, nem a sua “história duma alma”, como Santa Teresinha. Também sob este aspecto viveu a pobreza, o total abandono nas mãos do Pai, o estilo de vida d’Aquele que não tinha onde reclinar a cabeça. Não é Francisco quem decide escrever. Os seus escritos nascem dos acontecimentos.

* * *

Dadas estas características, os seus escritos não podem ser lidos sem ter presente a sua vida, a sua tenção espiritual e o itinerário que esta seguia; e sem que

⁶ Cf. FFI, p. 23, nt. 6

o leitor se esforce por se meter, ele também, dentro desta tensão. Verdadeiramente só a quem entrar dentro das forças principais da espiritualidade de Francisco é que as suas palavras se começam a abrir e a deixar ver o seu sentido insuspeitado e a sua profundidade impen-sável. Será preciso ter captado um pouco da sua consciência da infinita grandeza de Deus, da sua adoração pequenina e feliz diante da majestade altíssima, do seu respeito pelo domínio absoluto e realíssimo de Deus, autor e dono de tudo, da sua paixão enlouquecida por Cristo, da sua compaixão sensibilíssima ante o Senhor Pobre e Crucificado, da sua confiança delicadíssima na bondade de Deus-Pai, do seu encanto embevecido pela presença do Deus Criador, da sua visão de tudo à luz do amor, da humildade, da gratidão, da alegria – cos-movisão do universo e da coisa mais miudinha – da história grande e do acontecimento mais pequeno só assim se poderá compreender um pouco. Então cada palavra, uma por uma, começa a revelar um peso enorme e uma riqueza inimaginável.

Por isso os dados históricos das biografias e o fundo espiritual dos escritos devem seguir sempre juntos, fundindo-se, completando-se e iluminando-se mutuamente.

2. Fontes

Quando empregamos esta palavra a propósito dos escritos de São Francisco, não podemos referir-nos que o santo haja tido diante de si e dos quais tenha copiado

parte dos seus trabalhos ou haja tirado as suas principais inspirações. Queremos, sim, referir-nos a um fundo de doutrinas, de conceitos religiosos, de sensibilidades espirituais e sociais e de formas e expressões literárias que estão presentes nos escritos. A experiência religiosa de Francisco, e conseqüentemente os seus escritos, é toda ela percorrida por uma imprevisível e indomável originalidade. Mas Francisco não caiu do céu. Recebeu a sua fé na Igreja, na Igreja a foi amadurecendo e na Igreja a tornou forma de vida concreta. A originalidade cristã está precisamente nisso: não em criar por si, mas em mergulhar no acto original. Em receber da Igreja e através da Igreja e penetrando sempre mais fundo no seu mistério, chegar até às fontes cristalinas deste: Jesus Cristo, Deus e Homem verdadeiro, morto por amor e ressuscitado por ter morrido assim. Foi na Igreja que Francisco descobriu o mistério de Cristo Pobre e Crucificado⁷. Percebe-se, por isso, nos seus escritos, como que um “rumor abundante e plural de palavras e temas bíblicos, monásticos, litúrgicos, canónicos, numa palavra, eclesiais”⁸.

Entre os veios dessa tradição, distinguiremos alguns:

O Evangelho: A edição crítica preparada por Caetano Esser aponta 596 citações bíblicas. Mais importante, porém, que as citações explícitas é a atmosfera bíblica, a profunda e longínqua ressonância bíblica que

⁷ Cf. 1C 22

⁸ Cf. FFI, p. 25, nt. 8

se desprende de cada frase, a demonstrar que a Sagrada Escritura era o meio literário em que o espírito de Francisco se movia. Esta ressonância é marcada muito particularmente pelo Evangelho. “A regra e vida dos irmãos menores é esta: observar o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo”⁹.

Entre os textos evangélicos podemos ainda reconhecer alguns preferidos por Francisco, que esboçam de algum modo o retrato com que Jesus apareceu a seus olhos. São eles: os textos de vocação e seguimento, que vinculam os discípulos à pessoa de Jesus e definem a vida dele com o amor e seguimento do mesmo destino de Cristo¹⁰; os textos de missão, que propõem uma forma de existência itinerante, evangelizadora e pobre, para realizar esse seguimento¹¹; o sermão da montanha, que revela a grande originalidade do Evangelho, estatui uma renovação completa de todos os valores e oferece uma nova maneira de ser homem: “mansos, pacíficos, modestos, sossegados e humildes”; a oração do Pai nosso, com tudo o que ela encerra de total e intocável confiança no Pai¹²; e a oração sacerdotal, revelando-nos o Dom que o Pai nos fez de seu Filho¹³. Francisco habita nos núcleos do Evangelho.

⁹ 2R 1, 2; cf. 2R 12, 5; 1R 1, 2; cf. 2C 104

¹⁰ Na 1R 1, 3-6; Mt 19, 21; Mt 16, 24; Lc 14, 26; Mt 19, 29. Na 2R 2, 5; Lc 9, 62. Na 2CF 40: Mt 16, 24.

¹¹ Na 1R 24: Lc 9, 3; 10, 4-8. Na 1R 16: Mt 10, 16; Mt 10, 32; Lc 9, 26; Mc 8, 35; Lc 9, 24; Jo 15, 20; Mt 10, 23; Lc 6, 22-23; Mt 10, 28; Lc 12, 4; Mt, 24, 6; Lc, 21, 19; Mt 10, 22. Na 1R 17: Lc 10, 20

¹² 1R 22, 28; 2CF 21; PPN

¹³ 1 CF1, 14-16; 2 CF 56-60; 1 R 22, 45-55

A Liturgia: *A principal escola em que Francisco modelou o seu espírito depois da Bíblia e da meditação pessoal, foi na liturgia. A maior parte dos seus conhecimentos bíblicos vieram-lhe através do breviário e do evangeliário. No princípio do Breviário de São Francisco – que se conserva como relíquia preciosíssima no mosteiro de Santa Clara em Assis – Fr. Leão escreveu: “O bem-aventurado Francisco arranhou este breviário para os seus companheiros Fr. Ângelo e Fr. Leão, e, enquanto teve saúde, quis sempre rezar por ele o ofício divino., como está mandado na Regra. Durante a doença, pelo contrário, não o podendo recitar, queria ouvi-lo; neste propósito se manteve fiel enquanto viveu. Mandou também escrever este Evangeliário e quando não podia ouvir missa, por causa da doença ou outro impedimento, mandou que lhe lessem a passagem do evangelho escolhido para a missa daquele dia, prática que manteve até ao fim da vida”¹⁴. A liturgia era, pois, alimentação quotidiana do seu espírito.*

A vida monástica e religiosa: *Francisco, no seio da Igreja, integrou-se na grande corrente da vida consagrada. Sem adoptar as formas tradicionais em que esta estava organizada, fez seus os grandes temas espirituais que a caracterizavam: a consagração total a Deus, a tensão pelo reino, o primado da oração, a austeridade de vida, a vida em obediência, etc... Por isso, não obstante a originalidade de formas que soube inventar a*

¹⁴ Cf. FF1, p. 26, nt. 15

partir do Evangelho, os seus escritos estão cheios de temas e de maneiras de dizer próprios do monaquismo.

A vida da Igreja: Francisco foi um homem da Igreja. Principalmente desde que, na capelinha de São Damião, o crucifixo lhe mandou: “Vai, Francisco, e reedifica a minha Igreja”.

A problemática da Igreja está bem presente nos seus escritos: o abandono das igrejas¹⁵, a deficiência cultural e moral de muitos sacerdotes¹⁶, os problemas da insubmissão à hierarquia por parte de alguns grupos¹⁷, o abandono pastoral em que se encontrava o povo simples, o poderio muçulmano que ameaçava a cristandade¹⁸ e tantos outros problemas. Presente também, como perigo eclesial, a heresia dos cátaros. A frequência com que o tema da Eucaristia aparece nos escritos de Francisco é devida por certo a essa heresia e as determinações do Concílio de Latrão IV em 1215.

A sua experiência de fé: Mas a principal fonte que está presente em todos os escritos de Francisco é a experiência de fé. A ela já nos referimos atrás ao falar das notas que caracterizam a sua obra literária, mas importa recordá-lo de novo aqui como fonte. Com efeito

¹⁵ Cf. T5; CC1 4;2 CCt 4-7; LP 18; EP 56.

¹⁶ Cf. T 8-12; Ex. 26; 2CF 33; CO 20; 1C 62; 2C 62; 2C 146; 2C 201; LM 57

¹⁷ 1R 4; 17, 19; 2R 1, 3; 12, 5; CO 55

¹⁸ Pela primeira vez numa regra religiosa aparece a dimensão missionária. Na altura das cruzadas era também uma alternativa à forma de lidar com o “problema muçulmano”.

é ela que determina o conteúdo dos escritos, a posição tomada pelo autor dos diversos temas, as formas de comportamento que ele propõe, a paixão vibrante que assume a palavra e até a forma e o colorido literário. Esquecer este dado, seria deixar de lado o verdadeiro terreno onde a obra nasce.

3. Circunstâncias de Composição

Importância grande tem também, para iniciar o leitor na interpretação dos escritos de Francisco, ter em conta o processo como eles foram compostos. Em primeiro lugar, uma palavra sobre a cultura de Francisco.

Na juventude, Francisco deve ter aprendido um pouco de latim, o suficiente para compreender a palavra proclamada nas celebrações litúrgicas. Em sua casa terá aprendido também o francês ou provençal, da boca de sua mãe D. Pica, oriunda da Provença, ou de seu pai, a ele habituado nas viagens a França¹⁹. Aprendeu também a escrever, como comprovam os autógrafos que dele nos ficaram. Não deveria, porém, ter usado muita desta aptidão, porque era costume dos homens de então ditarem o que queriam que ficasse escrito, ou servirem-se de secretários. Com efeito, de seu punho só temos aqueles três pequenos autógrafos. Mesmo a assinatura, para o fim da vida, devido às chagas nas mãos, à falta de vista e, talvez, à sua humildade de “homem sem letras” e à sua devoção à cruz do Senhor, passou a substituí-la por um simples T (tau).

¹⁹ Cf. 2C 13 e 127

Que línguas usaria Francisco? Os três autógrafos que nos restam estão escritos em latim. Um latim simples e entrecortado de italianismos. Francisco deveria, com efeito, ter mais facilidade em expressar-se na língua vulgar. Em vulgar deveria ser a sua pregação habitual – para se fazer compreender melhor e para se aproximar mais do povo. Era de resto uma tendência da cultura de então que acompanhava, lado a lado, a passagem da civilização feudal para a civilização burguesa. É, pois, de admitir que Francisco tenha ditado os seus escritos em língua vulgar e que os seus amanuenses ou secretários passassem depois as suas palavras para o latim.

Até onde terá ido a intervenção destes secretários? É muito difícil saber se terão traduzido literalmente as palavras do santo, se terão expressado em frases suas os pensamentos dele, se terão ido mais longe introduzindo alguma coisa da sua lavra (principalmente citações bíblicas, patrísticas ou monásticas) e se terão carregado ou amolecido, aqui e ali, a força de alguma afirmação, Esta intervenção é, todavia, patente. Nuns escritos mais, noutros menos. A Regra para os Ermitérios, a primeira parte do Testamento e a Regra de 1221 parecem conservar uma forma bastante original, outros escritos, como as Exortações, algumas Cartas e a Regra de 1223 patenteiam contributo maior dos colaboradores. O Cântico das Criaturas, esse sim, deve ter sido colhido tal e qual, palavra por palavra, como caiu dos lábios do santo poeta. É o único que se conserva em linguagem vulgar, tal como foi dito.

Nos últimos anos da vida de Francisco, Fr. Elias destacou quatro irmãos para o acompanharem e servir na sua doença. Entre estes estava Fr. Leão, sacerdote bastante culto, seu confessor, que terá sido o principal amanuense. Na Regra de 1221 terá trabalhado, sobretudo para as citações bíblicas, Fr. Cesário de Espira. Segundo o testemunho de Jordão de Giano.

É preciso ter em conta este método medieval de composição literária, para avaliar convenientemente a autenticidade dos escritos de S. Francisco; mas sem esquecer, por outro lado, a força com que ele depois os fazia seus, patente sobretudo na insistência com que recomendava a sua leitura.



ORAÇÕES

ORAÇÕES

Introdução Geral

De entre os textos de São Francisco, as orações são os mais belos e significativos e os que melhor espelham a alma do Poverello

Celano diz que S. Francisco não era um homem de oração, mas «a oração em pessoa»¹. Apesar disso os textos das orações, reflectem também o coração universal de Francisco. Quando reza, Francisco une-se à Igreja triunfante, aos anjos e santos a quem intercede em favor dos homens, mas sente-se um entre todos os membros da Igreja peregrina no louvor, na acção de graças e na intercessão. Mesmo na oração pessoal, ele usa um nós comunitário. Como homem feito oração, ele é irmão entre os irmãos, irmão entre os homens, irmão entre todas as criaturas.

Efectivamente toda a sua vida é uma oração. O segredo de Francisco foi a sua intimidade com Deus. O que há de mais apaixonante para o investigador, e para o devoto, é precisamente penetrar nessa intimidade: repetir de algum modo o episódio delicioso do cap. 17 das Florinhas: o menino que queria conhecer a santida-

¹ 2C 95

de de S. Francisco «e muito especialmente o que ele fazia de noite quando se levantava»². Para isso o melhor caminho é seguir as orações que ele nos deixou e adentrar-se no mistério espiritual de cada uma delas.



Bênção de São Francisco a Frei Leão

² Cf. Florinhas 17; LP 6

1. ORAÇÃO DIANTE DO CRUCIFIXO DE S. DAMIÃO (OCD)

Introdução

*Como teria rezado o jovem Francisco naquele momento tão forte da sua conversão? Que oração teria sido aquela que fez surgir, na tábua pintada, o Crucificado vivo, falando-lhe de amigo para amigo e dizendo-lhe: «Vai, Francisco, e reconstrói a minha casa que, como vês, cai em ruínas»!*¹

Os manuscritos indicam claramente que Francisco teria rezado em língua vulgar; e foi em vulgar que o texto se difundiu pela Itália. Depois seria traduzido em latim para ser divulgado noutras nações. Com o tempo, as refundições e acrescentos fizeram duvidar da sua autenticidade, mas, ao descobrir-se a sua forma original, a opinião favorável à autenticidade acabou por impor-se.

Nessa oração Francisco pede a graça de conhecer e cumprir a vontade divina e os divinos mandamentos. Para isso implora as três virtudes teológicas: fé verdadeira, esperança firme e caridade perfeita.

TEXTO

Ó glorioso Deus altíssimo, ilumina as trevas do meu coração, concede-me uma fé verdadeira, uma esperança firme e um amor perfeito. Mostra-me, Senhor, o (recto) sentido e conhecimento, a fim de que possa cumprir o sagrado encargo que na verdade acabas de dar-me. Amen.

¹ TC 13; 2C 10

2- ESCRITO DE S. FRANCISCO A FR. LEÃO

Introdução

Este pergaminho de 14 x12 centímetros é uma das relíquias mais preciosas que temos de Francisco, uma vez que contém um dos dois autógrafos que dele possuímos que se conserva no Sacro Convento de Assis. O outro autógrafo está na carta a Fr. Leão, seu secretário e conserva-se na catedral de Espoleto O pergaminho tem duas faces escritas. Numa delas os Louvores ao Deus Altíssimo e na outra a Bênção a Fr. Leão.

Fr. Leão, no verso do pergaminho, conta assim a sua origem: «Dois anos antes da sua morte, o bem-aventurado Francisco fez no monte Alverne uma quaresma em honra da bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, e do bem-aventurado S. Miguel Arcanjo, desde a festa da Assunção da Santa Virgem Maria até à de Setembro de S. Miguel Arcanjo E o Senhor pousou a sua mão sobre ele. Depois da visão e das palavras do Serafim, e da impressão no seu corpo das chagas de Cristo, compôs estes louvores que estão no outro lado desta folha, os quais escreveu de sua própria mão, dando graças a Deus pelo benefício que lhe tinha feito».

Celano acrescenta algo mais. Um dos companheiros de S. Francisco – sem dúvida o mesmo Fr. Leão – «estando o Santo no Monte Alverne retirado em sua cela, muito desejava ter um escrito com palavras do Senhor, brevemente anotado por S. Francisco. Persuadira-se de que a grande tentação de espírito em que andava, com isso se dissiparia ou ao menos seria mais fácil de supor-

tar; mas, não obstante assim pensar, não se atrevia a abrir-se com o Santo. Ora, um dia, S. Francisco chamou-o para lhe dizer. «Traz-me pergaminho e pena, que quero escrever as palavras do Senhor e Seus louvores que em meu coração meditei». Satisfeito o pedido, escreveu o Santo, de sua mão, os louvores de Deus e ao fim a bênção para o irmão, a quem disse: «Pega neste escrito e guarda-o com cuidado até ao dia da tua morte». E logo, naquele instante, sentiu o irmão que se lhe dissipou a tentação»².

Este gesto de humana delicadeza juntamente com a densidade religiosa do momento ajuda a sondar a riqueza de cada palavra deste «Te Deum Laudamus». É uma girândola de louvores, parecendo ao mesmo tempo denunciar, precisamente pela insistência repetitiva dos louvores, que a palavra era incapaz de exprimir a exuberância do coração. Francisco está todo voltado para Deus. Não faz senão louvá-Lo. Não há um movimento sequer em que o Santo volte sobre si mesmo, como seria, por exemplo, uma palavra de petição ou de propiciação. O TU divino é só fascinação. Prendeu-o por completo. Francisco está encandeado pelo seu Senhor; «Senhor Tu és Santo. Tu és todo o bem»!

Na mesma face em que deu a informação sobre os «Louvores», a meia página, Fr. Leão acrescenta: «O bem-aventurado Francisco escreveu esta bênção de seu próprio punho para mim Fr. Leão». Debaixo desta nota, ocupando a parte inferior do pergaminho, desta-

ca-se um Tau³ e, à direita, vem a bênção, para a qual S. Francisco se serviu das palavras com que o sumo sacerdote Aarão devia abençoar os filhos de Israel⁴. Sob o traço vertical do Tau há um desenho que parece uma cabeça; e, no bordo inferior, mais uma nota de Fr. Leão: «Também de seu punho fez o sinal tau e a cabeça». A cabeça seria um símbolo para completar a alusão ao Ap. 7, 3, onde os eleitos são assinalados na cabeça com o tau. O mesmo era dizer que Fr. Leão era um desses eleitos. Que mais poderia querer esse fradinho sensível e atribulado?...

TEXTO

A- LOUVORES AO DEUS ALTÍSSIMO (LD)

¹ Tu és santo, Senhor Deus único, o que fazes maravilhas (Sl 76, 15).

² Tu és forte,
tu és grande (Sl 85, 10),
tu és altíssimo,
tu és rei onipotente,

tu, Pai santo, rei do céu e da terra!

³ Tu és trino e uno, Senhor Deus, todo o bem.
Tu és bom, todo o bem, o soberano bem,

³ S. Francisco usou muito o Tau. Usava-o nas suas cartas como “carimbo” e pintava-o nas paredes das capelas. Assim se foi impondo como sinal dos Frades Menores, como já assinala 3C 3 e 159. O valor do Tau baseia-se em Ez 9, 4-6: “Só não mateis os indivíduos marcados com o tau” que tem reflexos em Ap. 7, 3: “Não prejudiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores! Primeiro vamos marcar a fronte dos servos do nosso Deus”.

⁴ Num 6, 4...

Senhor Deus, vivo e verdadeiro (cf. I Ts 1, 9)!

⁴ Tu és caridade, amor!

Tu és sabedoria!

Tu és humildade!

Tu és paciência (Sl 70, 5)!

Tu és formosura!

Tu és mansidão!

Tu és segurança!

Tu és descanso!

Tu és gozo e alegria!

Tu és a nossa esperança!

Tu és justiça e temperança!

Tu és toda a nossa riqueza e saciedade!

⁵ Tu és beleza!

Tu és mansidão!

Tu és o protector (Sl 30, 5)!

Tu és o nosso guarda e defensor!

Tu és fortaleza (cf. Sl 42, 2)!

Tu és consolação!

⁶ Tu és a nossa esperança!

Tu és a nossa fé!

Tu és a nossa caridade!

Tu és a nossa grande doçura.

Tu és a nossa vida eterna,

o Senhor grande e admirável,

o Deus onnipotente,

o misericordioso Salvador!

B- BÊNÇÃO A FREI LEÃO (BL)

¹ O Senhor te abençoe e te guarde,
te mostre a sua face e se compadeça de ti.

² Volva para ti o seu rosto, e te dê a paz.

³ O Senhor te abençoe, irmão Leão (cf. Núm. 6, 24-27).

4. EXORTAÇÃO AO LOUVOR DE DEUS (ELD)

Introdução

Diz Celano que S. Francisco «se conservava firme e alegre e que em seu coração cantava para si e para Deus cânticos de júbilo»⁵. Tinha com efeito alma de poeta o santo Poverello e era natural que as orações lhe saíssem muitas vezes sob a forma de loas ou cantar jubiloso.

Mariano Florentino (†1523) e o amanuense que escreveu o códice VI G. 33 da Biblioteca Nacional de Nápoles afirmam que esta «exortação» existia em autógrafa de S. Francisco num convento franciscano em Terni. Um e outro reproduzem-na em forma quase idêntica. Esse autógrafa perdeu-se, mas o texto foi possível reconstituí-lo a partir de Wadingo e do códice de Nápoles⁶.

Não é possível determinar a data da composição deste cântico, mas é sem dúvida um dos testemunhos mais antigos da maneira de orar de S. Francisco. Nele se patenteia a sua alma toda extrovertida: centrada em Deus, mas em comunhão com todos os seres: com os anjos, com os homens e com as criaturas. É um prenúncio do Cântico do Irmão Sol.

⁵ 1C 93.

⁶ Cf. FF 1, p. 44-45.

TEXTO

- ¹ Temei o Senhor e dai-lhe glória (Ap 14, 7).
- ² Digno é o Senhor de receber o louvor e honra (Ap 4, 11).
- ³ Louvai o Senhor todos os que o temeis (SI 21, 24).
- ⁴ Salve Maria, cheia de graça, o Senhor está contigo (Lc 1, 28).
- ⁵ Louvai-O, céus e terra (SI 68, 35).
- ⁶ Todos os rios, louvai o Senhor (Dn 3, 78).
- ⁷ Filhos de Deus, bendizei o Senhor (Dn 3, 82).
- ⁸ Este é o dia que o Senhor fez; alegremo-nos e re-
gozijemo-nos nele (SI 117, 24). Aleluia! Aleluia!
Aleluia! Rei de Israel!
- ⁹ Todo o espírito louve o Senhor (SI 150, 6).
- ¹⁰ Louvai o Senhor, porque é bom (SI 146, 1); todos
os que isto ledes, bendizei o Senhor (SI 102, 21).
- ¹¹ Todas as criaturas, bendizei o Senhor (SI 102, 22).
- ¹² Todas as aves do céu, louvai o Senhor (Dn 3, 80;
SI 148, 7-10).
- ¹³ Todos os meninos, louvai o Senhor (SI 112, 1).
- ¹⁴ Jovens e donzelas, louvai o Senhor (SI 148, 12).
- ¹⁵ Digno é o Cordeiro que foi imolado de receber o
louvor, a glória e a honra (Ap 5, 12).
- ¹⁶ Bendita seja a santa Trindade e a indivisa Unidade.
- ¹⁷ S. Miguel Arcanjo, defende-nos na batalha.

5. PARÁFRASE AO PAI NOSSO (PPN)

Introdução

Não parece ser para duvidar a autenticidade desta paráfrase. Há um códice que a atribui a Fr. Gil, mas C. Esser explica assim: Francisco gostava muito desta oração e costumava recitá-la com os irmãos. Estes a aprenderam dele e a transmitiram aos irmãos que depois vieram. Fr. Gil a transmitiria também aos seus discípulos mais chegados; e daí o ter-se insinuado o equívoco que veio a ter acolhimento naquele códice.

É um testemunho formoso do modo como rezava a primeira geração franciscana: O facto de aparecerem dela traduções antiquíssimas em várias línguas demonstra a difusão que ela encontrou na Idade Média. Como afirma K. Esser, a sua forma actual está documentada desde o século XIV.

A devoção de S. Francisco ao Pai Nosso era profundíssima, como testemunham os seus escritos, onde aconselhava o seu uso⁷. Não fora ele ensinado pelo próprio Jesus e não se dirigisse ele àquele Pai cuja ternura se lhe revelara de forma tão patética quando, no palácio do bispo de Assis, nu como um recém-nascido, todo se lhe abandonara nas mãos carinhosas. Por isso, que a sua alma, tangida pelas palavras divinas, se alongasse em ressonâncias emocionadas é o que há de mais natural.

⁷ Cf. 2CF; 1C 45

TEXTO

¹ Santíssimo Pai nosso, nosso Criador, nosso Redentor, nosso Salvador e Consolador !

² *Que estás nos céus:* Nos anjos e nos santos, iluminando-os, para que te conheçam, porque tu, Senhor, és luz; inflamando-os, para que te amem, porque tu és amor; habitando neles e enchendo-os, para que gozem a bem-aventurança, porque tu, Senhor, és o sumo bem, o bem eterno, donde procede todo o bem, e sem o qual não há bem algum.

³ *Santificado seja o teu nome:* Que o conhecimento de ti mais se clarifique em nós, para conhecermos qual a largueza dos teus benefícios, a grandeza das tuas promessas, a alteza da tua majestade, e a profundidade dos teus juízos (Ef 3, 18).

⁴ *Venha a nós o teu Reino:* De modo a reinares em nós pela graça, e a lebares-nos a entrar no teu Reino, onde a visão de ti é clara, o amor por ti é perfeito, ditosa a tua companhia e gozaremos de ti para sempre.

⁵ *Seja feita a tua vontade assim na terra como no céu:* Para te amarmos de todo o coração (cf. Lc 10, 27), pensando sempre em ti; sempre a ti desejando com todo o nosso espírito; sempre a ti dirigindo todas as nossas intenções, e em tudo procurando a tua honra; e com todas as veras empregando todas as nossas forças e potências do corpo e da alma ao serviço do teu amor e de nada mais. E para amarmos o nosso próximo como a nós mesmos, atraindo todos, quanto possível, ao teu amor, alegrando-nos dos bens dos outros como dos nossos, e compadecendo-nos dos seus males, e não fazendo a ninguém qualquer ofensa (cf. 2 Cor 6, 3).

⁶ *O pão nosso de cada dia,* o teu dilecto Filho nosso Senhor Jesus Cristo, *nos dá hoje,* para memória, e

inteligência e reverência do amor que nos teve, e de quanto por nós disse, fez e suportou.

⁷ *E perdoa-nos as nossas ofensas:* Por tua inefável misericórdia, por virtude da Paixão do teu amado filho Nosso Senhor Jesus Cristo, e pelos méritos e intercessão da bem-aventurada Virgem Maria e de todos os Santos.

⁸ *Assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido:* E o que não perdoamos plenamente, faz, Senhor, que plenamente perdoemos, a fim de que, por teu amor, amemos de verdade os inimigos, e por eles a ti devotamente intercedamos, a ninguém pagando mal com mal. (cf. I Ts 5, 15) e em ti procuremos ser úteis em tudo.

⁹ *E não nos deixes cair em tentação:* oculta ou manifesta, súbita ou renitente.

¹⁰ *Mas livra-nos do mal:* passado, presente e futuro. Glória ao Pai...



6. LOUVORES A DIZER ANTES DE TODAS AS HORAS (LH)

Introdução

A autenticidade de mais esta loa franciscana ninguém a pôs em dúvida. Embora faltem nela palavras originais de S. Francisco, pois todas são citações da Sagrada Escritura, o fio do pensamento e a escolha das palavras denunciam claramente o autor. As citações são tiradas do profeta Daniel, Apocalipse(4-5) e do Te Deum laudamus.

A rubrica do códice assisiense diz: «Começam os louvores que compôs o nosso beatíssimo pai S. Francisco, os quais ele recitava em todas as horas do dia e da noite e antes do ofício da bem-aventurada Virgem Maria, começando-as desta forma: Santíssimo Pai nosso que estais nos céus, etc., com o Glória e depois os seguintes louvores».

O insistente convite ao louvor que são todos estes versículos, e este costume do Santo recordado na rubrica, indicam bem com que dignidade ele celebrava a Liturgia das Horas.

TEXTO

¹ Santo, santo, santo é o Senhor Deus Onnipotente, que era e que é, e que há-de vir (Ap 4, 8).

Louvemo-lo e exaltemo-lo pelos séculos.

² Tu, Senhor nosso Deus, és digno de receber louvor, glória e honra e bênção (Ap 4, 11).

Louvemo-lo e exaltemo-lo pelos séculos.

³ Digno é o Cordeiro que foi imolado, de receber força e divindade e sabedoria e fortaleza e honra e glória e bênção (Ap 5, 12).

Louvemo-lo e exaltemo-lo pelos séculos.

⁴ Bendigamos o Pai e o Filho e o Espírito Santo.

Louvemo-lo e exaltemo-lo pelos séculos.

⁵ Bendizei ao Senhor, vós, todas as criaturas do Senhor (Dn 3, 37).

Louvemo-lo e exaltemo-lo pelos séculos.

⁶ Louvai a Deus, vós todos que sois seus servos e os que temeis a Deus, pequenos e grandes (Ap 19, 5).

Louvemo-lo e exaltemo-lo pelos séculos.

⁷ Louvem-no a ele, que é glorioso, os céus e a terra (Cf. Sl 68, 35).

Louvemo-lo e exaltemo-lo pelos séculos.

⁸ E toda a criatura que está no céu e sobre a terra e de baixo da terra, o mar e tudo o que ele encerra (Ap 5, 13).

Louvemo-lo e exaltemo-lo pelos séculos.

⁹ Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.

Louvemo-lo e exaltemo-lo pelos séculos.

¹⁰ Assim como era no princípio e agora e sempre, por todos os séculos dos séculos. Ámen.

Louvemo-lo e exaltemo-lo pelos séculos.

Oremos:

¹¹ Omnipotente, santíssimo e soberano Deus, sumo bem, todo o bem,

bem completo, a ti que só és bom, rendamos todo o louvor, toda a glória,

toda a graça, toda a

honra, toda a bênção, e todo o bem a ti atribuamos para sempre. Faça-se.

Assim seja. Assim seja. Ámen.

7. OFÍCIO DA PAIXÃO DO SENHOR (OP)

Introdução

«Chama-se-lhe Ofício da Paixão, mas, com mais propriedade, adverte Félix Lopes, se lhe chamaria Ofício do Senhor, pois nele se celebram, na roda do ano, além da Paixão, também as demais festas do Senhor». É uma espécie de ofício votivo que, como era costume na Idade Média, se acrescentava às horas canônicas. Alguém lhe chamou também uma via-sacra, onde se evidencia mais a confiança e doação de Jesus ao Pai que os sofrimentos do Calvário. Está organizado com antífonas e salmos que o próprio santo compôs, ordenando versículos ou perícopas, tiradas daqui e dali: dos salmos, de Isaías, das Lamentações, do Êxodo e da Liturgia. Aparentemente a escolha parece ter sido feita ao acaso, mas na verdade revela os sentimentos que mais dominavam o seu espírito. Francisco vai mesmo ao ponto de dilatar as palavras da Escritura com acréscitos seus, ou ainda de as mudar por outras, por exemplo, substituindo a palavra Deus pela palavra Pai, para mais evidenciar o sentir profundo da sua alma orante.

Uma das originalidades mais significativas deste modo de rezar de Francisco é a repetição da oração Sancta Maria Virgo, testemunho da sua devoção a Maria.

O eixo que passa através de todos os salmos e os une é o Santíssimo Pai Celestial, de quem procede todo o plano da salvação. A salvação é a manifestação do amor infinito de Deus que vai até entregar-nos o Seu Filho dilectíssimo. O Ofício não faz senão celebrar o

sim dado pelo Pai à morte do Filho e o sim do Filho à vontade do Pai. Assim, seguindo estes salmos, se pode avançar sempre mais adentro na alma de Francisco, pois neles se encontram segredos do seu amor e da sua vida.

TEXTO

I PARTE

No tríduo e nos dias feriais do ano

Completas

Antífona: Santa Virgem Maria.

Salmo 1

¹ Ó Deus, eu te contei a minha vida, puseste as minhas lágrimas diante dos teus olhos (Sl 55, 8-9).

² Todos os meus inimigos pensavam em me fazer mal (Sl 40, 8), reuniram-se em conselho para deliberar (Sl 70, 10).

³ E me tornaram mal em paga do bem e ódio em paga do meu amor (Sl 108, 5).

⁴ Em vez de me amarem, caluniavam-me, mas eu orava (Sl 108, 4).

⁵ Meu Pai santo, rei do céu e da terra, não te afastes de mim, porque a tribulação se aproxima e não tenho quem me valha (Sl 21, 12).

⁶ Retrocedam os meus inimigos sempre que te invocar; assim reconheço que Deus está por mim (Sl 55, 10).

⁷ Meus amigos e vizinhos já vinham para mim, mas pararam, e os meus parentes detiveram-se ao longe (Sl 37, 12).

⁸ Arredaste de mim os que me conheciam, e me tiveram como pessoa abominada: fui traído, sem me poder escapar (Sl 87, 8).

⁹ Pai santo, não demores o teu auxílio (Sl 21, 20); ó meu Deus, vem socorrer-me sem demora (Sl 70, 12).

¹⁰ Vem em meu socorro, ó Senhor Deus, meu Salvador (Sl 37, 23).

Glória ao Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo: assim como era no princípio e agora e sempre, por séculos dos séculos. Amen.

¹¹ *Antífona:* Santa Virgem Maria, não veio a este mundo mulher semelhante a ti, filha e serva do Rei altíssimo, o Pai celeste, mãe do nosso santíssimo Senhor Jesus Cristo, esposa do Espírito Santo, roga por nós juntamente com S. Miguel Arcanjo e todas as Virtudes do céu e todos os Santos, a teu santíssimo e dilecto Filho, nosso Senhor e Mestre. – Glória ao Pai... Como era...

Esta antífona diz-se a todas as Horas, e serve de antífona, de capítulo, de hino, de versículo e oração, quer a Matinas quer nas demais Horas. E o bem-aventurado Francisco, em cada uma das Horas, não recitava mais que esta antífona com os respectivos salmos.

A terminar o ofício, recitava sempre:

Bendigamos ao Senhor Deus vivo e verdadeiro. Tributemos -lhe sempre louvor, glória, honra, bênção e todo o bem. Amen. Amen. Assim seja. Assim seja.

A Matinas

Antífona: Santa Virgem Maria.

Salmo 2

¹ Senhor Deus, meu Salvador, Dia e noite eu chamei por ti (Sl 87, 2).

² Chegue junto de ti a minha oração; presta ouvidos ao meu clamor (Sl 87, 3).

³ Olha para a minha alma e liberta-a, salva-me dos meus inimigos (Sl 68, 19).

⁴ Foste tu que me extraíste do seio materno, a minha esperança desde os peitos maternos; ao nascer foi em teus braços que eu caí (Sl 21, 10).

⁵ Desde o seio materno que és o meu Deus; não te afastes de mim (Sl 21, 11).

⁶ Tu conheces a minha humilhação e confusão e a minha ignomínia (Sl 68, 20).

⁷ Diante dos teus olhos estão todos os que me perseguem; meu coração só espera opróbrios e misérias (Sl 68, 21).

⁸ Procurei quem de mim tivesse compaixão, mas não achei, e quem me viesse consolar e não encontrei (Sl 68, 21).

⁹ Ó Deus, os soberbos levantaram-se contra mim, e uma turba de bandidos traz em perigo a minha vida e não se lembram de que estás presente (Sl 85, 14).

¹⁰ Fui dado como um daqueles que vão descer à sepultura; encontrei-me sem socorro, abandonado entre os mortos (Sl 87, 5-6).

¹¹ Tu és o meu Pai santíssimo, o meu rei e o meu Deus (Sl 43, 5).

¹² Vem em meu socorro, ó Senhor Deus, meu Salvador (Sl 37, 23).

A Prima

Antífona: Santa Virgem Maria.

Salmo 3

¹ Tem compaixão de mim, ó Deus, tem compaixão de mim, pois a minha alma pôs em ti a sua esperança (Sl 56, 2).

² Ao abrigo das tuas asas me acolherei até que passe a tormenta de iniquidade (Sl 56, 2).

³ Clamarei por meu Pai, santíssimo, altíssimo; por Deus que é o meu benfeitor (Sl 56, 3).

⁴ Desde o céu me socorreu e me salvou, e cobriu de opróbrio os meus perseguidores (Sl 56, 4).

⁵ Enviou Deus a sua misericórdia e a sua verdade; salvou-me dos inimigos encarniçados e dos que me tinham rancor, mais fortes do que eu (Sl 17, 18).

⁶ Armaram-me laços aos pés e encurvaram-me a alma (Sl 56, 7).

⁷ Cavaram diante de mim um fosso, e foram eles que caíram nele (Sl 56, 7).

⁸ O meu coração está pronto, ó Deus, o meu coração está pronto; quero cantar e entoar salmos (Sl 56, 8).

⁹ Desperta, ó minha alma; acordai, saltério e cítara; vou acordar a aurora (Sl 56, 9).

¹⁰ Eu te louvarei, Senhor, entre os povos, e cantar-te-ei entre as nações (Sl 56, 10).

¹¹ Porque a tua misericórdia resplende até aos céus, e a tua verdade até às nuvens (Sl 56, 11).

¹² Que te vejam exalçado sobre os céus, ó Deus, e sobre toda a terra brilhe a tua glória (Sl 56, 12).

A Tércia

Antífona: Santa Virgem Maria.

Salmo 4

¹ Tem compaixão de mim, ó Deus, porque me calcam aos pés, todo o dia me esmagam em combate contra mim (SI 55, 2).

² Os meus inimigos espezinham-me todo o dia, porque são multidão os que combatem contra mim (SI 55, 3).

³ Todos os inimigos, tornados contra mim, tramavam contra mim planos de iniquidade (SI 40, 8-9).

⁴ Os que espiavam para me tirar a vida, reuniram-se em conselho (SI 70, 10).

⁵ Saíam fora e davam largas à língua (SI 40, 8).

⁶ Todos os que me viam escarneciam de mim, moviam os lábios e meneavam a cabeça (SI 21, 8).

⁷ Eu, de verdade, sou um verme e não um homem, o opróbrio dos homens e a abjecção da plebe (SI 21, 7).

⁸ Mais que os meus inimigos, tornei-me objecto de muito opróbrio para os meus vizinhos, e motivo de angústia para os meus conhecidos (SI 30, 12).

⁹ Pai santo, não demores o teu auxílio, acode em minha defesa (SI 21, 20).

¹⁰ Vem em meu socorro, ó Senhor Deus, meu Salvador (SI 37, 23).

A Sexta

Antífona: Santa Virgem Maria.

Salmo 5

¹ Levantei a minha voz ao Senhor, implorei com brados o Senhor (SI 141, 2).

² Na sua presença derramo a minha prece e diante dele exponho a minha angústia (Sl 141, 3).

³ Sempre que me sinto desfalecer, também tu conheces os meus caminhos (Sl 141, 4).

⁴ No caminho por onde eu seguia, os soberbos esconderam um laço para me apanharem (Sl 141, 4).

⁵ Eu olhava à minha direita a ver se me valiam, mas não havia quem me conhecesse (Sl 141, 5).

⁶ Fugir não podia e não havia ali quem de mim cuidasse (Sl 141, 5).

⁷ Pois, por amor de ti suportei o opróbrio, e o rosto se me cobriu de confusão (Sl 66, 8).

⁸ Tornei-me como um estranho para os meus irmãos, como um estrangeiro para os filhos de minha mãe (Sl 68, 9).

⁹ O zelo da tua casa me devorou, Pai santo, e os insultos dos que te ultrajavam caíram sobre mim (Sl 68, 10).

¹⁰ E eles alegraram-se e conjuraram contra mim, e de improviso caíram sobre mim os golpes do azorrague (Sl 34, 15).

¹¹ São mais numerosos que os cabelos da minha cabeça aqueles que me odeiam sem razão (Sl 68, 5).

¹² Tornaram-se fortes os inimigos que injustamente me perseguiram, e tive de pagar o que não tinha roubado (Sl 68, 5).

¹³ Levantaram-se testemunhas iníquas a acusar-me do que eu nem sabia (Sl 34, 11).

¹⁴ Pagavam-me o bem com o mal (Sl 34, 11-12), e maltratavam-me porque eu praticava o bem (Sl 37, 21).

¹⁵ Tu és o meu santíssimo Pai, o meu Rei e o meu Deus (Sl 34, 5).

¹⁶ Acode em meu socorro, ó Senhor Deus, meu Salvador (Sl 37, 23).

A Noa

Antífona: Santa Virgem Maria.

Salmo 6

¹ Ó vós todos, que passais pelo caminho, olhai e vede, se há dor igual à minha (Lam. 1, 12).

² Porquanto uma matilha de cães me pôs cerco; rodeou-me uma caterva de malvados (Sl 21, 17).

³ E puseram-se a olhar para mim, e dividiram entre si os meus vestidos e tiraram sortes sobre a minha túnica (Sl 21, 18-19).

⁴ Trespassaram-me as mãos e os pés e contaram todos os meus ossos (Sl 21, 17-18).

⁵ Abriram a sua boca contra mim, como leão que ruge e vem a devorar (Sl 21, 14).

⁶ Estou como a água que foi derramada; e tenho os ossos todos desconjuntados (Sl 21, 15).

⁷ O meu coração fez-se como cera a derreter-se no meio do meu peito (Sl 21, 15).

⁸ Secou-se-me a força como barro cozido, e a língua se me colou ao palato (Sl 21, 16).

⁹ E misturaram-me fel na comida, e quando tive sede deram-me vinagre (Sl 68, 22).

¹⁰ E empurraram-me para a poeira da morte, e agravaram a dor das minhas chagas (Sl 68, 27).

¹¹ Adormeci e depois ressuscitei, e meu santíssimo Pai me acolheu na glória (Sl 72, 24).

¹² Pai santo, tu me pegaste da mão direita e me conduziste segundo a tua vontade, e me fizeste subir à glória (Sl 72, 24).

¹³ Que me interessa a mim no céu senão a ti, e, se estou contigo, que havia eu de desejar sobre a terra? (Sl 72, 25).

¹⁴ Repara, repara bem que eu sou Deus, diz o Senhor; hei-de ser exaltado sobre as gentes, e exaltado sobre a terra (SI 45, 11).

¹⁵ Bendito o Senhor Deus de Israel, que remiu as almas dos seus servos com o próprio sangue santíssimo, e não abandona os que nele esperam (SI 33, 23).

¹⁶ E sabemos que ele vem, e que virá fazer justiça (SI 95, 13).

A Vésperas

Antífona: Santa Virgem Maria.

Salmo 7

¹ Gentes todas, aplaudi, batendo palmas; aclamai a Deus com vozes de alegria (SI 46, 2).

² Porque o Senhor é excelso, é terrível; é o grande rei da terra inteira (SI 46, 3).

³ Porque o santíssimo Pai do céu, nosso Rei, desde a eternidade resolveu enviar lá do alto a seu Filho dilecto e operou a salvação no meio da terra (SI 73, 12).

⁴ Alegrem-se os céus, exulte a terra, rumoreje o mar e tudo o que ele encerra; exultem os campos e quanto neles há (SI 95, 11-12).

⁵ Cantai-lhe um cântico novo, cantai ao Senhor, gentes de toda a terra.

⁶ Porque o Senhor é grande, e imensamente digno de louvor, é mais de temer do que todos os deuses (SI 95, 4).

⁷ Tributai ao Senhor, ó linhagem dos povos, tributai ao Senhor honra e glória, tributai ao Senhor a glória devida ao seu nome (SI 95, 7-8).

⁸ Oferecei-lhe os vossos corpos e carregai a sua santa cruz e segui até ao fim os seus santos mandamentos (Lc 14, 27; I Ped. 2, 21).

⁹ Que perante ele trema toda a terra; dizei às nações que é o Senhor quem reina (Sl 95, 9-10).

E até aqui se diz todos os dias desde a Sexta-feira Santa até à festa da Ascensão. Mas na festa da Ascensão acrescentam-se mais estes versículos:

¹⁰ E subiu aos céus e nos céus está sentado à direita do seu santíssimo Pai; sê grande, lá nas alturas do céu, ó Deus!, e que a tua glória resplandeça sobre toda a terra (Sl 56, 12).

¹¹ E sabemos que ele vem, que virá fazer justiça (Sl 95, 13).

E note-se que desde a Ascensão até ao Advento do Senhor se diz também cada dia este salmo, Gentes todas, com os sobreditos versículos, acrescentando no fim o Glória ao Pai.

E advirta-se ainda que os sobreditos salmos se dizem desde a Sexta-feira Santa até ao dia de Páscoa; depois, desde a oitava do Pentecostes até ao Advento, e desde a oitava da Epifania até Quinta-feira Santa, excepto os Domingos e Festas principais, nas quais se não dizem, mas dizem-se em todos os demais dias.

II PARTE

No tempo pascal, a partir de Completas de Sábado Santo

A Completas

Antífona. Santa Virgem Maria.

Salmo 8

¹ Ó Senhor, vem em meu socorro; Senhor, dá-te pressa em ajudar-me.

² Que sejam confundidos e cobertos de vergonha quantos pretendem tirar-me a vida.

³ Retirem-se cobertos de ignomínia os que se deleitam nos meus males.

⁴ Retirem-se cobertos de ignomínia quantos nos meus dias de desgraça gritam: é bem feito! é bem feito!

⁵ Exultem, porém, e alegrem-se em ti todos os que te procuram; e os que desejam a tua salvação digam sempre: grande é o Senhor.

⁶ Eu, de mim, sou pobre e necessitado; ó Deus, vem em meu socorro.

⁷ Tu és quem me ajuda e me liberta; não tardes em vir, Senhor! (Sl 69, 2-6).

Este salmo diz-se todos os dias a Completas até à oitava do Pentecostes.

No Domingo de Páscoa

A Matinas

Antífona: Santa Virgem Maria.

Salmo 9

¹ Cantai ao Senhor um cântico novo, porque operou maravilhas (Sl 97, 1).

² A sua dextra e o seu santo braço sacrificaram a seu amado Filho (Sl 97, 1).

³ O Senhor manifestou a sua salvação, revelou a sua justiça perante as gentes (Sl 97, 2).

⁴ Nesse dia o Senhor mandou a sua misericórdia, e de noite, agradecido, o vou cantar (Sl 41, 9).

⁵ Este é o dia que o Senhor fez; por ele alegremo-nos e regozijemo-nos (Sl 117, 24).

⁶ Bendito o que vem em nome do Senhor; Deus é o Senhor que nos iluminou (Sl 117, 26-27).

⁷ Alegrem-se os céus e exulte a terra, rumoreje o mar e tudo o que ele encerra; regozijem-se os campos e tudo o que neles existe (Sl 95, 11-12).

⁸ Oferecei ao Senhor, ó famílias dos povos; oferecei ao Senhor honra e glória; tributai ao Senhor a glória devida ao seu nome (Sl 95, 7-8).

Diz-se assim desde o Domingo de Páscoa até à festa da Ascensão, sempre a todas as Horas, excepto a Vésperas e a Completas e a Prima. Na noite da Ascensão acrescentam-se os seguintes versículos:

⁹ Reinos da terra, cantai a Deus, entoai salmos ao Senhor (Sl 67, 33).

¹⁰ Entoai salmos a Deus, que sobe aos céus, para o Oriente (Sl 67, 33-34).

¹¹ Eis que faz ouvir a sua voz potente; dai glória a Deus por Israel; a sua magnificência e o seu poder estão sobre as nuvens (Sl 67, 34-35).

¹² Deus, o Deus de Israel, é admirável desde o seu santuário; é Ele que dá força e poder ao seu povo. Bendito seja Deus! (Sl 67, 36).

Note-se que este salmo se diz todos os dias, com os sobreditos versículos, desde a Ascensão do Senhor até à oitava do Pentecostes, a Matinas e Tércia e Sexta e Noa, dizendo-se o Glória ao Pai aí, onde se diz Bendito seja Deus, e não noutros lugares. Note-se, ainda, que, do mesmo modo, se dizem as Matinas nos domingos e Festas principais, desde a oitava do Pentecostes até Quinta-feira Santa, dia em que o Senhor comeu a Páscoa com os seus discípulos. Também se pode dizer a Matinas ou a Vésperas, se quiser, o salmo Exaltar-te-ei, ó Senhor (salmo 29) como vem no saltério, mas só desde a Páscoa à Ascensão.

A Prima

Antífona: Santa Virgem Maria.

Salmo: Tem compaixão de mim, ó Deus, tem compaixão de mim... *(como anteriormente. Salmo 3).*

A Tércia, Sexta e Noa

Salmo: Cantai ao Senhor um cântico novo... *(como acima, Salmo 9).*

A Véspera

Salmo: Gentes todas, aplaudi, batendo palmas...
(*como acima, Salmo 7*).

III PARTE

Nos Domingos e Festas principais

Aqui começam outros salmos que o nosso Bem-aventurado Pai S. Francisco compôs, do mesmo modo, para serem recitados em lugar dos precedentes salmos da Paixão, nos domingos e Festas principais, desde a oitava do Pentecostes até ao Advento, e desde a oitava da Epifania até Quinta-feira Santa.

A Completas

Antífona: Santa Virgem Maria.

Salmo: Ó Senhor, vem em meu socorro... (*como acima, Salmo 8*).

A Matinas

Antífona: Santa Virgem Maria.

Salmo: Cantai ao Senhor um cântico novo... (*como acima, Salmo 9*).

A Prima

Antífona: Santa Virgem Maria.

Salmo: Tem compaixão de mim, ó Deus... (*como acima, Salmo 3*).

A Tércia

Antífona: Santa Virgem Maria.

Salmo 10

¹ Povos todos da terra, aclamai o Senhor, cantai salmos em seu nome, dai-lhe glória e louvor (Sl 65, 1-2).

² Dizei a Deus: Quão assombrosas são as tuas obras, ó Senhor;/ até os teus inimigos te lisonjeiam com palavras de louvor, espantados pela grandeza do teu poder (Sl 65, 3).

³ Que toda a terra te adore e cante; cante ao teu nome um salmo de louvor (Sl 65, 4).

⁴ Vinde e ouvi vós todos os que temeis a Deus, vou contar-vos quantas maravilhas ele fez à minha alma (Sl 65, 16).

⁵ Com os meus lábios o invoquei e da minha língua brotou o seu louvor (Sl 65, 17).

⁶ E ele ouviu a minha voz, lá desde o seu templo santo, e até ele subiu o meu clamor (Sl 17, 7).

⁷ Bendizei, ó povos, o nosso Senhor e fazei ressoar os seus louvores (Sl 65, 8).

⁸ E nele serão abençoadas todas as tribos da terra, /todas as nações o vão engrandecer (Sl 71, 17).

⁹ Bendito seja o Senhor Deus de Israel (Lc 1, 68); o único que opera maravilhas (Sl 71, 18).

¹⁰ E bendito seja o seu nome glorioso; e toda a terra seja cheia da sua glória, Assim seja. Assim seja (Sl 71, 19).

A Sexta

Antífona. Santa Virgem Maria.

Salmo 11

¹ Ouça-te o Senhor no dia da tribulação, proteja-te o nome do Deus de Jacob (Sl 19, 2).

² Que desde o seu santuário te envie o seu auxílio e desde Sião te ampare (Sl 19, 3).

³ Que se lembre de todos os sacrifícios que lhe ofertas, e receba com agrado o teu holocausto (Sl 19, 4).

⁴ Que te conceda o que o teu coração deseja e realize todos os teus desígnios (Sl 19, 5).

⁵ Alegrar-nos-emos com a tua salvação e em nome do Senhor nosso Deus seremos engrandecidos (Sl 19, 6).

⁶ Que o Senhor atenda as tuas preces; agora sei que o Senhor enviou a seu Filho Jesus Cristo (Jo 4, 9; Sl. 19, 7), e julgará os povos com justiça (Sl 9, 9).

⁷ O Senhor fez-se refúgio para o pobre, socorro nas necessidades, na tribulação; que esperem em ti os que conhecem o teu nome (Sl 9, 10-11).

⁸ Bendito seja o Senhor meu Deus (Sl 143, 1), porque se fez para mim asilo e refúgio no dia da tribulação (Sl 58, 17).

⁹ Ó meu protector, eu te cantarei com salmos, porque és, ó Deus, o meu refúgio, meu Deus, minha misericórdia (Sl 58, 18).

A Noa

Antífona: Santa Virgem Maria.

Salmo 12

¹ Esperei em ti, Senhor! Que eu não seja confundido eternamente; que a tua justiça me liberte e me defenda! (Sl 70, 1-2).

² Presta-me ouvidos e salva-me (Sl 70, 2).

³ Que sejas para mim um Deus protector e lugar de refúgio, /onde me possa salvar (Sl 70, 3).

⁴ Porque só tu, Senhor, me dás coragem; Senhor, só em ti espero desde a minha juventude (Sl 70, 5).

⁵ Em ti me apoiei desde o seio materno, desde as entranhas de minha mãe que és o meu amparo; sempre, sem cessar, te cantarei (Sl 70, 6).

⁶ Encha-se a minha boca de louvores, para cantar a tua glória; e o dia inteiro eu cante tuas grandezas (Sl 70, 8).

⁷ Escuta-me, Senhor, porque a tua misericórdia é cheia de bondade; olha para mim segundo a abundância da tua compaixão (Sl 68, 17).

⁸ Não desvies o teu rosto, do teu servo; dá-te pressa em atender-me, porque estou atribulado (Sl 68, 18).

⁹ Bendito Deus, o meu Senhor, porque se fez meu protector e meu refúgio no dia da minha tribulação (Sl 58, 17).

¹⁰ O meu protector, eu te cantarei com salmos, porque és o meu refúgio; o meu Deus, a minha misericórdia (Sl 58, 18).

A Vésperas

Antífona: Santa Virgem Maria.

Salmo: Gentes todas, aplaudi, batendo palmas...
(como acima: Salmo 7).

IV PARTE

No tempo do Advento do Senhor

Começam outros salmos, que, do mesmo modo, compôs o nosso bem-aventurado Pai Francisco, para se dizerem em lugar dos salmos sobreditos da Paixão do Senhor, desde o Advento do Senhor até à vigília da Natividade, e não mais.

A Completas

Antífona. Santa Virgem Maria.

Salmo 13

¹ Até quando, Senhor, continuarás a esquecer-me?
Até quando me ocultarás a tua face? (Sl 12, 1)

² Até quando revolverei a dor na minha alma e a aflição no meu coração cada dia? (Sl 12, 2).

³ Até quando prevalecerá sobre mim o meu inimigo?
Olha para mim e atende-me, ó Senhor, meu Deus (Sl 12, 4).

⁴ Dá luz aos meus olhos, não vá eu adormecer no sono da morte; para que o meu inimigo não possa dizer: «Venci-o» (Sl 12, 4).

⁵ Os meus inimigos exultariam se me vissem caído por terra; mas na tua misericórdia pus a minha confiança (Sl 12, 5).

⁶ Exultará meu coração com o teu socorro; cantarei ao Senhor que me fez bem, cantarei salmos ao nome do Senhor altíssimo (Sal12, 6).

A Matinas

Antífona: Santa Virgem Maria.

Salmo 14

¹ Cantar-te-ei, Senhor, Pai santíssimo, Rei do céu e da terra, por me teres consolado (Is 12, 1; Mt 11, 25).

² Tu és o meu Deus e Salvador; andarei com confiança e sem temor (Is 12, 2).

³ O Senhor é a minha força e o meu louvor; ele se fez a minha salvação (Sl 117, 14).

⁴ A tua dextra, Senhor, é poderosa, a tua dextra derrotou o inimigo, e na grandeza da tua glória prostraste os meus inimigos (Ex 15, 6-7).

⁵ Que os pobres vejam e se regozijem; buscai a Deus e viverá a vossa alma (Sl 68, 33).

⁶ Louvem-no os céus e a terra, o mar e tudo o que nele se move (Sl 68, 35).

⁷ Porque Deus salvará Sião e reedificará as cidades de Judá (Sl 69, 36).

⁸ E nelas voltarão a habitar e recebê-las-ão em herança (Sl 68, 36).

⁹ Os descendentes dos teus servos não-de possuir Sião e não-de morar nela os que amam o seu nome (Sl 68, 37).

A Prima

Antífona: Santa Virgem Maria.

Salmo: Tem compaixão de mim, ó Deus... *(como acima Salmo 3).*

A Tércia

Antífona: Santa Virgem Maria.

Salmo: Povos todos da terra, aclamai o Senhor... *(como acima: Salmo 10).*

A Sexta

Antífona: Santa Virgem Maria.

Salmo: Ouça-te o Senhor no dia da tribulação... *(como acima: Salmo 11).*

A Noa

Antífona. Santa Virgem Maria.

Salmo: Esperei em ti, Senhor! Que eu não seja confundido... *(como acima: Salmo 12).*

A Vésperas

Antífona. Santa Virgem Maria.

Salmo: Gentes todas, aplaudi, batendo palmas... *(como acima: Salmo 7).*

Note-se também que não se diz todo o salmo, mas só até ao versículo Que perante ele trema toda a terra. Mas diz-se por inteiro o verso Oferecei-lhe os vossos corpos ...

Ao fim deste verso, diz-se aí o Glória ao Pai. E assim se diz a Vésperas todos os dias, desde o Advento até à vigília do Natal.

V PARTE

No tempo do Natal do Senhor até à oitava da Epifania.

A Vésperas

Antífona: Santa Virgem Maria.

Salmo 15

¹ Glorificai a Deus, nosso auxílio; louvai o Senhor Deus, vivo e verdadeiro, com cânticos de alegria (Sl 42, 6).

² Porque o Senhor é o Altíssimo, o terrível, o grande rei de toda a terra (Sl 46, 3).

³ Porque o santíssimo Pai do céu, nosso Rei desde a eternidade, mandou lá do alto o seu dilecto Filho, e ele nasceu da bem-aventurada Virgem Santa Maria.

⁴ Ele me invocou: «Tu és meu Pai»; e eu farei dele o meu primogénito, acima dos reis da terra (Sl 88, 27-28).

⁵ E naquele dia o Senhor Deus mandou a sua misericórdia, e um cântico que encheu a noite (Sl 41, 9).

⁶ Eis o dia que o Senhor fez; exultemos e alegremo-nos com ele (Sl 117, 24).

⁷ Porque nos foi dado o santíssimo e dilecto Menino, e por nós (Is. 9, 5) nasceu durante uma viagem e foi deitado num presépio, por não haver lugar para ele na estalagem (Lc 2, 7).

⁸ Glória ao Senhor Deus no mais alto dos céus, e na terra paz aos homens de boa vontade (Lc 2, 14).

⁹ Alegrem-se os céus, exulte a terra, rumoreje o mar e quanto ele encerra; regozijem-se os campos e tudo o que neles existe (Sl 95, 11-12).

¹⁰ Cantai-lhe um cântico novo; gentes todas da terra, cantai ao Senhor (Sl 95, 1).

¹¹ Porque o Senhor é grande e digno de todo o louvor, temível sobre todos os deuses (Sl 95, 4).

¹² Dai ao Senhor, ó família das gentes, dai ao Senhor honra e glória, dai ao Senhor a glória devida ao seu nome (Sl 95, 7-8).

¹³ Oferecei-lhe o vosso corpo para levar a sua santa cruz e segui até ao fim os seus mandamentos santíssimos (Rm 12, 1; Lc 14, 27; I Pe 2, 21).

Note-se que este salmo se diz desde o Natal do Senhor até à oitava da Epifania, a todas as Horas.

8. SAUDAÇÃO À BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA (SVM)

Introdução

Na tradição manuscrita com frequência esta saudação à Santíssima Virgem Maria segue imediatamente a Saudação às Virtudes. Além disso, o último verso da Saudação à B. V. M. é de novo uma saudação às virtudes, o que insinua haver uma relação estreita entre as duas composições. Daí pensarem alguns investigadores modernos que formariam inicialmente uma peça única. Uma espécie de quadro vivo em que, precedida do cortejo das virtudes, Maria entraria em cena como rainha e personificação de todas elas. Com este enquadramento cénico, a contemplação de Maria aparece com uma riqueza de matizes sem fim, como se fora a luz branca desdobrada em tonalidades de mil cores.

Outros autores, porém, fundados em bons argumentos, não aceitam esta hipótese. Mas então, como composição separada, a Saudação à Senhora, no pensamento deles, se perde em variedade, aumenta em densidade teológica, pois toda se centra na acção da Santíssima Trindade, que elege e consagra Maria, convertendo-a em palácio, tabernáculo, morada, vestidura, serve e mãe de Deus. Cada uma destas imagens poéticas é para ser saboreada com demora e avidez. Se o fizermos, espontaneamente somos levados a reconhecer que, para além de Maria, o olhar enternecido de Francisco está contemplando mais alguém: O Menino de Greccio, filho de «la Madonna Poverella».

TEXTO

¹ Salve, Senhora santa Rainha, santa Mãe de Deus, Maria, virgem convertida em templo(Igreja) ⁸,

² e eleita pelo santíssimo Pai do céu, consagrada por Ele com o seu santíssimo amado Filho e o Espírito Santo Paráclito;

³ que teve e tem toda a plenitude da graça e todo o bem!

⁴ Salve, palácio de Deus!

Salve, tabernáculo de Deus!

Salve, casa de Deus!

⁵ Salve, vestidura de Deus!

Salve, mãe de Deus!

⁶ E vós, todas as santas virtudes, que pela graça e iluminação do Espírito Santo sois infundidas no coração dos fiéis, para, de infiéis que somos, nos tornardes fiéis a Deus.

⁸ Os manuscritos mais antigos pode-se ler a *virgo perpetua*, virgem perpétua, em vez de *virgo ecclesia facta*, virgem feita Igreja. A ideia de Maria como Igreja e a Igreja como Maria aparece na Patrística e foi acentuada no Vat. II. (cf. Lehmann, p. 41)

9. SAUDAÇÃO ÀS VIRTUDES (SV)

Introdução

Já Tomás de Celano faz referência e cita textualmente esta composição de S. Francisco⁹. Daí que a respeito da sua autenticidade não haja dúvida alguma. A tradição manuscrita, bastante copiosa, é também concorde.

Significativos são, para a interpretação do texto, os muitos títulos que nessa tradição aparecem, à guisa de rubrica. Das virtudes de que foi ornada a Santa Virgem e o deve ser a alma santa; Saudação das Virtudes de que foi adornada a Santa Virgem e o deve ser a alma santa; Saudação das virtudes e sua eficácia para confundir os vícios; Recomendação das Virtudes; Sobre a concatenação das Virtudes; ou, simplesmente, Sobre as Virtudes.

Que haveria no espírito do santo poeta: encanto pelas virtudes, únicos adornos com que o bom religioso se deve preocupar? ... A intenção de as projectar sobre a Virgem Maria?... Outro qualquer pensamento? Eloquentemente é também a selecção que Francisco faz: a sabedoria, a simplicidade, a pobreza, a humildade, a caridade e a obediência. É o mesmo conteúdo que será desenvolvido nas Exortações.

Não menos reveladoras são as duas teses com que Francisco encerra a primeira parte: «Virtudes santíssimas, salve-vos o Senhor de quem vós procedeis e vindes»! As virtudes não são obra do homem, como

⁹ 2C 189

habitualmente se pensa, mas dom de Deus. E: «Não há ninguém no mundo que possa possuir a qualquer de vós, se primeiro não morrer para si próprio». É a definição da pobreza interior.

TEXTO

¹ Salve, ó rainha sabedoria, o Senhor te salve, com tua irmã, a santa pura simplicidade!

² Ó senhora santa pobreza, o Senhor te salve, com tua irmã, a santa humildade!

³ Ó senhora santa caridade, o Senhor te salve, com tua irmã, a santa obediência!

⁴ Todas as virtudes santíssimas, salve-vos o Senhor, de quem vós procedeis e vindes!

⁵ Não há ninguém no mundo que logre possuir qualquer de vós, se primeiro não morreu para si próprio.

⁶ Quem possuir uma e não ofender as outras, possui a todas.

⁷ E quem ofende a uma, não tem nenhuma e ofende a todas (Tg 2, 10).

⁸ E cada uma delas confunde vícios e pecados.

⁹ A Santa sabedoria confunde a Satanás, com toda a malícia das suas tentações.

¹⁰ A pura santa simplicidade confunde toda a sabedoria deste mundo (I Cor 2, 6) e a sabedoria da carne.

¹¹ A santa pobreza confunde a cobiça e avareza e as preocupações deste mundo.

¹² A santa humildade confunde a soberba e todos os homens que são deste mundo, assim como todas as mundanidades.

¹³ A santa caridade confunde todas as tentações do demónio e da carne e todos os temores carnis.

¹⁴ A santa obediência confunde todos os desejos dos sentidos e da carne; ¹⁵ e traz o corpo mortificado na sujeição ao espírito e na obediência ao seu irmão, ¹⁶ e faz o homem submisso a todos os homens deste mundo; ¹⁷ e não só aos homens, mas ainda a todas as bestas e feras, ¹⁸ para que possam fazer dele o que quiserem, na medida em que lá do Alto o Senhor o permitir.



10. O CÂNTICO DAS CRIATURAS (CC)

Introdução

*O Cântico das Criaturas ou do Irmão Sol não precisa de apresentação. Pelo seu conteúdo e forma poética, escrito no dialecto da Úmbria, faz parte da literatura mundial. Qualquer comentário não faria senão empobrecer a fulgurante riqueza desta oração-poema. Da sua autenticidade nunca ninguém duvidou, atestada que vem por Celano e pela tradição manuscrita*¹⁰.

*Mas talvez não seja inútil uma palavra sobre a sua origem. Diz o códice 338 da Biblioteca Comunal de Assis: «Começam os louvores das Criaturas, que o bem-aventurado Francisco compôs, para louvor e honra de Deus, quando estava doente em S. Damião». Foi, pois, no meio dum sofrimento enorme, entre a estigmatização e a morte, que da alma de Francisco brotou este convite jubilante a todas as criaturas para louvarem o Senhor. Como acertadamente compara Celano, é deveras um novo «cântico dos três jovens na fornalha ardente». A fornalha ardente dos seus padecimentos. A Legenda Perusina descreve com pormenor esses tormentos*¹¹.

Mais uma palavra sobre alguns traços principais. Em primeiro lugar a expressão «mi Signore». É repetida nove vezes. O seu Senhor é de facto o centro e o objecto de todo o cântico. E que encanto comovedor

¹⁰ 1C 80, 109; 2C 213, 217; EP 100-101, 120, 123; Cf. LP 43

¹¹ LP 43

naquele pronome «mi», «Mi Signore»! – Depois o sentimento de fraternidade. Convidar as criaturas a louvar o Criador é tema comum nos salmos. Original o chamar-lhes enternecidamente irmãs. Outra nota: a presença de Cristo. Todo o cântico é um vibrar de gratidão. A grandeza, porém, dessa gratidão não resulta só dos benefícios que as criaturas proporcionam ao homem, mas do facto de sobre elas se projectar o fulgor do dom maior que Deus nos fez: o dom de Seu próprio Filho. Outra nota ainda: o realismo optimista que ilumina todas as criaturas. Estas são preciosas e belas, não em virtude de qualquer simbolismo misterioso, mas simplesmente serem o que são: sol, estrelas, água, terra, fogo, etc. Finalmente o perdão. O perdão é a forma de amor indispensável.

O Cântico das Criaturas não foi só um eflúvio de poesia. Teve também uma intenção apostólica. «Foi o sermão novo que o Santo mandou a seus frades pregar pelo mundo inteiro, a conquistá-lo para o amor de Deus». À parte as duas últimas estrofes, acrescentadas mais tarde, nos últimos dias do Santo, o cântico teria sido composto no inverno de 1224-1225.

TEXTO

¹ Altíssimo, onipotente, bom Senhor, a ti o louvor, a glória, a honra e toda a bênção.

² A ti só, Altíssimo, se hão-de prestar e nenhum homem é digno de te nomear.

³ Louvado sejas meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o meu senhor irmão Sol, o qual faz o dia e por ele nos alumia.

⁴ E ele é belo e radiante, com grande esplendor: de ti, Altíssimo, nos dá ele a imagem.

⁵ Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e as estrelas: no céu as acendeste, claras, e preciosas, e belas.

⁶ Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento e pelo ar, e nuvens, e sereno, e todo o tempo, por quem dás às tuas criaturas o sustento.

⁷ Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água, que é tão útil, e humilde, e preciosa e casta.

⁸ Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo, pelo qual alumias a noite, e ele é belo, e jucundo, e robusto e forte.

⁹ Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa, e produz variados frutos, com flores coloridas, e verduras.

¹⁰ Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam por teu amor e suportam enfermidades e tribulações.

¹¹ Bem-aventurados aqueles que as suportam em paz, pois por ti, Altíssimo, serão coroados.

¹² Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a morte corporal, à qual nenhum homem vivente pode escapar.

¹³ Ai daqueles que morrem em pecado mortal! Bem-aventurados aqueles que cumpriram tua santíssima vontade, porque a segunda morte não lhes fará mal.

¹⁴ Louvai e bendizei a meu Senhor, e dai-lhe graças e servi-o com grande humildade.

CARTAS

CARTAS

INTRODUÇÃO GERAL

Não possuímos todas as cartas escritas ou ditadas por São Francisco, mas, tendo em conta os costumes da época, aquelas que nos chegaram indicam uma actividade epistolar bastante intensa, que só encontra explicação no sentido fraternal do Santo e no seu zelo apostólico instancável. Algumas são na realidade cartas circulares, que ele desejava se multiplicassem e se difundissem entre os destinatários. Este desejo o declara ele expressamente no final de algumas delas¹.

Na Carta a Todos os Fiéis dá-nos a razão do seu procedimento: “Eu, o irmão Francisco... como servo de todos, a todos tenho obrigação de servir e ministrar as palavras do meu Senhor, cheias de suave perfume. E considerando comigo que, por minhas enfermidades e fraquezas do meu corpo, não posso ir visitar pessoalmente a cada um de vós, resolvi enviar-vos, pela presente carta, as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo

¹ Cf. 1CCt 9-10; 2CCt 6-7); 1CF 20-22; 2CF 88; CM 21; CO 47-48; CGP 8-9.

*que é o Verbo do pai, e as palavras do Espírito Santo, que são espírito e vida*².

Além destas onze Cartas, há notícias de outras escritas por Francisco: as que escreveu a Santa Clara, das quais faz alusão no Testamento e na terceira carta a Santa Inês de Praga; uma dirigida aos habitantes de Bolonha anunciando um terramoto, de que nos fala Eccleston (De Adventu...VI, 39); uma outra dirigida a Jacoba de Settesoli (cf. 3C 37...); outras dirigidas ao Cardeal Hugolino (cf. 1C 100).

² 2CF 2-3

1. CARTA A TODOS OS FIÉIS (1CF – 2CF)

Introdução

Dois textos aparecem na tradição manuscrita como “cartas a todos os fiéis”. Sabatier, que publicou a carta em 1900, a partir dum manuscrito de Volterra forma a opinião de que o mais breve seria como que um primeiro esboço para a redacção definitiva. Hoje a sua conjectura é já uma certeza entre os críticos.

A importância deste opúsculo, tanto na primeira como na segunda redacção, reside no facto de S. Francisco apresentar nele as ideias centrais para a vida daqueles que, desejando seguir seus caminhos de santidade, não podiam deixar a vida secular. Porém, para que essas ideias possam ser captadas com todo o seu vigor, é necessário que nunca as desliguemos da pessoa de Francisco. Não são coisas escritas num livro para se lerem. São palavras de alguém que está a falar diante de nós e que viveu aquilo que diz. Assim as frases que ele pronuncia permitem-nos intuir a sua vida interior e até a sua vida mística. Não é fácil fixar a data da sua composição. Talvez pelo ano de 1220.

A primeira redacção(1CF) aparece, no manuscrito de Volterra, com um título geral que geralmente não aparece nas edições e divide-se em três capítulos, começando cada um com uma maiúscula. Seguindo a última edição alemã de Lehmann, apresentamos o título geral e realçamos os três capítulos, sem alterar a divisão das Fontes I.

Na sua forma, a segunda redacção(2CF) mais parece uns estatutos que uma carta, (com muitos devemos... e não devemos...), o que faz com que Lehmann considere que a carta pode ser vista como a primeira regra escrita para a Ordem Franciscana Secular. Foi certamente escrita quatro ou cinco anos antes da morte de São Francisco. Para melhor compreensão do texto, seguimos a divisão em doze capítulos, tal como é apresentado em manuscritos antigos e que também é seguido por Lehmann ³.

TEXTO

PRIMEIRA REDACÇÃO

Estas são as palavras da vida e da salvação: quem as ler e praticar, tem a vida e a salvação do Senhor

I – Os que fazem Penitência

Em nome do Senhor!

¹ *A todos os que amam o Senhor com todo o coração, com toda a alma, com todo o entendimento, com todas as suas forças (Mt 12, 30), e amam o seu próximo como a si mesmos (Mt 22, 39); ² e aborrecem seus próprios corpos com seus vícios e pecados; ³ e recebem o Corpo e o Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo; ⁴ e fazem dignos frutos de penitência; ⁵ Oh! quão felizes e benditos são os homens e mulheres que praticam estas*

³ Cf. Lehmann, op. Cit pp. 146-160

coisas e perseveraram nelas! ⁶ porque *repousará sobre eles o espírito do Senhor* (Is 11, 2) e neles estabelecerá a sua morada e mansão (Jo 14, 23); ⁷ e são filhos do Pai celeste (Mt 5, 45), cujas obras fazem; e são esposos, irmãos e mães de nosso Senhor Jesus Cristo (Mt 12, 50).

⁸ Somos esposos, quando pelo Espírito Santo a alma se une a nosso Senhor Jesus Cristo. ⁹ Somos seus irmãos, quando cumprimos *a vontade de seu Pai que está nos céus* (Mt 12, 50); ¹⁰ somos suas mães, quando o levamos no coração e no corpo (1Cor 6, 20) pelo divino amor e pela pura e sincera consciência, e quando o damos à luz pelas santas obras, que devem brilhar aos olhos de todos para seu exemplo (Mt 5, 16).

¹¹ Oh! como é glorioso ter no céu um Pai santo e grande! ¹² Oh! como é santo ter um tal esposo, consolador, belo e admirável! ¹³ Oh! como é santo e amável ter um tal irmão e um tal filho, agradável, humilde, pacífico, doce, amável e mais que tudo desejável, Nosso Senhor Jesus Cristo, que deu a vida pelas suas ovelhas (Jo 10, 15) e orou ao Pai, dizendo:

¹⁴ *Pai santo, guarda em teu nome* (Jo 17, 11) *aqueles que me deste no mundo; eram teus e tu mos deste* (Jo 17, 6). ¹⁵ *As palavras que me deste a eles as dei, e eles receberam-nas e reconheceram que, na verdade, eu vim de ti e reconheceram que tu me enviaste* (Jo 17, 8). ¹⁶ *Rogo por eles, não rogo pelo mundo* (Jo 17, 9). ¹⁷ *Abençoa-os e santifica-os* (Jo 17, 17); *também eu me santifico a mim mesmo por eles* (Jo 17, 19). ¹⁸ *Não rogo somente por eles, mas também por aqueles que, pela sua palavra, hão-de crer em mim* (Jo 17, 20), *para que sejam perfeitos na unidade* (Jo 17, 23), *assim como nós o somos* (Jo 17, 11). ¹⁹ *E quero, Pai, que, onde eu estiver estejam eles também comigo, para que vejam a minha glória* (Jo 17, 24) no teu reino (Mt 20, 21). Amen.

II- Os que não fazem Penitência

¹ Porém todos aqueles que não vivem em penitência; ² e não recebem o Corpo e o Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo; ^{3,4} e sustentam vícios e pecados; e correm atrás das más concupiscências e maus desejos da sua carne e não guardam o que prometeram ao Senhor; ⁵ e com o seu corpo são escravos do mundo pelos desejos carnis, pelas solitudes deste século e pelas preocupações desta vida; ⁶ seduzidos pelo diabo, de quem são filhos e cujas obras praticam (Jo 8, 41), todos esses são cegos, ⁷ porque não vêem a luz verdadeira, que é nosso Senhor Jesus Cristo.

⁸ Não possuem a sabedoria do espírito, porque não têm em si o Filho de Deus, que é a verdadeira sabedoria do Pai. Destes foi dito: ⁹ *A sua sabedoria desvaneceu-se* (Sl 106, 27); e: *Malditos aqueles que se afastam dos teus mandamentos* (Sl 118, 21). ¹⁰ Vêem e conhecem, sabem e fazem o mal, e deliberadamente perdem as suas almas.

¹¹ Olhai, ó cegos, que andais enganados pelos vossos inimigos, a carne, o mundo e o diabo, porque ao corpo agrada cometer o pecado e repugna servir a Deus; ¹² pois que todos os vícios e pecados brotam e *procedem do coração do homem*, como diz o Senhor no Evangelho (Mc 7, 21).

¹³ E nada tendes neste século nem no vindouro.

¹⁴ Pensais possuir por muito tempo as vaidades deste mundo, mas estais enganados, porque virão o dia e a hora que não suspeitais, que desconheceis e ignorais. E então o corpo debilita-se, aproxima-se a morte, e assim se morre de morte amarga.

¹⁵ E onde, quando e como quer que o homem morra em pecado mortal sem penitência e sem satisfação, e, podendo satisfazer o não faz, o diabo arrebatá-lhe a

alma do corpo com tão grande angústia e tribulação, que ninguém pode conhecê-las, a não ser quem as experimenta.

¹⁶ E todos os talentos e poder, ciência e sabedoria, que julgavam ter, lhes serão tirados (Lc 8, 18; Mc 4, 25).

¹⁷ E deixam os bens aos parentes e amigos, que os levam e dividem e depois dizem: Maldita seja a sua alma, porque mais nos pudera ter deixado e ter ganhado mais do que ganhou.

¹⁸ O corpo torna-se pasto dos vermes e, assim, perdem corpo e alma nesta vida que é breve, e cairão no inferno, onde eternamente serão atormentados.

III- Última recomendação

¹⁹ A todos aqueles a quem chegar esta carta, rogamos, pela caridade que é Deus (1Jo 4, 16), que benignamente acolham as sobreditas odoríferas palavras de nosso Senhor Jesus Cristo. ²⁰ E aqueles que não sabem ler, peçam a outros que lhas leiam com frequência; ²¹ e tenham-nas sempre presentes até ao fim mediante a prática de obras santas, porque são *espírito e vida* (Jo 6, 64).

²² E os que assim não fizerem terão de prestar *contas, no dia do juízo* (Mt 12, 36), *perante o tribunal de* nosso Senhor *Jesus Cristo* (Rm 14, 10).

SEGUNDA REDACÇÃO

*Em nome do Senhor, Pai e Filho e Espírito Santo.
Amen.*

¹ A todos os cristãos, religiosos, clérigos e leigos, homens e mulheres, a todos os que habitam pelo mundo além, o irmão Francisco, seu servo e súbdito, envia reverentes saudações, paz verdadeira do céu e caridade sincera no Senhor.

² Como servo de todos, a todos tenho obrigação de servir e ministrar as palavras do meu Senhor, cheias de suave perfume. ³ E considerando comigo que, devido às enfermidades e fraqueza do meu corpo, me é impossível visitar pessoalmente a cada um de vós, resolvi comunicar-vos, por meio desta carta e de mensageiros, as palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, que é o Verbo do Pai, e as palavras do Espírito Santo, que são *espírito e vida* (Jo 6, 64).

1-A Palavra do Pai

⁴ O Pai altíssimo, pelo seu arcanjo S. Gabriel, anunciou à santa e gloriosa Virgem Maria (Lc 1, 31), que esse Verbo do mesmo Pai, tão digno, tão santo e glorioso, ia descer do céu, a tomar a carne verdadeira da nossa humana fragilidade em suas entranhas. ⁵ E *sendo Ele mais rico do que tudo* (2 Cor 8, 9), quis, no entanto, com sua Mãe bem-aventurada, escolher vida de pobreza.

⁶ E ao aproximar-se a sua Paixão, celebrou a Páscoa com seus discípulos, e *tomando o pão, deu graças e o abençoou e partiu, dizendo: Tomai e comei, isto é o meu corpo* (Mt 26, 26). ⁷ E tomando o cálice, disse: Este é o meu sangue da nova Aliança, que por vós e por muitos

vai ser derramado, para remissão dos pecados (Mt 26, 26-28). ⁸ E depois orou ao Pai, dizendo: *Pai, se é possível, passe de mim este cálice* (Mt 26, 39). ⁹ *E sobreveio-lhe um suor como de gotas de sangue, que escorria até ao chão* (Lc 22, 44). ¹⁰ Pôs, todavia, a sua vontade na vontade do Pai, dizendo: *Pai, faça-se a tua vontade, não como eu quero, mas como tu queres* (Mt 26, 39).

¹¹ Ora, a vontade do Pai foi esta: Que seu Filho, bendito e glorioso, que ele nos havia dado e que por nós nascera, se oferecesse, por seu próprio sangue, como sacrifício e hóstia, no altar da cruz; ¹² não por si mesmo, *por quem todas as coisas foram feitas* (Jo 1, 3), mas pelos nossos pecados, ¹³ *deixando-nos seu exemplo, para seguirmos seus passos* (1Ped, 2-21). ¹⁴ E quer que todos sejamos salvos por ele, e que o recebamos com um coração puro e num corpo casto. ¹⁵ Todavia, poucos são os que o querem receber e ser salvos por ele, não obstante *o seu jugo ser suave e o seu peso leve* (Mt 11, 30).

2- Malditos os que recusam os mandamentos; benditos os que os cumprem

¹⁶ Os que se recusam *provar como o Senhor é suave* (Sl 33, 9) e *mais amam as trevas do que a luz* (Jo 3, 19), negando-se a cumprir os mandamentos de Deus, têm a sua maldição. ¹⁷ Deles foi dito pelo Profeta: *Malditos os que se apartam dos teus mandamentos* (Sl 118, 21). ¹⁸ Pelo contrário, que felizes e benditos são os que amam o Senhor, e praticam o que o mesmo Senhor diz no Evangelho: *Amarás ao Senhor teu Deus, com todo o teu coração e com toda a tua alma, e ao teu próximo como a ti mesmo* (Mt 22, 37 e 39).

3- Amemos e adoremos a Deus

¹⁹ Sim, amemos a Deus e adoremo-lo com um coração puro e alma simples, porque é isso o que ele mais que tudo deseja quando afirma: *Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade* (Jo 4, 23).²⁰ Porque todos os que o adoram, devem adorá-lo em espírito e verdade (Jo 4, 24).²¹ Dia e noite lhe dirijamos louvores e preces, dizendo: *Pai nosso, que estais nos céus, porque importa orar sempre e sem cessar* (Lc 18, 1).

4- Da confissão e comunhão

²² Devemos, além disso, confessar ao sacerdote todos os nossos pecados, e receber de suas mãos o Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.²³ Quem não come a sua carne e não bebe o seu sangue, *não pode entrar no reino de Deus* (Jo 3, 5).²⁴ Mas coma e beba dignamente, porque *quem indignamente o recebe, come e bebe a sua própria condenação, não discernindo o Corpo do Senhor* (1Cor 11, 29), isto é, não o distinguindo dos outros alimentos.²⁵ E façamos *dignos frutos de penitência* (Lc 3, 8).²⁶ E amemos ao nosso próximo como a nós mesmos (Mt 22, 39).²⁷ E quem não quiser ou puder amá-lo como a si mesmo, ao menos não lhe faça mal, mas, sim, lhe faça bem.

5- Da misericórdia dos poderosos e do valor da esmola

²⁸ Os que receberam o poder de julgar os outros, julguem-nos com misericórdia, como querem que o Senhor os julgue a eles.²⁹ *Porque sem misericórdia será julgado aquele que não usou de misericórdia* (Tg 2, 13).³⁰ Sejamos, pois, caridosos e humildes, e demos esmola, porque a esmola lava as almas das imundícies do peca-

do (Tb 31 31 4, 11). ³¹ Os homens, de verdade, perdem tudo o que neste mundo deixam, mas levam consigo o preço da sua caridade e as esmolas que houverem feito, e delas receberão do Senhor recompensa e digna remuneração.

6- Do jejum corporal e da penitência ⁴

³² Devemos também jejuar e abster-nos de vícios e pecados (Ecl 3, 32) e de excessos na comida e na bebida. ³³ Devemos ser católicos; frequentar as igrejas e reverenciar os sacerdotes, não tanto por si, se são pecadores, mas pelo ofício que têm de administrar o santíssimo Corpo e Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, que eles sacrificam no altar, e recebem e distribuem aos demais.

³⁴ E firmemente nos compenetrems disto: Que ninguém se pode salvar, senão pelo Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo e pelas santas palavras do Senhor, ³⁵ que os sacerdotes proclamam, pregam e administram, e só a eles pertence administrar e não aos outros.

³⁶ E de um modo especial os religiosos que renunciaram ao mundo, lembrem-se que estão obrigados a *fazer mais e melhores coisas, sem no entanto omitir as demais* (Lc 11, 42).

⁴ Francisco liga o jejum e a penitência ao amor à Igreja católica. São frases dirigidas contra os cátaros, que pregando uma ascese radical se queriam separar da igreja pecadora, dos seus sacramentos e sacerdotes.

7- Da negação de si mesmo, do amor aos inimigos e da obediência

³⁷ Devemos aborrecer o nosso corpo com seus vícios e pecados, pois o Senhor diz no Evangelho que todos os vícios e pecados *procedem do coração* (Mt 15, 38-18-19; Mc 7, 23).

³⁸ *Devemos amar aos nossos inimigos, e fazer bem àqueles que nos odeiam* (Mt 5, 44; Lc 6, 27).

³⁹ Devemos observar os preceitos e conselhos de nosso Senhor Jesus Cristo.

⁴⁰ Devemos, além disso, renunciar a nós mesmos e submeter o nosso corpo ao jugo da servidão e da santa obediência, conforme prometemos ⁴¹ ao Senhor. Mas ninguém está obrigado por obediência a obedecer àquele que lhe manda o que é pecado ou delito.

8- Da autoridade como serviço

⁴² Porém, aquele que tem ofício para ser obedecido, e que é *tido por maior* em dignidade, *seja como menor* (Lc 22, 26) e servo dos demais irmãos ⁴³ e use com eles de misericórdia, como quereria que com ele usassem, se estivesse no lugar deles. ⁴⁴ Nem, pelo pecado de um irmão, contra ele se irrite, mas, com toda a paciência e humildade, bondosamente o admoeste e encoraje.

9- De como cada um se deve julgar

⁴⁵ Não devemos ser *sábios e prudentes segundo a carne* (1Cor 1, 26), mas procuremos, sim, ser simples, humildes e puros. ⁴⁶ E façamos de nossos corpos objecto de opróbrio e desprezo, porque todos, por nossos pecados, somos desgraçados e pútridos, fétidos e vermes, como diz o Senhor pelo Profeta: *Eu sou um verme e não*

um homem, o opróbrio dos homens e o rebotalho da plebe (Sl 21, 7). ⁴⁷ Nunca devemos desejar estar acima dos outros, mas antes devemos ser servos e sujeitos a toda a humana criatura por amor de Deus (Pe 2, 13).

10 - Da felicidade dos filhos de Deus

⁴⁸ E todos os que assim procederem, e perseverarem até ao fim, *sobre eles repousará o espírito do Senhor* (Is 11, 2) e neles fará morada e mansão (Jo 14, 23). ⁴⁹ E serão *filhos do Pai celeste* (Mt 5, 45), cujas obras fazem. ⁵⁰ E são esposos, irmãos e mães de nosso Senhor Jesus Cristo.

⁵¹ Somos esposos, quando pelo Espírito Santo a alma se une a Jesus Cristo.

⁵² Somos seus irmãos, quando *fazemos a vontade do seu Pai que está nos céus* (Mt 12, 50).

⁵³ Somos suas mães, quando o levamos no nosso coração e no nosso corpo, pelo amor e pela pura e sincera consciência, e o damos à luz pelas santas obras que devem brilhar aos olhos dos outros para seu exemplo (Mt 5, 6).

⁵⁴ Oh! como é glorioso ter no céu um Pai santo e grande!

⁵⁵ Oh! como é santo ter um esposo consolador formoso e admirável!

⁵⁶ Oh! como é santo e agradável ter um tal irmão e filho, apazível, humilde, pacífico, doce e mais que tudo desejável, que deu a vida pelas suas ovelhas (Jo 10, 15), e por nós pediu ao Pai, dizendo: *Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste* (Jo 17, 11). ⁵⁷ Pai todos os que me deste no mundo, eram teus, e tu mos deste (Jo 17, 6). ⁵⁸ *E as palavras que tu me deste, a eles as dei; e eles as receberam e ficaram sabendo que, de verdade, eu vim de ti, e creram que tu me enviaste* (Jo 17, 8). *Rogo por eles, não*

pelo mundo (Jo 17, 9); *abençoa-os e santifica-os* (Jo 17, 17). ⁵⁹ *Também eu por eles me santifico, para que sejam santificados* (Jo 17, 19) *na unidade, como nós o somos* (Jo 17, 11). ⁶⁰ *E, Pai, eu quero que onde eu estou, ali estejam eles comigo, para que vejam a minha glória* (Jo 17, 24) *no teu reino* (Mt 20, 21).

⁶¹ E, pois, tanto sofreu por nós e tantos bens nos deu e de futuro nos dará, que

toda a criatura no céu e na terra

e no mar e nos abismos,

renda a Deus louvor, glória e honra e bênção (Ap 5, 13);

⁶² *porque é ele a nossa virtude e fortaleza,*

ele que só é o bom (Lc 18, 19), *ele só o altíssimo,*

ele só o onipotente e admirável e glorioso,

ele só o santo, louvável e bendito por séculos

dos séculos sem fim. Amen.

11 - *Dos que não fazem Penitência*

⁶³ Mas todos aqueles que não vivem em penitência, e não recebem o Corpo e Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, antes, sim, vivem em vícios e pecados; ⁶⁴ e que correm atrás das más concupiscências e maus desejos e não cumprem o que prometeram; ⁶⁵ e com seu corpo são escravos do mundo e dos desejos carnis e dos cuidados e solitudes deste século e das preocupações desta vida, ⁶⁶ enganados pelo demônio, de quem são filhos e cujas obras fazem (Jo 8, 41), esses todos são cegos, porque não vêem a luz verdadeira que é nosso Senhor Jesus Cristo. ⁶⁷ Não têm sabedoria espiritual, porque não têm em si o Filho de Deus, que é a verdadeira sabedoria do Pai. Deles foi dito: *A sua sabedoria foi devorada* (Sl 106, 27). ⁶⁸ Vêem, conhecem, sabem, e todavia fazem o mal e deliberadamente perdem as suas almas.

⁶⁹ Olhai, ó cegos enganados pelos vossos inimigos que são a carne, o mundo e o demónio, que, se é doce praticar o pecado e amargo servir a Deus, é porque *do coração dos homem brotam e procedem* (Mc 7, 21. 23) todos os vícios e pecados, conforme se diz no Evangelho. ⁷⁰ E nenhum bem possuís neste mundo nem no outro. ⁷¹ Julgais que haveis de possuir por muito tempo as vaidades deste mundo, e estais enganados, porque virá o dia e a hora em que não pensais, e que desconheceis e ignorais.

12- *Dos doentes que não fazem penitência*

⁷² E então o corpo vos cairá doente, a morte avança, vêm os parentes e amigos e dizem:

– Faz as tuas últimas disposições.

⁷³ E a esposa e os filhos, e os parentes e amigos, fingem que choram. ⁷⁴ Ele olha e, vendo-os a chorar, levado de um mau impulso, pensando dentro de si, diz:

– Eis que deixo em vossas mãos a minha alma, o meu corpo e tudo quanto possuo.

⁷⁵ É na verdade maldito esse homem que confia e põe em tais mãos a sua alma e o seu corpo e os seus bens, pois dele diz o Senhor pelo profeta: ⁷⁶ *Maldito o homem que confia noutro homem* (Jr 17, 5).

⁷⁷ Mandam então vir o sacerdote e este pergunta-lhe:

– Queres receber a penitência de todos os teus pecados?

⁷⁸ E ele responde:

– Quero, sim.

– Queres satisfazer pelas faltas cometidas, reparar as injustiças e fraudes com os teus bens, conforme possas?

⁷⁹ E ele responde:

– Não!

E pergunta o sacerdote:

– Porque não?

⁸⁰ – Porque tudo deixei nas mãos de meus parentes e amigos.

⁸¹ E começa de perder a fala, e assim se fina aquele infeliz.

⁸² Pois saibam todos que, de qualquer maneira e seja onde for que um homem morra em pecado mortal sem reparação condigna, e podendo satisfazer o não fez, vem o demónio arrancar-lhe a alma do corpo com tanta angústia e tribulação, como só a quem o experimentou é dado bem conhecer.

⁸³ E todos os talentos e poder, ciência e sabedoria, que julgava ter, *lhe serão tirados* (Mc 4, 25). ⁸⁴ E os parentes e amigos tomam conta da herança, e entre si a dividem, e depois dizem:

– Maldita seja a sua alma, pois mais nos pudera ter deixado, mais pudera ter adquirido para nós do que aquilo que adquiriu.

⁸⁵ Entretanto os vermes lhe vão comendo o corpo. E assim perde a alma e o corpo nesta vida que é breve, e cai no inferno, onde sem fim será atormentado.

Súplica final e Bênção

⁸⁶ Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amen.

⁸⁷ A todos quantos receberem esta carta, eu, o irmão Francisco, menor servo vosso, vos peço e suplico pela *caridade que é Deus* (Jo 4, 16), e com o desejo de vos beijar os pés, que vos sintais obrigados a acolher, observar e guardar com humildade e amor estas palavras e as demais de nosso Senhor Jesus Cristo. E todos aqueles e aquelas que as receberem com benevolência, lhes derem atenção e enviarem cópias a outros, se no seu cumprimento *perseverarem até ao fim* (Mt 24, 13), que sobre eles venha a bênção do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amen.

2. CARTA AOS GOVERNANTES DOS POVOS (CGP)

Introdução

Com toda a probabilidade foi escrita depois do regresso do Oriente e da bula “Sane cum Olim” de Honório III. Portanto aí por 1220. O versículo 7, com o pedido de que todos os dias à noite um pregoeiro convide o povo a louvar e a dar graças ao Senhor Deus Omnipotente, faz pensar nos muezins muçulmanos. Seria pois uma sugestão que Francisco teria colhido por lá.

Além da exortação geral que não esqueçam os mandamentos do Senhor, o objectivo formal da carta é pedir que promovam o culto da Eucaristia.

Dado que só se conhece um manuscrito em latim não muito antigo e uma tradução castelhana, a autenticidade deste escrito foi posta em causa. Mas tanto o estilo como o conteúdo oferecem garantias de autenticidade.

TEXTO

¹ A todas as autoridades e cônsules, juízes e reitores, em qualquer parte da terra, e a quantos esta carta chegar, o irmão Francisco, vosso pequenino e desprezível servo em o Senhor, a todos vós deseja saúde e paz.

² Considerai e vede que o dia da morte se aproxima (Gn 47, 29).

³ Pelo que vos peço, com todo o respeito que me é possível, que os cuidados e as solitudes deste mundo que vos preocupam, não vos façam esquecer o Senhor nem desviar dos seus mandamentos; porque todos

aqueles que o esquecem e se *desviam dos seus mandamentos, têm a maldição e serão lançados por Ele ao esquecimento* (Ez 33, 13). ⁴ E quando vier o dia da morte, tudo quanto julgavam ter, lhes será tirado (Lc 8, 18). ⁵ E quanto mais sábios e poderosos tiverem sido neste mundo, tanto maiores tormentos padecerão no inferno (Sb 6, 6).

⁶ Por isso, encarecidamente vos aconselho a vós meus senhores, que, pondo de parte todos os cuidados e solitudes, façais penitência verdadeira e recebais com grande humildade, em sua santa memória, o santíssimo Corpo e o santíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

⁷ E procurai que o povo a vós confiado honre ao Senhor, fazendo que, todos os dias à noite, um mensageiro ou qualquer outro sinal o incite a louvar e dar graças ao Senhor Deus omnipotente.

⁸ E se assim não fizerdes, sabeis que haveis de dar contas diante do Senhor Vosso Deus Jesus Cristo, no dia do juízo.

⁹ Os que conservarem consigo este escrito e o observarem, saibam que serão abençoados pelo Senhor Deus.

3. CARTA A TODOS OS CLÉRIGOS (CCL)

Introdução

Também desta carta existem duas redacções. A primeira é de situar entre o Concílio IV de Latrão (1215) e a bula “Sane cum Olim” (22/11/1219). Só diferem uma da outra nos versículos 4 e 13. O manuscrito mais antigo, do ano de 1238, encontrou-se num missal da Abadia beneditina do Subiáco. Actualmente conserva-se na Biblioteca Vallicelana de Roma. Este texto termina com o Tau, o que é um testemunho do uso do Tau, tal como assinala Celano e Boaventura⁵.

Mais que de uma carta a clérigos, trata-se duma exortação sem destinatário certo e muitas vezes foi apresentada como tal.

Francisco dirige-se a todos clérigos, ele incluído (Nós os clérigos... 1. 8. 10). Uma vez mais o tema é a Eucaristia. Não como objecto de doutrinação teológica, mas de lamentação pela irreverência com que bastas vezes era ofendida; e de exortação ao respeito e santidade com que deveria ser cuidada, na linha da doutrina emanada do IV Concílio de Latrão.

⁵ Cf. 3C 3. 159; LM 4, 9; Lm 2, 9. Cf. Lehmann p. 143

TEXTO

¹ Consideremos, nós todos que somos clérigos, o grande pecado e ignorância de alguns a respeito do santíssimo Corpo e Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo e dos seus sacratíssimos nomes e das suas palavras escritas, com as quais se faz a consagração do seu Corpo. ² Nós sabemos que não podemos ter o Corpo do Senhor, sem a consagração feita pela Palavra. ³ Porquanto, do mesmo Altíssimo nada temos nem vemos neste mundo, corporalmente, senão seu Corpo e Sangue, nomes e palavras, pelos quais fomos criados e remidos *da morte para a vida* (1Jo 3, 14).

⁴ Ora, todos os que ministram tão santíssimos mistérios, considerem bem consigo, sobretudo os que indiscretamente o fazem, como são pobres os cálices e corporais e toalhas, nos quais se faz o sacrifício do Corpo e Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo. ⁵ E muitos abandonam o Corpo e Sangue do Senhor em lugares menos próprios, e levam-no pelo caminho sem respeito, e recebem-no indignamente, e o ministram aos outros sem discrição.

⁶ E os seus nomes e palavras escritas algumas vezes andam pelo chão a ser calcados aos pés, ⁷ porque o *homem animal* não entende as coisas que são de Deus (1Cor 2, 14).

⁸ E todas estas profanações não nos movem à piedade, quando é certo que o mesmo piedoso Senhor se entrega em nossas mãos, e somos nós os que o tratamos e todos os dias o recebemos em nossa boca?

⁹ Esquecemo-nos de que havemos de cair em suas mãos (Heb 10, 31)?

¹⁰ Emendemo-nos, portanto, sem demora e a valer, destas e de outras faltas semelhantes. ¹¹ E onde quer

que o santíssimo Corpo de nosso Senhor Jesus Cristo estiver desprezado e abandonado, que seja levado daí para lugar de mais respeito, onde fique bem guardado.

¹² E, do mesmo modo, os escritos com os nomes e palavras do Senhor, sempre que forem encontrados em lugares menos limpos, sejam recolhidos e colocados em lugares convenientes.

¹³ E nós sabemos que estamos obrigados a observar todas estas coisas com todo o rigor, conforme o preceito do Senhor e as leis da nossa Mãe a santa Igreja ⁶. ¹⁴ E quem assim não fizer, saiba que há-de dar *contas no dia do juízo* perante nosso Senhor Jesus Cristo (Mt 12, 36).

¹⁵ E quem espalhar cópias deste escrito, para se observar o que nele se diz, saiba que tem a bênção do Senhor.

T

⁶ Na versão mais antiga: “E nós sabemos que devemos observar tudo isto, segundo o mandamento do Senhor e as determinações (constitutiones) da Santa Madre Igreja”. Francisco refere-se à bula “*Sane cum Olim*” de 1219/1220. Isto significa que a versão mais antiga só podia ser escrita depois do regresso de Francisco do Oriente, em Março de 1220. Cf. Lehmann p. 145

4. CARTA A TODA A ORDEM (CO)

Introdução

Entre os escritos de S. Francisco, se exceptuarmos a Regra e o testamento, é o que tem uma tradição manuscrita mais abundante. Em muitos códices e edições aparece como carta dirigida a um capítulo geral, mas noutros códices de não menor valia aparece dirigida a toda a Ordem ou a todos os irmãos. Caetano Esser opta por esta segunda hipótese, mais condizente quer com a introdução quer com o final da carta.

Esta mudança de título tem importância para o problema da datação. Não haverá que perguntar qual o capítulo a que a carta teria sido dirigida, mas poder-se-á procurar a data com mais liberdade. Alguns aproximam-na da bula “Sane cum Olim” de Honório III. Portanto, 1220. Seria uma explicação e recomendação das intenções de Honório, dirigida por Francisco aos irmãos. Outros alargam um pouco mais esse período, para perto de 1223. Outros ainda, descobrindo na carta uma semelhança grande com o Testamento, no que à temática se refere, preferem o ano de 1226.

O tema central é de novo a Eucaristia, a que se segue logo o tema da Palavra do Senhor; e, sobre o fim, vem uma recomendação veemente à observância da regra, à recitação correcta do ofício divino, à catolicidade na fé e na obediência. Uma leitura atenta ao por menor permite constatar uma certa evolução na vida dos irmãos: os sacerdotes vão adquirindo uma importância sempre crescente; a celebração do ofício divino

ocupa já um lugar de destaque; a missa comunitária testemunha uma certa estabilização da fraternidade; a regra e os demais regulamentos (caetera regularia constituta) têm um lugar fundamental na vida dos irmãos; os cargos do ministro geral, de custódio e de guardião adquiriram já um recorte hierárquico; e outros dados que é possível apreender nas entrelinhas. De focar com toda a luz, a oração final que termina a carta. É verdadeiramente uma chave de ouro e uma pérola de oração franciscana.

A forma literária revela claramente a mão dum secretário bem dotado que, ao transcrever em latim o ditado de Francisco, soube dar-lhe uma forma solene, elegante e às vezes com um ritmo quase poético. O que vale sobretudo para a oração final.

Seguimos a divisão do texto de Lehmann.

TEXTO

¹ Em nome da Santíssima Trindade e santa Unidade, Pai, e Filho e Espírito Santo. Amen.

² A todos os reverendos e muito amados irmãos; ao irmão A⁷. meu senhor, ministro geral da Religião dos irmãos menores, e aos demais ministros gerais que lhe venham a suceder; e a todos os ministros e custódios; e aos sacerdotes da mesma fraternidade, humildes em Cristo; e a todos os irmãos simples e obedientes;³ aos

⁷ Em muitos manuscritos es N. (para nome) e noutros, como nos versículos 38, 40 e 47 desta Carta, H. (para (H)Elias). Cf. Lehmann p. 135.

primeiros e aos últimos; eu, o irmão Francisco, homem vil e caduco, vosso pequenino servo, vos saúdo naquele que nos remiu e *lavou no seu precioso sangue* (Ap 1, 5),⁴ a quem deveis adorar com temor e reverência, *prostrados em terra* (Esd 8, 6), ao ouvir o seu

⁵ Ouvi, filhos do Senhor e meus irmãos, e *dai atenção às minhas palavras* (Act 2, 14). ⁶ *Prestai os ouvidos* (Is 55, 3) do vosso coração e obedecei à voz do Filho de Deus. ⁷ Guardai de todo o vosso coração os seus mandamentos, e cumpri com perfeição os seus conselhos. ⁸ *Louvai-o a ele, porque é bom* (Sl 135, 1), e *exaltai-o por meio das vossas obras* (Tb 13, 6); ⁹ pois para isto vos enviou ao mundo: para que, por palavras e obras, deis testemunho da sua voz e a todos façais saber que *não há outro Omnipotente senão ele* (Tb 13, 4). ¹⁰ *Perseverai na disciplina* (Heb 12, 7) e na santa obediência; e o que lhe prometestes, cumpri-o com bom e firme propósito.

¹¹ *Como a filhos, se oferece a nós o Senhor Deus* (Heb 12, 7).

1- Da veneração do Corpo do Senhor

¹² E por isso a todos vós, irmãos, imploro no Senhor, beijando-vos os pés e com quanta caridade eu posso, que presteis toda a reverência e toda a honra que puderdes, ao santíssimo Corpo e Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, ¹³ por quem *tudo o que há no céu e sobre a terra foi pacificado e reconciliado* (Cl 1, 20).

2- Da celebração da missa

¹⁴ Rogo ainda no Senhor a todos os meus irmãos, que são e serão e desejam ser sacerdotes do Altíssimo, que, quando quiserem celebrar missa, puros e com

pureza e respeito celebrem o verdadeiro sacrifício do Corpo e Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, com santa e pura intenção, e não por qualquer motivo terreno, nem por temor ou consideração de qualquer pessoa, *como para agradar aos homens* (Ef 6, 6; Cl 3, 22).¹⁵ Mas que toda a sua vontade, tanto quanto ajude a graça do Omnipotente, a Ele dirijam, não desejando agradar senão a Ele só, que é o soberano Senhor. Porquanto neste mistério só Ele opera como lhe agrada.¹⁶ E pois Ele nos diz: *Fazei isto em memória de mim* (Lc 22, 19; 1Cor 11, 24), se alguém fizer de outro modo, torna-se noutra Judas traidor, *rêu do Corpo e Sangue do Senhor* (1Cor 11, 27).

¹⁷ Lembrai-vos, meus irmãos sacerdotes, do que está escrito acerca da lei de Moisés: os que a transgrediam, mesmo nas coisas corporais, *sem qualquer comiseração eram punidos de morte* (Heb 10, 28), por sentença do Senhor.¹⁸ *Quão maiores e mais terríveis suplícios merece sofrer quem calca aos pés o Filho de Deus e ousa profanar o sangue do Testamento, com que foi santificado, e ultraja o espírito da graça?* (Heb 10, 29).

¹⁹ O homem, de facto, despreza, profana e calca aos pés o Cordeiro de Deus, quando, como diz o Apóstolo, não *discernindo* (1Cor 11, 29) e distinguindo o pão santo de Cristo dos outros alimentos ou das outras obras, ou o come sendo indigno, ou mesmo, sendo digno, o come de modo vão e indigno, quando é verdade que o Senhor diz pelo Profeta: *Maldito o homem que faz a obra do Senhor com hipocrisia* (Jr 48, 10).²⁰ E aos sacerdotes que se recusam a gravar deveras estas coisas sobre o coração, condená-los-á o Senhor, que diz: *Amaldiçoarei as vossas bênçãos* (Mt 23, 2).

²¹ Ouvi, irmãos meus: Se a bem-aventurada Virgem Maria é honrada, como é de justiça, porque trouxe ao mesmo Senhor em suas santíssimas entranhas, se o bem-aventurado Baptista tremeu e não ousou tocar a

cabeça sagrada do seu Deus, se é venerado o sepulcro no qual por algum tempo ele jazeu, ²² que santidade, justiça e dignidade não se requer naquele que trata com suas mãos, recebe no coração e na boca, e distribui aos outros, como alimento, Aquele que já, agora, não morre, mas vive eternamente glorioso, o Cristo, a quem os *anjós desejam contemplar?* (1Pe 1, 2).

²³ Vede a vossa dignidade, irmãos sacerdotes, e *sede santos, porque também ele é santo* (Lv19, 2). ²⁴ E, como por motivo deste mistério, o Senhor mais que a todos vos honrou, assim vós amai-o, reverenciái-o e honrai-o mais que todos. ²⁵ Oh! miséria grande, oh! miseranda fraqueza, terde-lo vos assim presente, e ocupardes-vos de qualquer outra coisa do mundo!

²⁶ Que o homem todo se espante, que o mundo todo trema, que o céu exulte, quando sobre o altar, nas mãos do sacerdote, está Cristo, o Filho de Deus vivo (Jo 11, 27)!

²⁷ Oh! grandeza admirável, oh! condescendência assombrosa, oh! humildade sublime, oh! sublimidade humilde, que o Senhor de todo o universo, Deus e Filho de Deus, se humilde a ponto de se esconder, para nossa salvação, nas aparências de um bocado de pão.

²⁸ Vede, irmãos, a humildade de Deus e *derramai diante dele os vossos corações* (Sl 61, 9); *humilhai-vos também vós para que ele vos exalte* (1Pe 5, 6; Tg 4, 10).

²⁹ Em conclusão: nada de vós mesmos retenhais para vós, a fim de que totalmente vos possua aquele que totalmente a vós se dá.

3- Da missa em comunidade

³⁰ Por isso admoesto e exorto no Senhor, que nos lugares onde moram os irmãos, uma só missa se celebre cada dia, segundo a forma da santa Igreja. ³¹ E nos lugares em que houver vários sacerdotes, por amor de cari-

dade contentem-se os outros com ouvir a missa daquele que celebra; ³² porque aos que celebram como aos que não celebram, desde que sejam dignos, o Senhor Jesus Cristo os cumula de graças. ³³ O qual, ainda que o vemos em diversos lugares, todavia permanece indivisível e sem de modo nenhum se fragmentar, mas sempre Um em toda a parte, opera como lhe apraz, com o Senhor Deus Pai e o Espírito Santo, por séculos de séculos, Amen.

4- Da veneração das palavras sagradas

³⁴ Depois, porque *quem é de Deus, ouve as palavras de Deus* (Jo 8, 47), devemos em consequência, nós, os que mais especialmente somos incumbidos dos ofícios divinos, não só ouvir e fazer o que Deus diz, mas ainda, para mais nos compenetrarmos da grandeza do nosso Criador e da nossa sujeição a ele, guardar com cuidado e reverência os vasos sagrados e os livros que servem nos ofícios e contêm as suas santas palavras. ³⁵ E por isso admoesto a todos os meus irmãos e os exorto em Cristo a que, onde quer que encontrem escritos com suas divinas palavras, os venerem o melhor que possam, ³⁶ e, quanto a eles respeita, se não andam bem guardados ou estão em qualquer lugar menos digno, os recolham e coloquem em lugar decente, honrando nas palavras o Senhor que as proferiu. ³⁷ Porque muitas coisas *são santificadas pelas palavras de Deus* (1Tm 4, 5), e é em virtude das palavras de Cristo que se realiza o sacramento do altar.

5- Confissão do irmão Francisco

³⁸ Além disso, confesso todos os meus pecados ao Senhor Deus, Pai, e Filho, e Espírito Santo; à bem-aventurada Virgem Maria e a todos os santos do céu e

da terra; ao irmão H., ministro da nossa Religião, como a meu venerável senhor, e aos sacerdotes da nossa Ordem e a todos os outros meus benditos irmãos. ³⁹ Pequei, por minha grave culpa, em muitas coisas, especialmente em não ter cumprido a Regra que prometi ao Senhor observar e em não recitar o Ofício, como a Regra manda, por negligência ou por motivo da minha doença, ou por ser ignorante e sem letras.

6- Da Regra e da maneira de rezar o Ofício Divino

⁴⁰ E por isso peço encarecidamente, quanto posso, ao irmão H., meu senhor o ministro geral, faça que todos guardem inviolavelmente a Regra, ⁴¹ e que os clérigos devotamente rezem o Ofício diante de Deus, não atendendo tanto à melodia da voz, quanto à consonância do espírito, de modo que a voz sintonize com o espírito e o espírito sintonize com Deus, ⁴² e assim possam, pela pureza do espírito, agradar a Deus e não, pela melodia da voz, encantar os ouvidos do povo. ⁴³ E quanto a mim, eu prometo guardar firmemente estas coisas com a graça que o Senhor me há-de dar; e os irmãos que estão comigo, eu cuidarei que também eles observem estas coisas, tanto no que respeita ao Ofício como nas demais disposições da Regra.

⁴⁴ E àqueles dos irmãos que não queiram observar estas coisas, não os tenho por católicos nem por meus irmãos; e não os quero ver nem falar-lhes, até que façam penitência. ⁴⁵ E o mesmo digo de todos aqueles que andam vagueando, sem fazer caso da disciplina da Regra, ⁴⁶ porque nosso Senhor Jesus Cristo deu a sua vida para não faltar à obediência ao santíssimo Pai.

7- Recomendação final

⁴⁷ E eu, irmão Francisco, homem inútil e indigna criatura do Senhor Deus, digo, por nosso Senhor Jesus Cristo, ao irmão H., ministro de toda a nossa Religião, e a todos os ministros gerais que depois dele vierem, e a todos os outros custódios e guardiães dos irmãos que são e hão-de ser, que tenham este escrito consigo, o ⁴⁸praticuem, e cuidadosamente o guardem. E lhes suplico guardem sollicitamente e com diligência façam observartudo o que aqui vai escrito segundo o beneplácito de Deus omnipotente, agora e sempre, enquanto durar este mundo.

⁴⁹ *Benditos sejais do Senhor* (Sl 113, 13), vós que estas coisas observades; e o Senhor seja eternamente convosco. Amen.

8-Oração

⁵⁰ Deus omnipotente, eterno, justo e misericordioso, concede-nos a nós, miseráveis, que por ti façamos o que sabemos que tu queres, e sempre queiramos o que te apraz, ⁵¹ para que, interiormente purificados, interiormente alumados e abrasados pelo fogo do Espírito Santo, possamos seguir os passos de teu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, ⁵² e mediante somente a tua graça, chegar até ti, ó Altíssimo, que, em Trindade perfeita e em simples Unidade, vives e reinas e tens toda a glória, ó Deus omnipotente, por todos os séculos dos séculos. Amen.

5. PRIMEIRA CARTA AOS CUSTÓDIOS (1CCT)

Introdução

Por “custódio” entender-se-ia, à data em que esta carta foi escrita, qualquer superior dos irmãos. O assunto é muito próximo da Carta a Todos os Clérigos e da bula “Sane cum Olim”. Uma vez mais a Eucaristia e a Palavra de Deus: o cuidado que há que ter com os cálices, os corporais, os ornamentos sagrados e as palavras do Senhor; e o modo como se deve assistir à missa. O apelo para que se toquem os sinos a certas horas do dia, tal como viu fazer no oriente com os muçulmanos (vers. ⁸) é sinal de que Francisco via nesse sinal um elo de união entre cristãos e maometanos. É de datar pelo ano de 1220.

TEXTO

¹ A todos os custódios dos irmãos menores aos quais esta carta chegar, o irmão Francisco, vosso servo e pequenino no Senhor Deus, saúda, com os novos sinais do céu e da terra, que são grandes e muito excelentes diante do Senhor, e que muitos religiosos e outros homens julgam sem valia.

² Eu vos rogo, mais encarecidamente do que por mim mesmo, que quando for preciso e julgardes oportuno, humildemente supliqueis aos clérigos, que sobre todas as coisas honrem o santíssimo Corpo e Sangue de

⁸ Cf. Lehmann, p. 125-126

nosso Senhor Jesus Cristo e os escritos em que se encontram os seus santos nomes e suas santas palavras da consagração do seu Corpo. ³ Os cálices, os corporais, os ornamentos do altar e tudo quanto pertence ao Sacrifício, tenham como coisas preciosas.

⁴ E se, nalguma parte, o santíssimo Corpo do Senhor estiver com muita pobreza abandonado, que eles, como manda a Igreja, o coloquem em lugar precioso e bem guardado, com grande veneração o trasladem e com discricção o administrem aos outros. ⁵ E também aos escritos com os nomes e palavras do Senhor, onde quer que os encontrem em lugares impróprios, os recolham e coloquem em lugares decentes.

⁶ E em todas as pregações que fazeis, exortai o povo à penitência e lembrai que ninguém se pode salvar sem receber o santíssimo Corpo e Sangue do Senhor (Jo 76, 54). E quando o sacerdote sacrifica no altar e leva a qualquer parte o Corpo do Senhor, todos, de joelhos, rendam louvores, glória e honra ao Senhor Deus vivo e verdadeiro. ⁸ E sobre o louvor que Lhe é devido, anunciai a todas as gentes e pregai que, a toda a hora e quando tocam os sinos, sempre, todo o povo, por toda a terra, preste homenagem e acção de graças ao Deus todo poderoso.

⁹ E todos os meus irmãos custódios, aos quais chegar este escrito, se o copiarem e o tiverem consigo, e para os irmãos pregadores e guardiães o fizerem copiar, e pregarem até ao fim tudo quanto nele se contém, saibam que têm a bênção do Senhor Deus e de mim. ¹⁰ E que eles tenham estas coisas por verdadeira e santa obediência. Amen.

6. SEGUNDA CARTA AOS CUSTÓDIOS (2 CCT)

Introdução

Foi salva esta carta por Wadingo que a encontrou num exemplar traduzido em espanhol no arquivo de Saragoça, onde se conserva religiosamente desde o tempo em que Fr. João Parente foi ministro provincial de Espanha (antes de 1227). É um bilhete de muito interesse porque nele Francisco recomenda que as cartas escritas a todos os Clérigos e aos Governantes dos Povos, cheguem aos destinatários.

TEXTO

¹ A todos os custódios dos irmãos menores a quem chegue esta carta, o irmão Francisco, o menor dos servos de Deus, saúda e deseja santa paz no Senhor.

² Sabei que há certas coisas altíssimas e sublimes aos olhos de Deus e que, por vezes, os homens têm por vis e abjectas; ³ assim como há outras, estimadas e respeitáveis no conceito dos homens e que para Deus são vilíssimas e desprezíveis.

⁴ Encarecidamente vos rogo, perante Deus nosso Senhor, que deis aos bispos e outros clérigos aquela carta que trata do santíssimo Corpo e Sangue de nosso Senhor ⁵ e que retenhais na memória as minhas recomendações sobre este assunto.

⁶ Da outra carta que vos envio, para que a entregueis às autoridades, cônsules, juizes e reitores, em que se diz que se proclamem por povos e praças os louvores de Deus, tirai dela muitas cópias ⁷ e com diligência as fazei chegar aos destinatários.

7. CARTA A UM MINISTRO (CM)

Introdução

A um ministro provincial que se sentia desanimado no exercício do seu múnus, pelas tribulações que dele lhe advinham, enviou S. Francisco esta carta encantadora onde a compreensão e a firmeza se conciliam admiravelmente. É preciosa pelo que revela da sua espiritualidade, sobretudo da sua bondade para com os irmãos que pecam. É igualmente bastante valiosa sob o ponto de vista histórico, no que se refere à evolução da Ordem e sua constituição jurídica. Nela se fala pela primeira vez do cargo de guardião e do poder legislativo dos capítulos, assunto sobre o qual a própria regra bulada nada diz. Deve ter sido escrita entre 1218 e 1221.

TEXTO

¹ Ao irmão N., ministro.

O Senhor te abençoe.

² Do melhor modo que me for possível te vou falar do que interessa à tua alma. As dificuldades que encontras no amor do Senhor Deus, os obstáculos que te vêm, quer dos irmãos quer de outros, fossem mesmo pancadas que te dessem, tudo debes considerá-lo como graça. ³⁻⁴ Oxalá assim desejes, e não de outra maneira. E aceita-o por verdadeira obediência para com Deus e para comigo, pois estou certo de que é essa a verdadeira obediência.

⁵ E ama os que te causam semelhantes aborrecimentos.

⁶ E não pretendas deles outra coisa, senão o que o Senhor dispuser a teu respeito. ⁷ E ama-os precisamente desta maneira, não exigindo que sejam melhores cristãos. ⁸ E isto valerá para ti mais do que o retiro num ermo.

⁹ E é desta forma que eu quero ver se amas o Senhor e a mim, seu servo e teu, se procederes assim: Que não haja no mundo nenhum irmão que, por muito que tenha pecado e venha ao encontro do teu olhar a pedir misericórdia, se vá de ti sem o teu perdão. ¹⁰ E se não vier pedir misericórdia, pergunta-lhe tu se a quer. ¹¹ E se, depois, mil outras vezes vier ainda à tua presença para o mesmo, ama-o mais que a mim, a fim de o trazeres ao Senhor. ¹² E que sempre te enchas de compaixão por esses desgraçados. E quando puderes, informa os guardiães que estás decidido a proceder deste modo.

¹³ E de todos os capítulos da Regra em que se fala dos pecados mortais, com a ajuda de Deus e o conselho dos irmãos, faremos um só, do seguinte teor, no capítulo do Pentecostes:

¹⁴ Se algum dos irmãos, por instigação do inimigo, pecar mortalmente, por obediência seja obrigado a recorrer ao seu guardião.

¹⁵ E todos os irmãos que souberem do seu pecado, nem por isso o afrontem ou difamem; mas, pelo contrário, tenham dele misericórdia e guardem o máximo segredo sobre o pecado do seu irmão, porque *não são os que têm saúde, os que precisam de médico, mas os que estão doentes* (Mt 9, 12). ¹⁶ E do mesmo modo sejam obrigados a enviá-lo ao seu custódio, com companheiro. ¹⁷ E o custódio o proveja com misericórdia, como quereia que proovessem com ele em caso semelhante

¹⁸ E se algum irmão cair em pecado venial, confesse-se com seu irmão sacerdote. ¹⁹ E se não houver aí sacer-

dote, confesse-se com seu irmão, até que tenha sacerdote que canonicamente o absolva, como se disse.²⁰ E estes irmãos de forma alguma possam impor-lhe outra penitência além desta: Vai e não peques mais (Jo 8, 11).

²¹ Conserva contigo este escrito até ao Pentecostes, para que melhor possa ser observado. Então virás ao capítulo com os teus irmãos. E sobre estes pontos e outros que estejam menos claros na Regra, poderás esclarecer-te com a ajuda do Senhor Deus.



8. CARTA AO IRMÃO LEÃO (CL)

Introdução

É um autógrafo de S. Francisco, talvez de 1222-1223. Nele se pode ver a simplicidade da caligrafia e do seu latim, escrito sem intervenção de nenhum amanuense. Conservado no convento dos Padres Comventuais de Espoleto até 1860, com a supressão do convento decretado pela lei civil, perdeu-se; mas, cerca de trinta anos mais tarde, veio a encontrar-se entre os papéis velhos duma igreja paroquial. Já o pároco pensava em vendê-lo a um americano, quando Mons. Faloci Pulignani, investigador amigo das coisas franciscanas, metendo de permeio a autoridade e a generosidade de Leão XIII, conseguiu impedir que o negócio fosse por diante. Actualmente faz parte do tesouro da catedral de Espoleto. A última frase do original está ilegível.

TEXTO

¹ Irmão Leão, teu irmão Francisco te envia saúde e paz.

² Estou a falar-te, meu filho, como o faria uma mãe. Toda a conversa que tivemos no caminho a resumo eu aqui numa palavra de decisão e conselho. E se, depois, te for preciso vir a mim a tomar conselho, eis o que te recomendo:

³ Do modo que melhor te parecer agradar ao Senhor Deus, e seguir seus passos e a sua pobreza, assim farás com a bênção do Senhor Deus e a minha obediência.

⁴ E se, por motivo da tua alma ou de outra tua consolação, precisares e quiseses vir ter comigo, ó Leão, vem.

9. CARTA A SANTO ANTÓNIO (CA)

Introdução

Devido à discrepância entre a referência dada por Celano: “Ao irmão António, meu bispo”, e o endereço que se conhecia da edição de Wadingo, muito tempo se pensou que a carta conhecida seria apócrifa. Alguns manuscritos, porém, descobertos já depois da edição de Quaracchi, traziam a carta exactamente com a referência transmitida por Celano. Hoje já não se duvida da sua autenticidade. É um documento de inestimável valor por testemunhar a posição que S. Francisco tomou na perturbante questão dos estudos, que por aquela altura começava a levantar-se. Será de 1223.

TEXTO

¹ Ao irmão António, meu bispo, o irmão Francisco envia saudações.

² Tenho gosto em que ensines aos irmãos a sagrada teologia, desde que, com o estudo, não se extinga neles o espírito da santa oração e devoção como está escrito na Regra.

10. CARTA À IRMÃ JACOBA

Introdução

São várias as fontes que testemunham a existência desta carta. O Tratado dos Milagres de Tomás de Celano (3C 37-38) parece ser a fonte mais antiga e fundamenta-se no próprio filho da irmã Jacoba. Diz o texto de Celano: "... quis ele, poucos dias antes de morrer, enviar uma mensagem a Roma, à senhora Jacoba Settesoli, a pedir-lhe que se apressasse, no caso de querer estar presente no seu regresso à pátria daquele a quem ela distinguira com tanta amizade, na sua condição de exilado. Escrita a carta, buscava-se um mensageiro veloz e, achado ele, põe-se imediatamente a caminho. No mesmo instante... corre à porta e defronta-se com aquela que em vão se buscava longe." Jacoba trazia tudo o que Francisco pedia na carta. Por este relato pode-se afirmar que a carta foi escrita a 1 de Outubro de 1226

Ainda no século XIII temos o Liber exemplorum Fratrum Minorum saeculi XIII, que fala da carta a partir do testemunho de Fr. Leão. Os factos à volta da carta são relatados também no Espelho de Perfeição (EP 112). Bartolomeu de Pisa fala dela nos fins do século XIV. Wadingo tomou o testemunho de Bartolomeu de Pisa e apresenta um texto que L. Lemmens publicou (Opuscula sancti patris Francisci Assisiensis - 69) e que serviu de base para o texto que Sabatier apresenta nos Actus beati Francisci et sociorum eius(18, 16-19).

Nas edições modernas é apresentado como texto perdido, embora ninguém duvide de que foi escrita. A edição italiana “Fonti Francecane” publicam o texto dos Actus. É desse texto que nos servimos para a primeira publicação desta carta em português. A carta mostra-nos um Francisco sem convenções, muito humano, preocupado com os detalhes do seu funeral e sensível à amizade, indo ao pormenor de pedir à irmã Jacoba que lhe traga um certo doce que muito apreciava⁹.

TEXTO

¹ À senhora Jacoba, serva do Altíssimo, o pobre de Cristo, o irmão Francisco, saúda no Senhor, em união com o Espírito Santo.

² Sabes, estimada irmã, o Senhor, por sua graça, revelou-me que o fim da minha vida está próximo

³ Pelo que, se ainda me queres ver em vida, logo que recebas esta carta, apressa-te a vir a Santa Maria dos Anjos. ⁴ Se não vieres até Sábado, já não me encontrarás vivo. ⁵ Traz contigo um pano escuro com o qual possas envolver o meu corpo e cera para a sepultura. Peço também que me tragas aquele doce que tu me preparavas quando estava doente em Roma.

⁹ Cf. Lehmann, p. 166; Fonti, p. 172; Esser, K. Gli Scritti...p. 596

11. FRAGMENTOS DE CARTAS PERDIDAS

Nem todos os escritos de Francisco foram publicados. De alguns só temos informações indirectas. Às vezes fala-se duma carta ou duma bênção que S. Francisco tenha ditado ou enviado e anunciam-se alguns conteúdos. São fragmentos importantes, dos quais damos aqui dois exemplos.

A. Carta aos Irmãos da França

Thomas Eccleston na sua crónica dos primeiros franciscanos da Inglaterra, dá conta duma carta que Francisco escreveu aos Irmãos da França. Não faz alusão ao conteúdo, mas às circunstâncias¹⁰.

“... O bem-aventurado Francisco, estando debaixo de chuva e sem se molhar, escreveu uma carta por seu próprio punho e letra e enviou, por intermédio do ministro, aos irmãos da França que muito se alegraram com esta carta, louvando a Santíssima Trindade, dizendo. “Bendigamos o Pai, o Filho e o Espírito Santo”.

¹⁰ Cf. CRONISTAS FRANCISCANOS PRIMITIVOS E OTROS DOCUMENTOS FRANCISCANOS DEL SIGLO XIII, versão castelhana de Fr. Saul Zamorano, Cefepal – Chile, 1981, P. 104

B. Carta aos habitantes de Bolonha

*A mesma crónica dá conta duma carta aos habitantes de Bolonha, anunciando um terramoto que as crónicas locais da Alta Itália reportam no dia 25 de Dezembro do ano de 1222 e que Salimbene também recorda. A carta seria duma data anterior a esta*¹¹.

Também nos disse (o irmão Martinho Barton) que um irmão estando a rezar em Brescia, no dia de Natal, foi encontrado ileso debaixo dos escombros da igreja durante aquele terramoto que São Francisco predisse e anunciou pelos irmãos em todas as escolas de Bolonha numa carta escrita em latim vulgar¹².



¹¹ Cf. Lehmann, p. 164

¹² Cf. CRONISTAS FRANCISCANOS PRIMITIVOS E OTROS DOCUMENTOS FRANCISCANOS DEL SIGLO XIII, op. Cit. p. 104-105

AVISOS ESPIRITUAIS

AVISOS ESPIRITUAIS

1. EXORTAÇÕES (Ex)

Introdução

Os textos latinos e algumas edições em línguas vernáculas chamam-lhes “Admoestações”. Em português traduzimos por “Exortações” por ter esta palavra, como diz Félix Lopes, um sentido “mais manso”

Sobre a sua autenticidade não existem dúvidas. Ti-veram-nas presente Celano e Boaventura¹; e são atestados por manuscritos em abundância. Por outro lado, quer o conteúdo quer a forma são tão franciscanos que Sabatier diz sentir-se tentado a pensar que as “Exortações” seriam fragmentos da Regra de 1221 postos de lado para não alongar mais o texto.

Refazer a sua origem é impossível. Eram certamente pensamentos que o santo fundador ia apresentando nas instruções que dava aos irmãos sobre o ideal da vida evangélica, principalmente sobre a santa pobreza. Alguns que lhe terão saído com mais lógica, ou que lhe pareceriam mais pertinentes, tê-los-á mandado escrever.

¹ Cf. 1C 4; LM 6. 10

Entre eles diz Caetano Esser, há “preciosas margaridas de sabedoria espiritual”, de incalculável utilidade para a disciplina e vida dos irmãos menores. No livro que este autor compôs, em forma de meditações, sobre essas pequenas máximas, chama-lhes “Cântico dos Cânticos da pobreza interior”². São de facto a quinta essência da alma franciscana. Não, porém, por serem preciosas sentenças morais e ascéticas, à maneira dos apotegmas dos padres do deserto, mas porque no coração de cada uma delas palpita o zelo pela glória de Deus e a sedução por Jesus Crucificado.



² Cf. ESSER, K., *Exortações de Francisco de Assis*, Editorial Franciscana, Braga, 1980

EXORTAÇÕES (EX)

1ª Do Corpo de Cristo³

¹ O senhor Jesus disse aos seus discípulos: – *Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim.* ² *Se me conhecêsseis também conheceríeis meu Pai.* ³ *E já agora vós o conheceis, e tendes visto. Disse-lhe Filipe: – Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta.* ⁴ *E respondeu-lhes Jesus: – Há quanto tempo estou convosco, e ainda não me conheceis? Filipe, quem me vê a mim, vê também meu Pai* (Jo 14, 6-9).

⁵ *O Pai habita numa luz inacessível* (1Tm 6, 16). *E Deus é espírito* (Jo 4, 24). *E a Deus nunca ninguém viu* (Jo 1, 18). ⁶ *Pois Deus é espírito, não pode ser visto senão graças ao espírito, porque o espírito é que dá vida e a carne não serve para nada* (Jo 6, 63). ⁷ *Ora, também o Filho enquanto é igual ao Pai, de ninguém pode ser visto senão do modo como se vê o Pai, senão, do mesmo modo, graças ao Espírito Santo.*

⁸ *E, por conseguinte, todos os que viram em nosso Senhor Jesus Cristo a sua humanidade, e não viram nem creram, segundo o espírito divino, que ele era o verdadeiro Filho de Deus, tiveram sentença de reprovação.* ⁹ *Do mesmo modo, também agora têm sentença de re-*

³ Esta primeira Exortação, diferente das outras no estilo e no conteúdo, parece ter sido escrita para todos os fieis. Há quem a considere também uma das mensagens eucarísticas que Francisco enviou sob a forma de carta, em 1223. Alguns autores vêem aqui a influência cisterciense, lembrando o *Tractatus de Corpore Dominide S. Bernardo*. Cf. Lehmann, p. 57.

provação todos os que vêm o sacramento consagrado pelas palavras do Senhor, sobre o altar, por intermédio dos sacerdotes, mas não vêm nem crêem, segundo o espírito divino, que é de verdade o Corpo e Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, ¹⁰ conforme o atesta o Altíssimo, que diz: – *Isto é o meu Corpo e o Sangue da Nova Aliança, que será derramado por muitos* (Mc 14, 22. 24) ¹¹ E ainda: – *Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue, tem a vida eterna* (Jo 6, 55).

¹² Portanto, o que tem o espírito do Senhor que habita nos seus fiéis, esse, sim, recebe o santíssimo Corpo e Sangue do Senhor. ¹³ Os demais, que não partilham desse espírito e todavia presumem comungar, esses *comem e bebem a sua condenação* (1Cor 11, 20).

¹⁴ *Por isso, ó filhos dos homens, até quando haveis de ser de coração duro?* (Sl 4, 3). ¹⁵ *Porque não reconheceis a verdade, e acreditais no Filho de Deus?* (Jo 9, 35). ¹⁶ Eis que ele se humilha cada dia, como quando baixou do *seu trono real* (Sb 18, 15), a tomar carne no seio da Virgem; ¹⁷ cada dia vem até nós em aparências de humildade; ¹⁸ cada dia desce do seio do Pai, sobre o altar, para as mãos do sacerdote. ¹⁹ E assim como aos santos Apóstolos se mostrou em carne verdadeira, assim agora se mostra a nós no pão sacramentado. ²⁰ Os Apóstolos com a sua vista corporal viam apenas a sua carne; mas, contemplando-o com olhos do espírito, acreditavam que ele era Deus. ²¹ De igual modo, os nossos olhos de carne só vêm ali pão e vinho; mas saiba a nossa fé firmemente acreditar que ali está, vivo e verdadeiro, o seu santíssimo Corpo e Sangue.

²² E é desta forma que o Senhor está sempre com os que crêem nele, segundo ele mesmo prometeu: – *Eis que estou convosco até à consumação dos séculos* (Mt 28, 20).

2ª Do pecado da vontade própria

¹ O Senhor disse a Adão: – Do fruto de todas as árvores do paraíso, podes comer; *mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal* (Gn 2, 16-17).

² Podia, pois, Adão comer de todas as árvores do paraíso; e, enquanto não foi contra a obediência, não pecou.

³ Come do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, quem se faz dono da sua vontade, e se ensoberbece com os bens que o Senhor por meio dele diz e faz. ⁴ A este que, por sugestão do demónio, assim transgredir o que o Senhor mandou, suas obras tornam-se fruto da ciência do mal. ⁵ E, por consequência, terá ele de sofrer a respectiva pena.

3ª A verdadeira obediência

¹ O Senhor diz no Evangelho: – *Quem não renuncia a tudo quanto possui, não pode ser meu discípulo* (Lc 14, 33); e: ² – *Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á* (Lc 9, 24).

³ Renuncia a tudo quanto possui, e perde o seu corpo e a sua alma, quem todo se abandona à obediência nas mãos do seu superior. ⁴ E, deste modo, tudo quanto faz ou diz, desde que seja bem e não vá contra a vontade do superior, é verdadeira obediência.

⁵ E o súbdito, muito embora veja, alguma vez, que há coisas de mais proveito e utilidade para a sua alma, do

aquelas que o superior lhe manda, mesmo então sacrifique a Deus a sua própria vontade e cuide de cumprir o que o superior lhe ordenou. ⁶ Pois é esta obediência de caridade (1Pe 1, 22), que contenta a Deus e ao próximo.

⁷ E se acontecesse o superior mandar ao súbdito qualquer coisa contra a sua alma, muito embora nesse caso lhe não deva obediência, nem por isso de agastado, o abandone. ⁸ E se, por tal motivo, tiver de sofrer perseguições da parte de alguns, trate-os com mais caridade ainda, por amor de Deus, ⁹ pois quem antes quer sofrer perseguições, que abandonar o convívio dos irmãos, esse vive verdadeiramente em perfeita obediência, porque dá a sua vida pelos seus irmãos (Jo 15, 13)

¹⁰ Muitos religiosos há que, a pretexto de terem descoberto coisas melhores que aquelas que os superiores mandam, olham para trás (Lc 9, 62), e tornam ao vômito da vontade própria (Pr 26, 11); 2 Pe 2, 22). Esses tais são homicidas, porque com o seu mau exemplo levam muitas almas à perdição.

4ª Ninguém se aproprie do ofício de superior

¹ *Eu não vim para ser servido, mas para servir, diz o Senhor*(Mt 20, 28).

² Os que receberam o ofício de mandar nos outros, tanto se gloriem desse ofício, quanto se gloriariam se fossem encarregados de lavar os pés aos irmãos. E sentir-se, quando os dispensam do ofício, mais do que se sentiriam se houvessem dispensado de lavar os pés aos irmãos, sinal seria de que entesoiravam para si riquezas, que são perigo para a própria alma.

5ª Que ninguém se ensoberbeça, mas, sim, se glorie na Cruz do Senhor

¹ Ó homem, considera a quanta grandeza o Senhor te levantou, pois te criou, dando-te um corpo à imagem do seu Filho dilecto, e dando-te um espírito à sua própria semelhança (Gn 1, 26).

² E, no entanto, todas as criaturas que há debaixo dos céus, cada uma delas, a seu modo, serve e reconhece e obedece ao seu Criador, bem melhor que tu o fazes.

³ Mais ainda: Não foram os demónios que o pregaram na cruz, mas tu com eles o crucificaste, e ainda agora o crucificas, quando te deleitas nos vícios e pecados.

⁴ Onde te vem então os motivos para te vangloriar-te? ⁵ Supõe mesmo que eras tão arguto e sábio que abarcavas todo o saber (1Cor 13, 2), entendias todas as línguas (1Cor 12, 28, subtilmente perscrutavas todos os segredos dos céus. De nenhuma coisa destas te poderias gloriar, ⁶ pois um só demónio soube das coisas dos céus, e ainda agora sabe das coisas da terra, mais do que todos os homens juntos, mesmo daqueles que receberam do Senhor luzes especiais da mais alta sabedoria.

⁷ De igual modo, foras tu o mais famoso e rico dos homens, fizeras até maravilhas como as de expulsar demónios, de nada disso te poderias gloriar, porque tudo isso te seria prejudicial e coisa alguma dessa te pertencia.

⁸ Pelo contrário, podemos, sim gloriar-nos nas nossas fraquezas (2Cor 12, 15) e no carregar às costas, cada dia, com a cruz de Nosso Senhor Jesus cristo (Lc 14, 27).

6ª Imitação de Cristo

¹ Irmãos, ponhamos todos diante dos olhos o Bom Pastor que, para salvar as suas ovelhas, sofreu a paixão da cruz.

² As ovelhas do Senhor seguiram atrás dele, na tribulação e na perseguição e no opróbrio, na fome e na sede, na enfermidade e na tentação, e nas demais provações; e, como recompensa, receberam do Senhor a vida eterna.

³ Disto deveríamos ter vergonha, nós os servos de Deus: Que os santos tenham praticado boas obras, e nós, só de contar e pregar o que eles fizeram, já daí queremos receber honra e glória ⁴.

7ª Que da ciência nasçam boas obras

¹ O Apóstolo diz: *A letra mata, só o espírito dá vida* (2Cor 3, 6).

² A letra mata os que se contentam com aprender palavras, para serem tidos entre os outros por mais sábios, e poderem adquirir grandes riquezas e dá-las a parentes e amigos.

³ A letra mata também aqueles religiosos que, em vez de seguirem o espírito das divinas Escrituras, só cuidam de lhes aprender as palavras para as ensinar aos outros.

⁴ Pelo contrário, o espírito das divinas Escrituras dá vida aos que nas letras que sabem e desejam aprender,

⁴ Esta exortação podia ter sido escrita depois da morte dos Mártires de Marrocos. Jordão de Giano diz na sua Crónica que Francisco, quando sentiu que o martírio dos irmãos de Marrocos era causa de orgulho para os outros frades, mandou que não se fizesse disso propaganda. Cf. *Cronistas Franciscanos*, op. cit., p. 26

não procuram o próprio proveito, mas, pela palavra e exemplo, com elas prestam homenagem ao Altíssimo Senhor, a quem pertence todo o bem.

8ª Fuga do pecado da inveja

¹ O Apóstolo diz: Ninguém pode dizer “Jesus é o Senhor”, senão movido do Espírito Santo (1Cor 12, 3). ² E vem noutra lugar da Escritura: Não há quem pratique o bem, não há nem sequer um só (Rm 3, 12).

³ Portanto, todo o que tiver inveja a seu irmão pelo bem que o Senhor diz e faz por meio dele, comete pecado de blasfêmia, pois tem inveja ao mesmo Altíssimo (cf. Mt 20, 15), que é quem diz tudo o que é bom.

9ª O amor dos inimigos

¹ Diz o Senhor: *Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam* (Mt 5, 44)

² Ama de verdade o seu inimigo aquele que não sente a injúria dele recebida; ³ mas, antes, sente por amor de Deus, o pecado por ele cometido, ⁴ e por obras lhe mostra a sua caridade.

10ª Mortificação Corporal

¹ Muitos quando pecam ou recebem injúria, facilmente carregam a culpa sobre o inimigo ou sobre o próximo.

² Pois, não está certo, porque cada um tem em seu poder o inimigo, ou seja, o corpo com que peca.

³ Por isso, bem-aventurado é o servo que, (Mt 24, 46) visto ter em seu poder tal inimigo, sempre o traz sujeito e dele se guarda com prudência; ⁴ porque, procedendo assim, nenhum outro inimigo visível ou invisível lhe poderá fazer mal.

11ª Ninguém se escandalize com o pecado de outrem

¹ Ao servo de Deus nenhuma outra coisa o deve desgostar, senão o pecado.

² E seja qual for o pecado cometido por alguém, se o servo de Deus se perturba e indigna por outro motivo que não seja a caridade, entesoura para si aquele pecado (Rm 2, 5).

³ Mas o servo de Deus que de nada se indigna ou perturba, vive vida recta, sem nada próprio.

⁴ E bem-aventurado é o que nada reserva para si, dando a César o que é de César e a Deus o que é de Deus (Mt 22, 21).

12ª Como reconhecer o espírito do Senhor

¹ Eis como o servo de Deus pode reconhecer se tem o espírito de Deus.

² Quando o Senhor opera por meio dele alguma obra boa, se a sua carne, sempre inimiga do bem, nem por isso se orgulha, ³ antes ele então se tem por mais desprezível aos próprios olhos, e se julga o menor de todos os homens, sinal é de que tem o espírito do Senhor.

13ª A paciência

¹ *Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus (Mt 5, 6)*⁵.

Não se pode saber quanta paciência e humildade tem o Filho de Deus, enquanto tudo lhe corre à medida dos seus desejos. ² Mas venham tempos em que o contrariem os que o deviam contentar, a paciência e humildade que então mostrar, essa é que tem e não mais.

14ª A pobreza do espírito

¹ *Bem-aventurados os pobres de espírito, porque é deles o reino dos céus (Mt 5, 3).*

² Há muitos que rezam compridos ofícios e orações, e maceram o corpo com jejuns e penitências. ³ mas por palavra que lhes pareça injúria, ou por ninharia que lhes tiraram, logo se descompõem e perturbam.

⁴ Não são estes os pobres de espírito, porque verdadeiro pobre de espírito é aquele que *a si mesmo se despreza* (Lc 14, 26; Jo 12, 25), e ama os que o ferem no rosto (Mt 5, 39).

15ª A paz

¹ *Bem-aventurados os pacíficos, porque eles serão chamados filhos de Deus (Mt 5, 9).*

² Pacíficos, de verdade, são aqueles que, seja o que for que neste mundo tenham de sofrer, sempre por amor

⁵ Nem todos os manuscritos têm esta frase, que se repete na Ex. 15, com melhor enquadramento. Pode ter sido colocada aqui mais tarde. Cf. Lehmann p. 63

de Nosso Senhor Jesus Cristo conservam em paz a alma e o corpo.

16ª A pureza de coração

¹ *Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus (Mt 5, 8).*

² Têm o coração limpo, aqueles que desprezam os bens da terra e buscam os do céu, e não cessam nunca de adorar e contemplar, com alma e coração puros, ao Senhor Deus, vivo e verdadeiro.

17ª O servo de Deus humilde

¹ Bem-aventurado o homem que não se gloria mais no bem que o Senhor diz e obra por meio dele, do que do bem que o Senhor diz e obra por meio dos outros.

² Peca o homem que mais quer receber do seu próximo, do que de si quer dar ao Senhor Deus.

18ª Compaixão e pobreza interior

¹ Bem-aventurado o homem que suporta o próximo em sua fragilidade, como quereria por ele ser suportado, se em circunstâncias semelhantes se encontrasse (Mt 7, 12; Gl. 6, 2)

² Bem-aventurado o servo que atribui todos os seus bens ao Senhor Deus, porque aquele que reserva para si alguma coisa, esconde dentro de si *o dinheiro do seu Senhor* (Mt 25, 18), e *o que julga possuir, ser-lhe-á tirado* (Lc 8, 18).

19ª O humilde servo de Deus

¹ Bem-aventurado o servo que não se tem por melhor quando os outros o louvam e honram, do que quando o tratam por pessoa de nada, simples e desprezível, ² pois, quanto vale o homem aos olhos de Deus, isso vale e não mais ⁶.

³ Ai do religioso que, uma vez posto pelos outros em dignidade nas alturas, depois por sua vontade não quer descer. ⁴ Mas bem-aventurado aquele servo que sem querer foi posto em alto, e sempre deseja meter-se de baixo dos pés dos outros.

20ª O religioso bom e o frívolo

¹ Bem-aventurado o religioso que não sente satisfação e alegria senão nas santíssimas palavras e obras do Senhor, ² e com elas leva os homens ao amor de Deus em gozo e alegria (Sl 50, 10).

³ Mas ai do religioso que todo se compraz nas falas e ditos ociosos e frívolos, e com eles procura levar os homens ao riso!

21ª O religioso discreto e o loquaz

¹ Bem-aventurado o servo que não compra louvores com palavras, nem conta seus segredos de guardar, nem se precipita com palavras impensadas (Pr 29, 20), mas judiciosamente pondera o que deve dizer ou responder.

⁶ Esta máxima é citada por S. Boaventura (LM 6, 1) e parece que passou daqui para a *Imitação de Cristo* (III, 50, 8).

² Mas ai do religioso que não guarda em segredo, no coração (Lc 2, 19. 51), o bem que Deus lhe faz, e em vez de deixar que os outros em suas obras o vejam, por si lho apregoa para deles haver aplausos. ³ Já nisso recebe a recompensa, e os que o ouvem, pouco fruto recolhem (Mt 6, 2; 6, 16).

22^a A humildade na correcção

¹ Bem-aventurado o servo que suporta de outrem a correcção, acusação e repreensão, com tanto alma, como se de si mesmo as recebera.

² Bem-aventurado o servo que, repreendido, com generosidade se submete, com respeito obedece, humildemente confessa a falta, e de boamente a repara.

³ Bem-aventurado o servo que não é fácil em se desculpar, e humildemente suporta a afronta e repreensão, mesmo de falta que não cometeu.

23^a A verdadeira humildade

¹ Bem-aventurado o que se mostra tão humilde entre os seus súbditos, como entre os seus superiores.

² Bem-aventurado o servo que sempre se mantém sob a vara da disciplina.

³ *Servo fiel e prudente* (Mt 24, 45) é aquele que, quando faz qualquer ofensa, não demora em a castigar em si, interiormente pela contrição e exteriormente pela confissão da culpa e satisfação de obra.

24ª A verdadeira caridade

Bem-aventurado o servo que ama com afecto igual ao irmão enfermo que não pode retribuir, como ao outro que tem saúde e de quem por isso pode esperar favores em paga.

25ª Ainda sobre o amor

Bem-aventurado o servo que tanto ama e respeita o seu irmão quando está ausente, como quando está presente, e nada diz dele na ausência, que com caridade lhe não pudesse repetir na presença.

26ª Os servos de Deus devem honrar os sacerdotes

¹ Bem-aventurado o servo de Deus que confia nos clérigos que vivem rectamente, segundo a forma da santa Igreja Romana.

² Mas ai daqueles que os desprezam: porque embora possam ser pecadores, ninguém se atreva a julgá-los, pois o mesmo Senhor reserva para si o seu julgamento.

³ Porque quanto sobreexcede a todos os demais, o ministério que eles têm do santíssimo Corpo e Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, que eles recebem e só eles aos outros administram, ⁴ tanto o pecado cometido contra eles é mais grave do que os cometidos contra todos os demais homens deste mundo.

27ª As virtudes contrárias aos vícios

¹ Onde mora a caridade e sabedoria,
aí não há nem temor nem ignorância.

² Onde mora a paciência e humildade,
aí não há ira nem perturbação.

³ Onde mora a pobreza com alegria,
aí não há cobiça nem avareza.

⁴ Onde mora o recolhimento e a meditação,
aí não há desassossego nem dissipação.

⁵ Onde o amor de Deus *guarda a porta* (Lc 11, 21)
aí não pode entrar o inimigo.

⁶ Onde mora a misericórdia e descrição,
aí não há nem superfluidade nem dureza de coração.

28ª Há que ocultar o bem para que se não perca

¹ Bem-aventurado o servo que entesoira no céu (Mt 6, 20) as graças que o Senhor lhe concede, e não anda a apregoá-las aos homens na esperança de haver deles recompensa, ² pois que o mesmo Altíssimo se encarregará de as manifestar a quem muito bem lhe aprouver.

³ Bem-aventurado o servo que guarda em seu coração (Lc 2, 19. 51) os segredos do Senhor.

2. A VERDADEIRA E PERFEITA ALEGRIA (VPA)

Introdução

O primeiro esboço sobre o tema da perfeita alegria encontra-se na Exortação 5^a. O quadro definitivo é o cap. VIII das Florinhas. Entre um e outro há uma redacção mais longa que o primeiro e mais breve e cortante que o segundo. Aparece como um episódio contado por Fr. Leonardo. Quando se teria dado esse diálogo? Fr. Leonardo diz simplesmente: “Certo dia...”¹.

É claramente uma meditação em voz alta sobre o cap. 13 da primeira carta aos Coríntios. Sendo assim, já a simples mudança de palavra é significativo. Aquilo que S. Paulo diz “caridade”, S. Francisco chama “perfeita alegria”. É a caridade feita sorriso... mesmo quando acontece no meio do maior sofrimento físico e moral. Tudo isto é muito franciscano.

Mas o pensamento de S. Francisco é difícil de captar. Sobretudo nas Florinhas. Que o máximo sofrimento seja causa de alegria, não é difícil de compreender no estigmatizado do Alverne. O sofrimento identifica-o com o seu “Amado”, Cristo pobre e crucificado, e isto inundava-o de gozo. A dificuldade está em que diga – nas Florinhas – que “em todos os outros dons de Deus

¹ Geralmente toma-se este “certo dia”, como um dia de outono de 1220, pouco depois de Francisco regressar do Egipto, antes de renunciar ao cargo de ministro geral. O relato do Fr. Leonardo está no códice 9. 2878 da Biblioteca Nacional Central de Florença. Foi escrito entre 1316/40 e foi publicado por B. Bughetti no *Arch. Franc. Hist.* 20 (1927) 107.

não nos podemos gloriar, porque não são nossos mas de Deus”, como se a paciência e a humildade o fossem. Este inciso não parece do Poverello (e de facto não vem no texto aqui traduzido). A nada se atreveria ele a considerar como seu, a não ser os pecados. Também a humildade e a paciência eram dons de Deus. Os sofrimentos... serem dele? Só se, confusa embora profundamente, visse neles ou por detrás deles, pecados seus. Para Francisco nada mais importava que a glória de Jesus: “Não quero gloriar-me a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Isto, sim, que está certo. A glória da Cruz. A perfeita alegria estaria, pois, não na paciência enquanto virtude do homem, mas enquanto união com o Crucificado, enquanto sacramento do Perdão que aconteceu na cruz

TEXTO

¹ Certo dia, estando o bem-aventurado Francisco em Santa Maria, chamou o irmão Leão e disse-lhe:

– Irmão Leão, escreve

² Este respondeu-lhe:

– Estou preparado,

³ – Escreve – disse-lhe – em que consiste a verdadeira alegria.

⁴ Supõe que chega um mensageiro com a notícia de que todos os mestres de Paris entram na Ordem. Escreve: “Não é essa a verdadeira alegria”.

⁵ E que, além disso, deram também entrada na Ordem todos os prelados ultramontanos, arcebispos e bispos, e ainda os reis de França e da Inglaterra. Escreve. “Não está nisso a verdadeira alegria”.

⁶ E que igualmente os meus irmãos partiram para entre os infiéis e os converteram todos à fé. E, além disso, que eu próprio recebi muitos milagres. Pois digo-te que ainda em nada disto está a verdadeira alegria.

⁷ Qual é, então, a verdadeira alegria?

⁸ Supõe que eu, ao voltar da Perúsia, chegava aqui altas horas da noite. É Inverno. Está tudo enlameado e o frio é tanto que da orla da túnica pendem sincelos que abrem feridas nas pernas e as fustigam até as fazer sangrar.

⁹ E, coberto de lama, gelado, a tiritar de frio, chego à porta. Depois de estar bastante tempo a tocar e a chamar, aparece o irmão e pergunta:

– Quem é?

Eu respondo:

– Sou o irmão Francisco.

¹⁰ E ele replica:

– Fora daqui. Isto não são horas decentes de se andar pelos caminhos. Aqui é que tu não entras.

¹¹ E, perante nova insistência da minha parte, responde:

– Fora daqui. Tu não passas de um simplório, um labrego. Connosco é que não ficas. Já cá temos muita gente e não precisamos de ti para nada.

¹² De novo me aproximo da porta para lhe dizer:

– Por amor de Deus, deixai-me ficar aqui esta noite.

¹³ Resposta dele:

– Não estou disposto. Vai ter com os crucíferos e pede-lhes que te recebam.

¹⁴ Se eu levasse tudo isto com paciência e sem ter perdido a calma, digo-te que está nisto a verdadeira alegria e também a verdadeira virtude e o bem da alma.

TEXTOS LEGISLATIVOS

TEXTOS LEGISLATIVOS

1. PRIMEIRA REGRA (1R)

Introdução

Porque, das duas cujo texto é conhecido, a de 1221 é a primeira, é costume chamar-lhe Primeira Regra. É designação incorrecta, embora habitualmente aceite. Incorrecta por dois motivos. Primeiro porque a põe em pé de igualdade com a Segunda, quando há uma diferença essencial: a Segunda está sancionada com a autoridade da Santa Sé e a Primeira não. Portanto só a Segunda é, de facto, a Regra dos Irmãos Menores, Mais exacto seria chamar à regra de 1221, Regra não bulada.

O outro motivo é que, efectivamente, a primeira regra franciscana foi a que Francisco apresentou ao Papa Inocência III em 1209-1210. “Quando o Senhor me deu o cuidado dos irmãos, recorda ele no testamento, ninguém me ensinava o que devia fazer, mas o mesmo Senhor me revelou que devia viver segundo a forma do Santo Evangelho e eu assim o fiz escrever em poucas e simples palavras e o Senhor papa mo confirmou”¹. Tomás de Celano diz do seu lado: “O bem-aventurado

¹ T 14-15

Francisco, ao ver que o Senhor aumentava cada dia o número dos que a ele vinham, escreveu para si e seus irmãos presentes e futuros, com simplicidade e em poucas palavras, uma forma e modo de vida, servindo-se sobretudo de palavras do próprio Evangelho, que era seu desejo seguir com toda a perfeição, ajuntando-lhe todavia algumas poucas regras, as absolutamente necessárias à boa ordenação duma vida santa levada em comum”². Mateus de Paris (1200-1259), monge beneditino, conta que Francisco apresentou ao papa “compiladas num pedaço de pergaminho”, algumas passagens evangélicas “como seus salutare propósitos”, juntamente com outras orientações³. Esta primeira regra perdeu-se e todas as tentativas para a reconstruir têm sido baldadas.

Crescendo, porém, a Ordem é de crer que fosse crescendo também a Regra, quer com normas dadas pelo próprio fundador, quer com deliberações tomadas comunitariamente nos Capítulos Gerais. Tendo a fraternidade chegado à crise de 1220-1223, Francisco sentiu a necessidade de elaborar uma regra mais orgânica para pôr ordem na sua gente. Tomando, certamente, como material de base a legislação cristalizada em volta do núcleo de 1209-1210, compôs a regra de 1221, acrescentando algumas normas e exortações suas, directrizes emanadas da Santa Sé e sugestões de alguns irmãos com maiores responsabilidades. Finalmente,

² 1C 32

³ Cf. LEMMENS, Testimonia Minora XIII de Francisco Assisien-si, Quarachi 1926, p. 29

segundo Jordão de Giano, Fr. Cesário de Espira, a pedido de Francisco, procurou enriquecer o texto com palavras do Evangelho. Resultou um texto trabalhoso e complexo, como é fácil de compreender. Pedacos de legislação, produzidos sucessivamente ao longo daqueles dez anos, juntam-se uns aos outros, formando uma composição em vários estratos. Não obstante, nela aparece com muita simplicidade a alma de S. Francisco e o viver da fraternidade naqueles primeiros dez anos.



TEXTO

Prólogo

¹ Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amen. ² Esta é a vida que o irmão Francisco pediu ao Senhor papa Inocêncio lhe concedesse e aprovasse. E ele lha concedeu e aprovou, para si e para os irmãos presentes e futuros.

³ O irmão Francisco e quem quer que estiver à frente desta Religião, prometa obediência e reverência ao senhor papa Inocêncio e aos seus sucessores.

⁴ E os demais irmãos estejam obrigados a obedecer ao irmão Francisco e aos seus sucessores.

1. Os Irmãos devem viver em obediência e em castidade

¹ A regra e vida dos irmãos é esta, a saber: Viver em obediência, em castidade e sem nada de próprio ¹; e seguir a doutrina e exemplo de nosso Senhor Jesus Cristo, que diz: ² – *Se queres ser perfeito, vai e vende quanto tens e dá o seu preço aos pobres, e terás um tesoiro no céu, e vem e segue-me* (Mt 19, 21); e ainda: ³ – *Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me* (Mt 16, 24); e do mesmo

¹ *Sine proprio*. Esta fórmula usava-se desde o século XII, sobretudo entre as ordens militares e a Cúria Romana. No pontificado de Inocêncio III fazia-se pressão para a impor a todas as novas fundações. Francisco deu a esta expressão um sentido evangélico de atitude interior de desapropriação. Cf. IRIARTE, L. *Escritos de San Francisco Y Santa Clara de Asís, Valencia, Ed. Asís, 1999*

modo: ⁴ – *Se alguém quer vir a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe,*

e mulher, e filhos, e irmãos e irmãs, e até a própria vida, não pode ser meu discípulo (Lc 14, 26);⁵ E todo aquele que deixar a seu pai ou mãe, irmãos e irmãs, mulher ou filhos, casa ou campos, por amor de mim, receberá cento por um, e terá a vida eterna (cf. Mt 19, 29; Mc 10, 29; Lc 18, 29).

2.º Da admissão e hábito dos Irmãos

¹ Se alguém, por divina inspiração, quiser abraçar esta vida e vier ter com os nossos irmãos, seja deles recebido com benignidade. ² E se for firme o seu propósito de abraçar a nossa vida, guardem-se os irmãos de se intrometer nos seus negócios temporais; mas apresentem-no, logo ³ que possam, ao seu Ministro. E o Ministro benignamente o receba e conforte, e com diligência lhe exponha o teor da nossa vida.

⁴ E, feito isto, se o dito postulante quiser e espiritualmente sem impedimento o puder fazer, venda tudo o que tem e distribua o preço pelos pobres. ⁵ E os irmãos e seus Ministros de modo algum se intrometam nestes negócios dele, ⁶ nem lhe aceitem pecúnia alguma, nem por si nem por interposta pessoa. ⁷ Mas, se estiverem em necessidade, podem os irmãos aceitar dele, como os demais pobres, as coisas precisas para o corpo, excepto pecúnia.

⁸ E tornado o postulante, o Ministro dê-lhe o hábito da provação por um ano, a saber duas túnicas sem capelo, o cordão, e bragas, e caparão que desça até à cinta. ⁹ E, ao fim do ano da provação, seja recebido à obediência. ¹⁰ Depois não lhe será lícito passar a outra Religião, nem andar fora da obediência, conforme está

mandado pelo senhor Papa ² e em conformidade com o Evangelho; porque *ninguém que lança a mão ao arado e olha para trás, é apto para o Reino de Deus* (Lc 9, 62).

¹¹ Vindo porém algum que espiritualmente deseje dar os seus bens, mas esteja impedido de o fazer, abandone o que possui e isso lhe basta.

¹² E ninguém seja recebido contra a forma e instituição da santa Igreja.

¹³ Mas os outros irmãos que já prometeram obediência, tenham uma túnica com capelo e outra sem capelo, se lhes for necessária, e cordão e bragas. ¹⁴ E todos os irmãos se vistam de hábitos pobres, e possam remendá-los com sacos e outros pedaços, com a bênção de Deus, porque diz o Senhor no Evangelho: *Os que vestem com luxo e vivem entre prazeres* (Lc 7, 25) *e se vestem de panos macios, estão nos palácios dos reis* (Mt 11, 8). ¹⁵ E mesmo que lhes chamem hipócritas, não deixem de praticar o bem nem busquem neste mundo vestidos caros, para que possam vestir-se de glória no Reino dos Céus.

3.º Do ofício divino e do jejum

¹ Diz o Senhor: – *Esta raça de demónios com nenhuma outra coisa se pode expulsar senão com a oração e o jejum* (Mc 8, 28). ² E noutro lugar: *Quando jejuais, não vos mostreis tristes, como os hipócritas* (Mt 6, 16).

³ Por isso, todos os irmãos, clérigos ou leigos, rezem o Ofício divino, os louvores de Deus e orações, conforme é sua obrigação. ⁴ Os clérigos digam o Ofício,

² O ano de prova foi instituído com a bula *Cum secundum consilium*, de 22 de Setembro de 1220

e rezem por vivos e defuntos o que os clérigos costumam rezar;⁵ e, em reparação das faltas e negligências dos irmãos, digam cada dia o salmo *Miserere mei Deus* com o *Pai nosso*;⁶ pelos irmãos defuntos, digam o salmo *De profundis* com o *Pai nosso*.⁷ E possam ter somente os livros precisos para cumprir a sua obrigação do Ofício. ⁸ E os leigos que sabem ler o Saltério, possam também tê-lo. ⁹ Mas a todos os que não sabem letras, não lhes seja permitido ter livro algum.

¹⁰ Os leigos, porém, rezem o *Creio em Deus Pai* e vinte e quatro vezes o *Pai nosso* com o *Glória ao Pai*, por Matinas; por Laudes, cinco vezes; por Prima, o *Creio em Deus Pai* e sete vezes o *Pai nosso* com o *Glória ao Pai*; por Tércia, Sexta e Noa, por cada uma dessas horas, sete vezes; por Vésperas, doze vezes; e por Completas, o *Creio em Deus Pai* e sete vezes o *Pai nosso* com o *Glória ao Pai*; e pelos defuntos, sete vezes o *Pai nosso* com o *Requiem aeternam*; e pelas faltas e negligências dos irmãos, três vezes o *Pai nosso* cada dia.

¹¹ E do mesmo modo todos os irmãos jejuem desde a festa de Todos os Santos até ao Natal do Senhor, e desde a Epifania, que foi quando nosso Senhor começou o seu jejum, até à Páscoa. ¹² E nos outros tempos, segundo esta regra de vida, não têm obrigação de jejuar a não ser às sextas-feiras. E, conforme o Evangelho (Lc 10, 8), possam comer de todos os alimentos que lhes apresentarem.

4.º Das relações entre os Ministros e os demais Irmãos

¹ Em nome do Senhor!

² Todos os irmãos que são constituídos Ministros e servos dos outros irmãos, distribuam estes pelas províncias e pelos lugares da sua jurisdição e com frequência os visitem e espiritualmente os animem e exortem ³.

³ E todos os outros meus benditos irmãos com diligência lhes obedeçam em tudo o que respeita à salvação da alma e não vai contra a nossa vida. ⁴ E tratem-se uns aos outros como diz o Senhor: – *O que vós quereis que os outros vos façam, fazei-o vós também a eles* (Mt 7, 12). E noutro lugar: ⁵ *Não faças a ninguém o que não queres que te façam a ti* (Tb 4, 15).

⁶ E lembrem-se os Ministros e servos do que diz o Senhor: – *Não vim a ser servido, mas a servir* (Mt 20, 28). E lembrem-se também que as almas dos irmãos lhes foram confiadas e que delas terão de dar contas no dia do juízo (Mt 12, 36) perante nosso Senhor Jesus Cristo se algum se perder por sua culpa e mau exemplo.

5.º Da correcção fraterna

¹ Guardai, pois, as vossas almas e as dos vossos irmãos, porquanto *coisa terrível é cair nas mãos do Deus vivo* (Heb 10, 31).

³ *Província* significava, na época, uma nação ou uma região geográfica. O capítulo de 1217 dividiu a fraternidade em onze províncias. Em 1219 passaram para doze. O grupo de irmãos de cada região estava sob as ordens de um ministro, servidor. Os lugares ainda não eram conventos, mas pontos de encontro ou ermitérios de passagem. Ainda não havia superiores locais.

² Se algum dos Ministros mandar a um irmão coisa contrária à nossa vida ou à sua alma, o irmão não está obrigado a obedecer, porque não há obediência onde há delito ou pecado ⁴. ³ E todos os irmãos que são súbditos dos Ministros e servos, ponham discreta e diligente atenção na conduta dos Ministros e servos; ⁴ e se virem algum deles andar segundo a carne e não segundo o espírito no que respeita à perfeição da nossa vida, depois de três vezes o admoestarem, se não houver emenda, no Capítulo do Pentecostes denunciem-no ao Ministro e servo de toda a Fraternidade, sem se atemorizarem de qualquer contradição.

⁵ E se entre os irmãos, onde quer que se encontrem, houver algum que queira viver segundo a carne e não segundo o espírito, admoestem-no, instruem-no e com humildade e diligência o corrijam. ⁶ E se, três vezes admoestado, se não quiser emendar, logo que puderem mandem-no ou denunciem-no ao seu Ministro e servo, para que dele faça o que melhor lhe parecer segundo Deus.

⁷ E guardem-se todos os irmãos, tanto os Ministros e servos como os demais, de se perturbarem ou irritarem por causa do pecado ou mau exemplo de outro, porque o que o demónio pretende é prejudicar a muitos pelo pecado de um só; ⁸ mas do melhor modo que puderem, espiritualmente ajudem o que pecou, porque *não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os que estão doentes* (Mt 9, 12 e Mc 2, 17).

⁹ Do mesmo modo, nenhum dos irmãos tenha qualquer poder ou domínio, sobretudo entre si. ¹⁰ Porquanto, como diz o Senhor no Evangelho, *os príncipes das*

⁴ Francisco insiste aqui nos limites da autoridade e admite o que hoje se conhece como “objecção de consciência”.

nações têm domínio sobre elas; e os que são maiores entre as gentes, têm o poder sobre elas (Mt 20, 25-26).

¹¹ Entre os irmãos não há-de ser assim; mas *aquele que quiser ser o maior* ¹² *entre eles, seja deles o ministro e servo e aquele que é o maior, faça-se entre eles o menor* (Lc 22, 26).

¹³ E nenhum dos irmãos faça mal a outro, ou de outro diga mal; ¹⁴ antes, com *caridade de espírito*, de boa mente sirvam e obedeçam *uns aos outros* (Gl 5, 13), ¹⁵ que esta é a verdadeira e santa obediência de nosso Senhor Jesus Cristo.

¹⁶ E todos os irmãos, sempre que *se desviarem dos mandamentos do Senhor* e andarem fora da obediência saibam que, conforme a palavra do profeta (Sl 111, 21), são malditos enquanto deliberadamente permanecerem ¹⁷ nesse pecado. Mas quando perseveraram nos mandamentos do Senhor que prometeram pelo santo Evangelho e sua forma de vida, saibam que então estão na verdadeira obediência e são benditos do Senhor.

6.º Do recurso dos Irmãos aos Ministros e que nenhum dos Irmãos se chame prior

¹ Os irmãos, onde quer que se encontrem, se não podem observar a nossa forma de vida, recorram, o mais cedo possível, ao seu Ministro a expor-lhe o caso.

² E o Ministro, por sua vez, procure providenciar, do modo como queria que lhe fizessem, se em caso semelhante se encontrasse.

³ E nenhum se chame prior, mas todos, indistintamente, se chamem irmãos menores. ⁴ E lavem os *pés uns aos outros* (Jo 13, 14).

7.º Do modo de servir e trabalhar

¹ Os irmãos, quando se encontrem em casa de outros a servir ou trabalhar, não façam o ofício de mordomos nem camareiros nem de administradores, nem outro qualquer ofício que dê escândalo ou *cause dano à sua alma* (Mc 8, 36); ² mas todos sejam menores e sujeitos aos demais que vivem na mesma casa.

³ E os irmãos que sabem trabalhar, trabalhem no ofício que aprenderam, se não for contra a salvação da sua alma e com honestidade o puderem exercer. ⁴ Pois, diz o Profeta: – *Porque te sustentas com o trabalho das tuas mãos, és feliz e tudo te correrá bem* (Sl 127, 2); ⁵ e o Apóstolo: – *Se alguém não quer trabalhar, não coma* (2 Ts 3, 10); ⁶ e *cada um continue na arte e ofício que exercia quando foi chamado* (1Cor 7, 24). ⁷ E possam receber pelo seu trabalho tudo o que lhes é necessário, excepto pecúnia. ⁸ E quando a necessidade exigir, vão pedir esmola, como os outros pobres. ⁹ E podem ter as ferramentas e instrumentos precisos para os seus trabalhos.

¹⁰ *Todos os irmãos se ocupem ardorosamente em trabalhos honestos* (S. Greg. hom. 13), pois está escrito: *Entretém-te sempre nalgum bom trabalho, para que o demónio te encontre ocupado* (S. Jerón. Epist. 125, 11). ¹¹ E em outra parte: *A ociosidade é inimiga da alma* (S. Bento, Regra 48, 1). ¹² Pelo que os servos de Deus sempre devem estar ocupados na oração ou nalgum bom trabalho.

¹³ Os irmãos, onde quer que morem, nos eremitérios ou noutros lugares, não se apropriem de nenhum lugar, não permitindo a entrada nele a quem quer que seja. ¹⁴ E todo aquele que os procure, amigo ou inimigo, ladrão ou salteador, seja cortesmente recebido. ¹⁵ E os irmãos,

onde quer que estejam ou em qualquer lugar em que se encontrem, devem mostrar respeito e estima uns pelos outros, *sem murmuração* (1Pe 4, 9), com diligente piedade. E não se mostrem *tristes* e ensombrados, como os *hipócritas*, mas *alegres no Senhor* (Fl 4, 4), joviais e graciosamente amáveis como convém.

8.º Que os Irmãos não recebam dinheiro

¹ O Senhor ordena no Evangelho: *Tende cuidado, guardai-vos de toda a maldade e avareza;* ² e *libertai-vos* da solicitude das coisas deste mundo e *dos cuidados desta vida* (Lc 12, 15; 21, 24).

³ Por isso, nenhum irmão, onde quer que esteja ou para onde quer que vá, aceite de qualquer modo, receba ou faça receber pecúnia ou dinheiro, nem para compra de hábitos ou de livros, nem em retribuição de algum trabalho, nem por qualquer outro motivo, salva manifesta necessidade dos irmãos enfermos; porque não devemos ter nem reputar a pecúnia e o dinheiro como mais úteis do que as pedras. ⁴ E o que o demónio quer é cegar aqueles que os apetezem e julgam de mais proveito que as pedras.

⁵ Nós, que *tudo abandonámos* (Mt 19, 27), acatelemo-nos, não vá suceder que, por coisa de nenhum valor, percamos o Reino dos Céus.

⁶ E se, nalguma parte, acharmos dinheiro, não cuidemos dele mais que do pó que calcamos aos pés, porque é *vaidade das vaidades, e tudo vaidade* (Ecl 1, 2).

⁷ E se porventura acontecesse (o que Deus não permita!) algum irmão receber ou ter dinheiro ou pecúnia, excepção feita somente no caso da sobredita necessidade dos enfermos, todos os irmãos o tenham por falso irmão e apóstata, por salteador e ladrão e por pessoa

que traz bolsa (Jo 12, 6), a não ser que de verdade se arrependa.

⁸ E de nenhuma maneira os irmãos recebam ou façam receber, peçam ou façam pedir, de esmola, pecúnia ou dinheiro para algumas casas ou lugares, nem acompanhem pessoa que ande a pedir pecúnia ou dinheiro para tais lugares ⁵. ⁹ Mas outros serviços que não sejam contrários à nossa forma de vida, possam-nos os irmãos prestar com a bênção do Senhor.

¹⁰ E em caso de manifesta necessidade dos leprosos, possam os irmãos pedir esmola para eles. ¹¹ Tenham, todavia, muito cuidado no que respeita a pecúnia.

¹² E do mesmo modo guardem-se os irmãos de se porem a percorrer terras, atraídos pela ambição do ganho.

9.º Do pedir esmola

¹ Cuidem todos os irmãos de imitar a humildade e pobreza de nosso Senhor Jesus Cristo, e lembrem-se que, dos bens deste mundo, nada mais precisamos ter do que diz o Apóstolo: – Tendo nós que comer e que vestir, com isso nos devemos contentar (1Tm 6, 8).

² E devem alegrar-se quando se encontram entre a gente vulgar e desprezível, entre os pobres e fracos, os doentes e os leprosos e os mendigos dos caminhos.

⁵ Aqui se entende a atitude de Francisco em relação ao dinheiro. Para um mosteiro beneditino a tentação era a de acrescentar terrenos para aumentar o património. Para uma fraternidade itinerante, numa sociedade em que os artesãos e comerciantes começavam a dominar, o perigo era ceder à tentação do dinheiro. Os irmãos deviam ser serviais e partilhar a vida dos pobres, mas sem recolher ao salário.

³ E quando houver necessidade, vão pedir esmola. ⁴ E não tenham disso vergonha, antes recordem que nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo, onnipotente, *expôs sua face como pedra duríssima às afrontas* (Is 50, 7), ⁵ e nem por isso se envergonhou; e foi pobre e sem abrigo, e viveu de esmolas, ele e a Santíssima Virgem e os seus discípulos. ⁶ E se os cobrirem de afrontas e não quiserem dar-lhes esmola, dêem por isso graças a Deus, porque por essas afrontas hão-de receber grande honra no tribunal de nosso Senhor Jesus Cristo. ⁷ E estejam certos de que as afrontas cairão, não sobre quem as sofre, mas sobre quem as faz. ⁸ E a esmola é a herança e justiça a que os pobres têm direito, porque nosso Senhor Jesus Cristo no-la ganhou. ⁹ E os irmãos que se entregam ao ministério de pedir esmola, terão grande recompensa, e fazem que também a tenham aqueles que lha dão, porquanto tudo o que os homens deixam neste mundo, tudo é sem valia, mas a caridade e as esmolas que fizeram, essas valem, valem a recompensa que Deus por elas lhes dará.

¹⁰ E com confiança, entre os irmãos, um ao outro manifeste as suas necessidades, para que lhe procure e lhe traga o que lhe for necessário. ¹¹ E cada um deles, segundo a graça que Deus lhe der, ame e sustente a seu irmão, como a mãe ama e alimenta a seu filho (1Ts 2, 7). ¹² *E o que não come, não julgue o que come* (Rm 14, 3).

¹³ E, havendo necessidade, a todos os irmãos, onde quer que se encontrem, lhes seja lícito comer de todos os alimentos que os homens podem comer, como o Senhor disse de David, que *comeu dos pães da proposição, que só aos sacerdotes era permitido comer* (Mt 12, 4; Mc 2, 26). ¹⁴ E lembrem-se do que diz o Senhor: *Olhai, não suceda que o coração se vos torne pesado*

com as demasias no comer e no beber e com os cuidados desta vida, e vos apanhe de surpresa aquele dia que, de repente, ¹⁵ *como um laço, cairá sobre todos os que habitam a face da terra (Lc 21, 34-35).* ¹⁶ E em tempo de manifesta necessidade, todos os irmãos do mesmo modo usem das coisas necessárias como Deus lhes conceder, porque *a necessidade não tem lei* ⁶.

10.º Dos Irmãos enfermos

¹ Se algum dos irmãos cair enfermo, seja onde for, os outros irmãos não se vão sem deixarem com ele um irmão, ou mais, se for necessário, para o servirem como desejariam ser servidos (Mt 7, 12). ² Mas, em caso de absoluta necessidade, podem confiá-lo a pessoa que o trate nessa sua enfermidade.

³ E rogo ao irmão enfermo, que por tudo dê graças ao Criador; e, como o Senhor dispuser, assim ele deseje estar, são ou enfermo, porque a todos aqueles que *Deus predestinou para a vida eterna (Act 13, 48), os ensina com a vara dos açoites e enfermidades e com o espírito de compunção, como diz o Senhor: Aqueles que amo, eu emendo e castigo (Ap 3, 19).*

⁴ Mas se o irmão enfermo se perturba e exaspera contra Deus e contra os irmãos, ou se mostra, porventura, demasiado solícito e exigente no reclamar remédios, na ânsia de salvar a carne que cedo há-de morrer e é inimiga da alma, então há que se dizer que isto lhe vem do espírito mau e carnal, e que não parece ser um dos irmãos, pois ama mais o corpo do que a alma.

⁶ Decreto de Graciano p. 2C. q. 1

11.º Que os Irmãos não difamem nem detraiam mas uns aos outros se estimem

¹ E todos os irmãos ponham cuidado em não caluniar ninguém, nem armar contendas (2 Tm 2, 14), ² antes procurem guardar silêncio, tanto quanto lho conceder a graça de Deus. ³ E não porfiem entre si nem com outros, mas sempre seja sua resposta humilde, com dizer: Somos servos inúteis (Lc 17, 10). ⁴ E guardem-se da ira, porque *todo aquele que se irar contra seu irmão, será réu no juízo; e aquele que chamar raca a seu irmão será réu no conselho; e o que disser «és um tolo», será réu da geena do fogo* (Mt 5, 22). ⁵ E amem-se uns aos outros, conforme diz o Senhor: *Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei a vós* (Jo 15, 12). ⁶ E mostrem por obras (Tg 2, 18) o amor que mutuamente se devem, segundo diz o Apóstolo: *Não amemos de palavra ou de língua, mas por obras e de verdade* (Jo 3, 18). ⁷ E não insultem ninguém (Tt 3, 2).

⁸ Não murmurem nem detraiam nos outros, porque está escrito: *Os murmuradores e detractores são odiados por Deus* (Rm 1, 29); ⁹ mas sejam *modestos e cheios de mansidão para com todos* (Tt 3, 2); ¹⁰ não julguem nem condenem. ¹¹ E, como diz o Senhor, não se ponham a reparar nos mínimos pecados dos outros (Mt 7, 3; Lc 6, 41): ¹² mas antes meditem nos seus próprios *com o coração amargurado* (Is 38, 15). ¹³ E esforcem-se por *entrar pela porta estreita* (Lc 13, 24), porque, diz o Senhor: *É estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida e são poucos os que com ele acertam* (Mt 7, 14).

12.º Dos maus olhares e do trato com mulheres

¹ Todos os irmãos, onde quer que estejam ou vão, guardem-se dos maus olhares e da conversação com mulheres. ² E nenhum se entretenha ou viaje a sós com elas ou partilhe à mesa do mesmo prato.

³ Os sacerdotes falem-lhes com honestidade, quando lhes dão a penitência ou algum conselho espiritual.

⁴ E nenhum irmão receba à obediência mulher alguma; mas que ela, ouvido o seu conselho espiritual, vá fazer penitência para onde muito bem quiser ⁷.

⁵ E sejamos todos muito acautelados, e conserve-mos puros todos os nossos sentidos, pois diz o Senhor: *Todo aquele que olha uma mulher para a desejar, já cometeu adultério, no seu coração (Mt 5, 28)*. ⁶ E o Apóstolo: *Não sabeis, porventura, que o vosso corpo é templo do Espírito Santo? (1Cor 6, 19)* e assim, *se alguém violar o templo de Deus, Deus o destruirá (1Cor 3, 17)*.

13.º Do castigo a dar aos fornicários

¹ Se algum dos irmãos, por instigação do demónio, cair em fornicção, dispa-se-lhe o hábito, de que se tornou indigno por seu torpe pecado. E, deposto o hábito, seja expulso da nossa Religião. ² E depois vá fazer penitência dos seus pecados.

⁷ Tratava-se de mulheres que, por causa da pregação dos irmãos, também queriam mudar de vida (cf. LP 34). Muitas vezes acontecia que grupos de mulheres viviam a vida de penitência sob a obediência de um sacerdote. A fundação da Ordem Terceira da Penitência veio clarificar muitas situações.

14.º Como os Irmãos devem andar pelo mundo

¹ Quando os irmãos vão pelo mundo, nada levem para o caminho, nem saco, *nem alforge, nem pão, nem dinheiro, nem bordão* (Lc 9, 3; 10, 4; Mt 10, 10). ² *E, ao entrar em qualquer casa, digam, antes de mais nada: – A paz seja nesta casa.* ³ *E enquanto aí demoram, comam e bebam do que lhes oferecerem* (Lc 10, 5. ⁷). ⁴ Não oponham resistência a quem lhes fizer mal, mas se alguém os ferir numa face, apresentem também a outra (Mt 5, 39);⁵ *e a quem lhes tirar o manto, deixem-lhe também levar a túnica.* ⁶ Dêem a quem lhes pedir; e se *alguém pegar do que é deles, não reclamem.*

15.º Que os Irmãos não tenham besta nem andem a cavalo

¹ Mando a todos os meus irmãos, assim clérigos como leigos, que andam pelo mundo ou moram nos eremitérios, que de modo nenhum, nem por si, nem por outrem, nem de outra qualquer maneira, tenham besta alguma. ² E não andem a cavalo, a não ser obrigados por enfermidade ou grande necessidade.

16.º Dos que vão para entre os moiros e outros infiéis

¹ O Senhor diz: *Eis que vos envio como ovelhas para o meio dos lobos.* ² *Sede, pois, prudentes como as serpentes, e simples como as pombas* (Mt 10, 16).

³ Portanto, se qualquer dos irmãos, por divina inspiração, quiser ir para entre os moiros e outros infiéis, que vá, com licença do seu Ministro e servo. ⁴ E o Ministro

lhes dê licença e não se oponha, se os julgar idóneos para serem mandados, pois terá de dar contas ao Senhor (Lc 16, 2) se, nisto ou noutras coisas, indiscretamente proceder.

⁵ E os irmãos que partem, de dois modos podem viver espiritualmente entre eles. ⁶ O primeiro é não abrirem debates nem discussões, mas *mostrarem-se submissos a toda a humana criatura por amor de Deus* (1Pe 2, 13) e confessarem que são cristãos. ⁷ O outro modo é que, quando julgarem ser do agrado do Senhor, anunciem a palavra de Deus, para que creiam no Deus onipotente, Pai, Filho e Espírito Santo, Criador de todas as coisas, no Filho Redentor e Salvador, e sejam baptizados e se façam cristãos, porque, *quem não renascer da água e do Espírito Santo, não pode entrar no reino de Deus* (Jo 3, 5).

⁸ Estas e semelhantes coisas agradáveis ao Senhor lhes podem pregar, a eles e aos demais, porque diz o Senhor no Evangelho: *Todo o que me confessar perante os homens, também eu o confessarei perante meu Pai que está nos céus* (Mt 10, 32). ⁹ E ainda: *Quem se envergonhar de mim e das minhas palavras, desse também se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na sua majestade, na glória do Pai e dos santos Anjos* (Lc 9, 26).

¹⁰ E todos os irmãos, onde quer que estiverem, lembrem-se que a si mesmos se deram e entregaram seus corpos a nosso Senhor Jesus Cristo, ¹¹ e que por seu amor se devem expor aos inimigos visíveis e invisíveis, porque diz o Senhor: *Quem perder a sua vida por causa de mim, salvá-la-á para a vida eterna* (Lc 9, 24; Mt 25, 46). ¹² *Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque é deles o Reino dos Céus* (Mt 5, 10). ¹³ *Se me perseguiram a mim, também a vós vos vão perseguir* (Jo 15, 20). ¹⁴ Mas, se vos persegui-

rem numa cidade, fugi para outra (Mt 10, 23). ¹⁵ Bem-aventurados sereis, quando os homens vos odiarem e ultrajarem, e quando vos repulsarem da sua companhia, e vos insultarem, e amaldiçoarem o vosso nome como infame, e quando mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim; ¹⁶ regozijai-vos então e exultai, porque será grande nos céus a vossa recompensa (Mt 5, 11; Lc 6, 22-23). ¹⁷ A vós, meus amigos, eu digo que não vos aterreis com estas coisas (Lc 12, 4) ¹⁸ nem tenhais medo dos que matam o corpo, e depois mais nada podem fazer (Lc 12, 4). ¹⁹ Vede, não vos perturbeis ²⁰ (Mt 20 24, 6). *Pela vossa paciência, sereis senhores das vossas almas* (Lc 21, 19). *E quem perseverar até ao fim, esse será salvo* (Mt 10, 22; 24, 13).

17.º Dos pregadores

¹ Nenhum dos irmãos pregue contra a forma e doutrina da santa Igreja Romana, e sem autorização dada pelo seu Ministro. ² E o Ministro tenha cuidado de a não dar indiscretamente a ninguém.

³ Mas, com as obras, todos os irmãos devem pregar.

⁴ E nenhum Ministro ou pregador proceda como se fosse dono do ministério dos irmãos ou do ofício de pregar; mas na hora em que lhe for mandado, sem qualquer contradição, deixe o seu ofício.

⁵ Pelo que, *na caridade que é Deus* (1Jo 4, 16), eu suplico a todos os meus irmãos que pregam, rezam, trabalham, quer clérigos quer leigos, ⁶ que cuidem de se humilhar em todas as coisas, não se desvanecendo das boas palavras e obras e nem mesmo de qualquer outro bem que Deus diz ou faz ou alguma vez tenha operado neles ou por meio deles, segundo o que diz o Senhor:

Mas nem disso vos deveis alegrar, de que os espíritos maus vos estejam sujeitos (Lc 10, 21).

⁷ E firmemente nos persuadamos, que de nós só temos vícios e pecados. ⁸ E então nos devemos alegrar, quando nos virmos submetidos a várias provas (Tg 1, 2), e quando sofremos neste mundo toda a sorte de angústias e tribulações da alma e do corpo, por causa da vida eterna.

⁹ Portanto, irmãos, acautelemo-nos de toda a soberba e vanglória. ¹⁰ Guardemo-nos *da sabedoria deste mundo e da prudência da carne* (Rm 8, 6), ¹¹ porque o espírito da carne muito quer e cuida de palavras e pouco de obras, ¹² e procura, não a religião e santidade interior do espírito, mas, sim, quer e deseja uma religião e santidade exterior que seja vista pelos homens. ¹³ E é destes que o Senhor afirma: *Em verdade vos digo, já receberam a sua recompensa* (Mt 6, 2).

¹⁴ O espírito do Senhor, pelo contrário, quer que a carne ande mortificada e desprezada, abatida e humilhada e sujeita a opróbrio; ¹⁵ e procura a humildade e paciência, e a pura, e simples, e verdadeira paz de espírito. ¹⁶ E sempre deseja, sobre todas as coisas, o temor de Deus, a divina sabedoria e o divino amor do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

¹⁷ E atribuamos todos os bens ao Senhor Deus altíssimo e soberano, reconhecendo que todos lhe pertencem, e dando-lhe graças por todos eles, já que dele procede todo o bem.

¹⁸ E o mesmo altíssimo e soberano, único Deus verdadeiro, tenha, e se lhe prestem, e receba todas as honras e reverências,

todos os louvores e bênçãos,
todas as graças e toda a glória,
porque todo o bem lhe pertence,
e só ele é bom (Lc 18, 19).

¹⁹ E quando virmos ou ouvirmos dizer ou fazer mal ou blasfemar de Deus, nós bendigamo-lo, façamos o bem e louvemos ao Senhor, *que é bendito pelos séculos* (Rm 1, 25).

18.º Como os Ministros se hão-de reunir

¹ Todos os anos na festa de S. Miguel cada um dos Ministros se poderá reunir com seus irmãos, onde bem lhes parecer, a tratar das coisas que se referem ao serviço de Deus. ² E todos os Ministros, os que vivem nas terras de Além-mar e de Além-dos-Montes, uma vez cada três anos, e os demais ministros uma vez cada ano, venham ao capítulo, na festa do Pentecostes, a S. Maria da Porciúncula, a não ser que outra coisa ordene o Ministro e servo de toda a Fraternidade.

19.º Que os Irmãos vivam catolicamente

¹ Todos os irmãos sejam católicos, vivam e falem como católicos. ² E se algum se afastar da fé e vida católica por palavras ou obras, e não se emendar, seja irremediavelmente expulso da nossa Fraternidade. ³ E a todos os clérigos e a todos os religiosos, nós os tenhamos por senhores nas coisas que respeitam à salvação da alma e não se desviam da nossa Religião; e veneremos no Senhor a ordem que têm, o seu ofício e ministério.

20.º Da confissão dos Irmãos e da comunhão do Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo

¹ Os meus irmãos benditos, clérigos e leigos, confessem seus pecados aos sacerdotes da nossa Religião.

² E se isso não for possível, confessem-se a outros sacerdotes prudentes e católicos, ficando bem crentes e considerando que seja de que sacerdote for que recebam a penitência e absolvição, de certeza são absolvidos dos pecados confessados, desde que humildemente e fielmente procurem cumprir a penitência que lhes impuseram.

³ Mas no caso de não poderem encontrar sacerdote, confessem-se a seu irmão, conforme diz o apóstolo S. Tiago: *Confessai uns aos outros os vossos pecados* (Tg 5, 16). ⁴ Todavia, nem por isso se julguem desobrigados de recorrer aos sacerdotes, já que o poder de ligar e desligar só a eles foi cometido.

⁵ E, assim contritos e confessados, recebam o Corpo e Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo com muita humildade e respeito, recordando o que o mesmo Senhor disse: *Quem come a minha carne e bebe o meu Sangue, tem a vida eterna* (Jo 6, 54); e ainda: ⁶ *Fazei isto em memória de mim* (Lc 22, 19).

21.º Da exortação que todos os Irmãos podem fazer

¹ Esta ou semelhante, a exortação e louvor que todos os meus irmãos, sempre que lhes aprouver, podem fazer aos homens, com a bênção do Senhor.

² Temei e honrai,
louvai e bendizei,
dai graças e adorai ao
Senhor Deus onnipotente,

na sua Trindade e Unidade,
Pai e Filho e Espírito Santo,
Criador de todas as coisas (1Ts 5, 18).

³ Fazei penitência (Mt 3, 2);
dai frutos dignos de penitência (Lc 3, 8),
porque sabeis que em breve havemos de morrer.

⁴ *Dai e dar-se-vos-á.*

⁵ *Perdoai e sereis perdoados* ⁶ (Lc 6, 37-38).

⁶ *E se não perdoardes aos homens as suas ofensas,*
(Mt 6, 14),
o Senhor não vos perdoará a vós os vossos pecados
(Mc 11, 25).

Confessai todos os vossos pecados (Tg 5, 16).

⁷ Bem-aventurados os que morrem na penitência,
porque será deles o Reino dos Céus. ⁸ Ai daqueles que
morrem impenitentes, porque *serão filhos do demónio*,
(1Jo 3, 10), cujas obras praticam (Jo 8, 41), e irão para
o fogo eterno. ⁹ Vigiai, e guardai-vos de todo o mal, e
perseverai no bem até ao fim.

22.º Exortação aos Irmãos

¹ Todos nós, irmãos, consideremos com atenção o
que o Senhor diz: *Amai aos vossos inimigos, e fazei
bem aos que vos odeiam* (Mt 5, 44). ² Porque também
nosso Senhor Jesus Cristo, *cujos passos devemos
seguir* (1Pe 2, 21), ao que o entregou chamou *amigo*
(Mt 26, 50), e aos que o crucificaram, espontaneamente
se lhes pôs nas mãos. ³ Portanto, todos os que injusta-
mente nos causam tribulações e angústias, opróbrios e
injúrias, dores e tormentos, martírio e morte; ⁴ são nos-
sos amigos, aos quais muito devemos amar, pois que
por tudo isto que nos fazem, temos a vida eterna.

⁵ E com ódio tratemos, sim, o nosso corpo com seus vícios e pecados, porque, vivendo nós segundo a carne, quer o diabo roubar-nos o amor de nosso Senhor Jesus Cristo e a vida eterna, e perder-se com todos no inferno.

⁶ Porque nós, pela nossa culpa, somos asquerosos, miseráveis, e contrários ao bem, mas prontos e inclinados para o mal, ⁷ pois, segundo o Senhor diz no Evangelho, do coração do homem é que procedem e vêm os maus pensamentos, os adultérios, as fornicações, os homicídios, os roubos, a avareza, a maldade, o embuste, a impudícia, os maus olhares, os falsos testemunhos, as blasfêmias, os desatinos (Mc 7, 21; Mt 15, 19).

⁸ *Todos estes males brotam do interior do coração do homem* (Mc 7, 23); e estes, sim, que mancham o homem (Mt 15, 20).

⁹ Agora, porém, desde que abandonámos o mundo, outra coisa não temos a fazer senão andarmos solícitos em seguir a vontade do Senhor e agradar-lhe. ¹⁰ Tenhamos muito cuidado, não sejamos como a terra da berma do caminho, ou como a terra pedregosa e coberta de espinhos, segundo o que o Senhor diz no Evangelho:

¹¹ *A semente é a palavra de Deus.* ¹² *A que caiu junto ao caminho e foi calcada, são aqueles que ouvem a palavra e não a entendem;* ¹³ *e logo vem o demónio e arrebatava o que foi semeado no coração dos homens e tira dos seus corações a palavra, não suceda que, acreditando, se salvem.* ¹⁴ *A que caiu em terreno pedregoso são aqueles que ouviram a palavra, e logo com alegria a receberam.* ¹⁵ *Mas, sobrevindo a tribulação e perseguição, se escandalizam por causa da palavra; estes não deixam afundar em si as raízes e não perseveraram, porque a um tempo crêem, mas esmorecem na hora da tentação.* ¹⁶ *A que caiu entre espinhos são aqueles que ouvem a palavra de Deus, mas os cuidados e inquieta-*

ções deste mundo, a sedução das riquezas e demais concupiscências, crescendo, afogam a palavra, que morre sem dar fruto. ¹⁷ Porém, a que foi semeada em terra boa, são aqueles que, ouvindo a palavra com coração dócil e bom, lhe prestam atenção e a guardam e dão fruto na paciência (Mt 13, 19-23; Mc 4, 15-19; Lc 11, 24-26).

¹⁸ E por isso nós, irmãos, segundo a palavra do Senhor, deixemos os mortos enterrar seus mortos (Mt 8, 22).

¹⁹ E acautelemo-nos muito da malícia e insídias de Satanás, que não quer que o homem tenha o seu espírito e coração voltados para Deus. ²⁰ E, rondando, tenta apoderar-se do coração do homem com negaças de recompensas e vantagens, e afogar na sua memória as palavras e preceitos do Senhor, e procura obcecar com os negócios e cuidados do mundo o coração do homem, e nele fazer morada do modo como o Senhor diz:

²¹ Quando o espírito imundo sai de um homem, anda por lugares áridos e secos, em busca de descanso. ²² E, não o encontrando, diz: Vou tornar à minha casa, donde saí. ²³ E, vindo, encontra-a sem ninguém, varrida e adornada. ²⁴ E então vai, e, trazendo consigo outros sete espíritos piores do que ele, entram e nela se estabelecem. E o último estado daquele homem vem a ser pior do que antes (Mt 12, 43-44; Lc 11, 24-26).

²⁵ Portanto, irmãos, muito cuidado tenhamos todos, não suceda que a pretexto de uma recompensa, ou prazer, ou vantagem, percamos ou arredemos Deus do nosso espírito e coração. ²⁶ Mas pela santa caridade que é Deus (1Jo 4, 16), rogo a todos os irmãos, tanto aos Ministros como aos demais, que, removido todo o impedimento e posto de parte todo o cuidado e solicitude, do melhor modo que possam, trabalhem por servir, amar, adorar e honrar ao Senhor Deus com um coração limpo e espírito puro, o que ele sobretudo deseja. ²⁷ E sempre

em nós façamos morada e mansão para ele, que é o Senhor Deus onipotente, Pai e Filho e Espírito Santo, que diz: *Vigiai e orai em todo o tempo para alcançardes evitar todos os males vindouros e aparecer diante do Filho do Homem* (Lc 21, 36).²⁸ E quando fordes a orar (Mc 11, 25), dizei: *Pai nosso, que estais nos céus* (Mc 11, 25; Mt 6, 9).

²⁹ E adoremo-lo com o coração puro, pois importa orar sempre, sem desfalecer (Lc 18, 1);³⁰ porquanto são esses os adoradores que o Pai deseja.³¹ *Deus é espírito, e os que o adoram, devem adorá-lo em espírito e verdade* (Jo 4, 23-24).

³² E recorramos a ele, como a pastor e guarda das nossas almas (1Pe 2, 25), que diz: *Eu sou o bom Pastor, que apascento as minhas ovelhas, dou a minha vida pelas minhas ovelhas.*³³ *E todos vós sois irmãos;*³⁴ *e a ninguém chameis vosso pai cá na terra, pois um só é o vosso Pai, que está nos céus.*³⁵ *Nem vos chameis mestres, pois um só é o vosso Mestre, que está nos céus* (Mt 23, 8-10).

³⁶ *Se permanecerdes em mim e minhas palavras permanecerem em vós, pedireis tudo o que quiserdes e vos será feito* (Jo 15, 7).³⁷ *Onde quer que dois ou três se reunirem em meu nome, aí estou eu no meio deles* (Mt 18, 20).³⁸ *Eis que eu estou convosco até à consumação dos séculos* (Mt 28, 20).³⁹ *As palavras que vos tenho dito são espírito e vida* (Jo 6, 55).⁴⁰ *Eu sou o caminho, a verdade e a vida* (Jo 14, 6).

⁴¹ Guardemos, pois, as palavras, a vida e doutrina e o santo Evangelho daquele que se dignou rogar a seu Pai por nós, e revelar-nos o seu nome, dizendo:

⁴² *Pai, manifestei teu nome aos homens que me deste; porque as palavras que me deste, eu lhas dei a eles, e eles as receberam, e de verdade conheceram que eu*

vim de ti, e creram que tu me enviaste a mim. ⁴³ *Eu rogo por eles; não pelo mundo,* ⁴⁴ *mas por aqueles que me deste, porque são teus, e tudo o que é meu é teu.* ⁴⁵ *Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, a fim de serem um, como também nós somos um.* ⁴⁶ *Eu falo assim neste mundo, a fim de que eles tenham em si a alegria perfeita* ⁴⁷ *Eu comuniquei-lhes a tua mensagem, e o mundo odiou-os,* ⁴⁸ *porque não são do mundo, como também eu não sou do mundo.* ⁴⁹ *Não te peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal. Santifica-os na verdade.* ⁵⁰ *A tua mensagem é a verdade.*

⁵¹ *Assim como me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo.* ⁵² *E por eles me santifico a mim mesmo, para que eles sejam santificados na verdade.* ⁵³ *Não rogo só por eles, mas por aqueles que hão-de crer em mim por causa da sua palavra, a fim de que sejam todos reunidos em um, e conheça o mundo que tu me enviaste, e os amaste a eles como me amaste a mim.* ⁵⁴ *E eu lhes fiz conhecer o teu nome, para que o amor com que me tens amado, seja neles, e eu neles também. Pai, eu quero que aqueles que me deste, estejam também comigo ali onde eu estou, para que, no teu reino, vejam a tua glória* (Jo 17, 1. 6. 8-11. 13- 15. 17-20. 23-24. 26).

23.º Oração, Louvor e Acção de Graças

¹ Omnipotente, santíssimo, altíssimo e soberano Deus, Pai santo e justo, Senhor rei do céu e da terra (Mt 11, 25), por ti mesmo te rendemos graças, porque por tua santa vontade e pelo teu único Filho com o Espírito Santo, criaste todas as coisas espirituais e corporais, e a nós, feitos *à tua imagem e semelhança, nos colocaste no paraíso* (Gn 1, 26; 2, 15), ² donde decaímos por culpa nossa.

³ E te rendemos graças porque, como por teu Filho nos criaste, assim também pela verdadeira e santa caridade *com que nos amaste* (Jo 17, 26), fizeste que Ele, o teu Filho, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, nascesse da gloriosa sempre Virgem a beatíssima santa Maria, e pela sua cruz e sangue e morte quiseste resgatar-nos, a nós que éramos cativos.

⁴ E ainda te rendemos graças porque o mesmo teu Filho de novo há-de vir na glória da sua majestade a lançar ao fogo eterno os malditos que não fizeram penitência nem te conheceram, e a dizer a todos os que te conheceram e adoraram e serviram em penitência: *Vinde, benditos de meu Pai, recebei o reino que para vós foi preparado desde a origem do mundo* (Mt 25-34).

⁵ E porque todos nós, míseros pecadores, não somos dignos de te nomear, suplicantemente te exoramos que nosso Senhor Jesus Cristo, o teu Filho amado, *em quem puseste as tuas complacências* (Mt 17, 5), que sempre para tudo a ti te basta e por quem tão grandes coisas nos fizeste, por tudo te dê graças com o Espírito Santo, como mais agradável for a ti e a Ele. Aleluia!

⁶ E à gloriosa Mãe, a beatíssima sempre virgem Maria, aos bem-aventurados Miguel, Gabriel, Rafael e a todos os coros dos bem-aventurados Serafins, Querubins, Tronos, Dominações, Principados, Potestades, Virtudes, Anjos e Arcanjos; aos bem-aventurados S. João Baptista, S. João Evangelista, S. Pedro, S. Paulo, e aos santos Patriarcas, Profetas, Santos Inocentes, Apóstolos, Evangelistas, Discípulos, Mártires, Confessores e Virgens; aos bem-aventurados Elias e Enoque e a todos os Santos que foram, são e hão-de ser, por teu amor humildemente suplicamos que, segundo teu beneplácito, por estas coisas te dêem graças, a ti soberano Deus verdadeiro, eterno e vivo, com teu Filho muito amado

nosso Senhor Jesus Cristo, e com o Espírito Santo Paráclito, pelos séculos dos séculos. Amen. Aleluia!

⁷ A todos os que na santa Igreja católica e apostólica querem servir o Senhor Deus, a todas as ordens seguintes: sacerdotes, diáconos, subdiáconos, acólitos, exorcistas, leitores, ostiários e demais clérigos; a todos os religiosos e religiosas, a todos os meninos e crianças, pobres e necessitados, reis e príncipes, operários e lavradores, servos e senhores, a todas as virgens, viúvas e casadas, leigos, homens e mulheres, a todos os moços, adolescentes, jovens e anciãos, sãos e enfermos, a todos os pequenos e grandes, a todos os povos, gentes, tribos e línguas (Ap 7, 9), a todas as nações e aos homens de todos os cantos da terra, os que são agora e os que hão-de vir, a todos humildemente rogamos e suplicamos, nós, todos os irmãos menores, *servos inúteis* (Lc 17, 10), que perseveremos em verdadeira fé e penitência, pois ninguém de outra maneira terá a salvação.

⁸ *Com todo o nosso coração, com toda a nossa alma, com todo o nosso espírito, com toda a coragem e fortaleza* (Mc 12, 30), com toda a inteligência e com todas as forças, com toda a boa vontade e afecto, com todas as entranhas, com as ânsias todas da alma, amemos todos ao Senhor Deus que a cada um de nós deu e dá o corpo, a alma e a vida; que nos criou e remiu e só por sua misericórdia nos salvará (Tb 13, 5); que nos fez e nos faz todo o bem, a nós miseráveis e mesquinhos, corruptos e fétidos, ingratos e maus.

⁹ Nada mais desejemos,
nada mais queiramos,
nada mais nos agrade e deleite
senão o nosso Criador e Redentor e Salvador,
o só Deus verdadeiro,
que é a plenitude do bem, todo o bem,

o bem completo, o verdadeiro e sumo bem;
ele, o único que é *bom* (Lc 18, 19),
misericordioso e manso, suave e doce;
o único que é santo, justo,
verdadeiro e recto;
o único que é benigno, inocente e puro;
de quem, por quem nos vem
e em quem está todo o perdão,
toda a graça, toda a glória dos penitentes e justos,
e dos bem-aventurados do céu.

¹⁰ Que nada nos impeça, nada nos separe,
nada se ponha de permeio.

E que todos nós, por toda a parte, em todo o lugar,
e a toda a hora e sempre,
creiamos com fé verdadeira e humilde,
e guardemos no coração, e amemos,
honremos, adoremos, sirvamos,
louvemos e glorifiquemos e sobreexaltemos,
magnifiquemos e demos graças
ao altíssimo e soberano Deus eterno,
Trindade e Unidade,
Pai e Filho e Espírito Santo,
Criador de todas as coisas,
Salvador dos que crêem nele
e nele esperam e o amam;
ele que é sem princípio nem fim,
imutável, invisível,
inenarrável, inefável,
incompreensível, impenetrável,
bendito, louvável, glorioso,
sublime (Dn 3, 52), excelso,
suave, amável, deleitável,
e sempre sobre todas as coisas desejável
pelos séculos. Amen.

24. ° Conclusão

¹ Em nome do Senhor!

Peço a todos os irmãos que aprendam o teor e sentido de quanto vai escrito nesta Regra de vida para salvação das nossas almas, e com frequência o tragam à memória.

² E a Deus exoro que Ele, o onipotente, trino e uno, abençoe todos os que ensinam, aprendem, guardam, recordam e praticam estas coisas, todas as vezes que eles repetem e fazem o que aqui vai escrito para nossa salvação. ³ E suplico a todos, beijando-lhes os pés, que muito amem, guardem e cumpram estas coisas.

⁴ E da parte do Deus todo poderoso, e do senhor papa, e por obediência, eu o irmão Francisco firmemente mando, e imponho, que, de quanto vai escrito nesta Vida, ninguém nela diminua ou acrescenta coisa alguma, e que os irmãos não tenham outra Regra.

⁵ Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo; assim como era no princípio e agora e sempre, por todos os séculos dos séculos. Amen.

2. SEGUNDA REGRA (2R)

Introdução

Pela bula “Solet annuere”, de 29 de Novembro de 1223, o Papa Honório III confirmou solenemente a regra definitiva dos Irmãos Menores, também chamada Regra bulada e, impropriamente, Segunda Regra. Já dissemos que esta é efectivamente a Regra franciscana, porquanto o compromisso que os franciscanos fazem na profissão, se é certo que tem como conteúdo a carisma franciscano, é feito formalmente sobre o texto que a Igreja sancionou com a sua autoridade e tendo como ponto de referência, no seu aspecto vincutivo, essa mesma autoridade única que representa autenticamente a de Cristo.

Secundários são já, ainda que muito importantes, os dois problemas seguintes: o primeiro quanto à autenticidade literária – em que medida é que Francisco é o autor verdadeiro da Regra bulada e até onde terá chegado a colaboração ou a influência dos irmãos e dos homens da Cúria Romana, principalmente do Cardeal Hugolino. É um problema que ultrapassa os limites desta introdução. É, porém, legítimo afirmar que, pelo facto de alguém ter colaborado, nem por isso deixa de ser verdadeiro autor. E Francisco, como filho muito feliz que foi da Igreja, assumiu de alma plena a Regra que esta lhe aprovou. Isso se vê claramente nos seus

escritos posteriores pelo cuidado que ele põe em que ela seja fielmente observada.

O segundo refere-se ao conteúdo: em que medida ou com que fidelidade é que a Regra traduz e contém o ideal de Francisco. Também não é simples a questão, principalmente em virtude da tendenciosidade que nela se infiltra, vinda da conflituosa história franciscana. Todavia, à medida que os estudos vão ganhando em profundidade, vai-se consolidando a opinião de que a Regra, interpretada a partir de dentro, isto é, a partir da experiência de Francisco, não atraiçoa em nada o seu ideal, antes o expressa com sobriedade, solidez e profundidade. Vistas assim as coisas, os documentos em que nos é transmitida esta experiência – os Escritos de São Francisco, as Legendas, etc. – não devem ser considerados como alternativas da regra, meios como meios ilustrativos que ajudam a apreender o cerne da mesma e a entender como Francisco a podia considerar justamente a “medula do Evangelho”. Os ideais mais generosos, as expressões mais inflamadas e as formas de vida mais heróicas que aparecem nos outros escritos de Francisco ou nas obras dos seus biógrafos formam acordes que desdobram os temas estruturais estabelecidos na Regra. É em harmonia, não em alternativa que se situam.

Do texto da Regra há dois exemplares decisivos: o original da bula “Solet annuere” que se conserva como relíquia preciosa no “Sacro Convento” de Assis; e outro exemplar da mesma bula, também autêntico que se conserva no Registo papal. Entre um e outro há pequenas variantes, mas só uma delas altera ligeiramente

a sequência literária da frase, que não o seu conteúdo. É no capítulo XI: “não se façam compadres de homens e mulheres (texto do registo papal: ne, não vá suceder, que por esse motivo...; texto assisiense: nec, e que por esse motivo não) nasça algum escândalo entre os irmãos ou a respeito dos irmãos”. Esser, na edição crítica que serviu de base à nossa tradução, indica essas variantes.

TEXTO

BULA DO PAPA HONÓRIO III SOBRE A REGRA DOS FRADES MENORES:

Honório, Bispo, servo dos servos de Deus, aos amados filhos Frei Francisco e demais Frades da Ordem dos Frades Menores, saúde e apostólica bênção. Costuma a Sé Apostólica atender as piedosas súplicas e da melhor vontade favorecer os bons desejos dos que a ela recorrem. Por isso, amados filhos no Senhor, acedendo aos vossos piedosos rogos, confirmamos, com autoridade apostólica, a Regra da vossa Ordem aprovada pelo nosso predecessor, o Papa Inocêncio, de boa memória, e nas presentes letras anotada, e a corroboramos com a força da presente Bula. A qual Regra é esta:

1.º Em nome do Senhor começa a Vida dos Irmãos Menores

¹ A Regra e Vida dos Irmãos Menores é esta: observar o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem nada próprio e em castidade.

² O irmão Francisco promete obediência ¹ e reverência ao Senhor Papa Honório e aos seus sucessores canonicamente eleitos e à Igreja Romana; e os demais irmãos obedeçam ao irmão Francisco e aos seus sucessores.

2.º Dos que querem abraçar esta Vida e como não-de ser recebidos

¹ Os que quiserem abraçar esta Vida e para isso vierem ter com os nossos irmãos, sejam enviados aos Ministros Provinciais, pois só eles, e ninguém mais, podem receber irmãos.

² E os Ministros ² diligentemente os examinem acerca da Fé Católica e dos Sacramentos da Igreja. ³ E se eles crerem todas estas coisas e as quiserem professar com fidelidade e observar com firmeza até ao fim, ⁴ e se não são casados – ou, se o são, suas mulheres já entraram nalgum mosteiro ou lhes deram licença com autorização do Bispo diocesano, tendo elas primeiro feito voto de continência e sendo de tal idade que não dêem lugar a más suspeitas –, ⁵ digam-lhes a palavra do santo Evangelho (Mt 19, 21): que vão, vendam todas as suas coisas e distribuam pelos pobres o seu preço. ⁶ Se o não puderem fazer, baste-lhes a boa vontade.

⁷ E os irmãos e seus Ministros não ponham cuidados nos seus bens temporais, a fim de que eles os distribuam como o Senhor lhes inspirar. ⁸ Mas, se pedirem conselho, os Ministros possam mandá-los a pessoas te-

¹ Nenhum fundador antes de Francisco se vinculou tão estreitamente à obediência ao Bispo de Roma

² A designação dos cargos da fraternidade, ministros, sublinha o sentido evangélico do serviço (cf. Mt 20, 26-28)

mentes a Deus, que bem os aconselhem na maneira de repartir os seus haveres pelos pobres.

⁹ Feitas estas coisas, dêem-lhes o hábito do ano de prova, ou seja: duas túnicas sem capelo, cordão com que se cinjam, bragas e caparão até à cinta; ¹⁰ a não ser que os mesmos Ministros alguma vez outra coisa julguem melhor segundo Deus.

¹¹ E, acabado o ano de prova, prometendo eles observar sempre esta vida e esta Regra, sejam recebidos à obediência. ¹² E de modo algum lhes será lícito, depois, sair desta Religião, conforme está mandado pelo senhor Papa; porque, segundo o santo Evangelho: ¹³ *Ninguém que lança a mão ao arado e olha para trás, é apto para o Reino de Deus* (Lc 9, 62).

¹⁴ E os que já prometeram obediência, usem uma túnica ¹⁵ com capelo, e outra sem capelo, se a quiserem; e em ¹⁶ caso de necessidade possam andar calçados. E todos os irmãos se vistam com hábitos pobrezinhos e possam remendá-los de burel e outros pedaços com a bênção do Senhor.

¹⁷ E a todos admoesto e exorto que não desprezem nem julguem os homens que virem com vestidos macios e de cores, (Mt 11, 8) usar comidas e bebidas delicadas; mas antes cada um a si mesmo se julgue e despreze.

3.º Do Ofício Divino e jejum, e como os Irmãos devem andar pelo mundo

¹ Os clérigos rezem o Ofício divino segundo a ordem da santa Igreja Romana, ² à exceção do saltério, pelo que podem ter breviários. ³ E os leigos rezem vinte e quatro Pai-nossos por Matinas; por Laudes cinco; e sete por cada uma das horas de Prima, Tércia, Sexta e Noa; por Vésperas doze e por Completas sete. ⁴ E orem pelos defuntos.

⁵ E jejuem os irmãos desde a festa de Todos os Santos até ao Natal do Senhor. ⁶ Mas a santa Quaresma que começa na Epifania e se estende por quarenta dias contínuos, a qual o Senhor com o seu santo jejum consagrou (Mt 4, 2), os que voluntariamente a jejuam, sejam bentos do Senhor, e os que a não queiram jejuar, não sejam obrigados; ⁷ mas jejuem a outra Quaresma até à Ressurreição do Senhor. ⁸ E não têm os irmãos obrigação ⁹ de jejuar noutros dias, a não ser à sexta-feira. Mas quando houver manifesta necessidade, não sejam obrigados a jejum corporal.

¹⁰ Aconselho, admoesto e exorto no Senhor Jesus Cristo a todos os meus irmãos que, quando vão pelo mundo, não litiguem, nem questionem (2 Tim 2, 14), nem censurem os demais; ¹¹ mas sejam mansos, pacíficos e modestos, sossegados e humildes, e a todos falem honestamente, como convém. ¹² E não andem a cavalo³, a não ser que a isso os obrigue necessidade manifesta ou enfermidade. ¹³ Em qualquer casa em que entrarem, digam antes de mais nada: ¹⁴ A paz seja nesta casa (Lc 14, 5). E, segundo o santo Evangelho, possam comer de todo o alimento que lhes apresentarem (Lc 10, 8).

4.º Que os Irmãos não recebam dinheiro

¹ Mando firmemente a todos os irmãos que de nenhum modo recebam dinheiro ou pecúnia ⁴, nem por si

³ A proibição de andar a cavalo já constava na Regra dos Humiliatos, como expressão de humildade. No entanto Francisco aceita que em certas ocasiões, doença por exemplo, isso possa ser necessário.
⁴ ~~Præc~~ Præcuniam aut denarios. Em Assis circulavam duas espécies de moeda, o *denaro grosso* de Pavia e o *denaro fino* de Lucca. O primeiro era o dinheiro mais forte. Francisco exclui qualquer uma das moedas. Cf. Lehmann, p. 113.

nem por intermediários. ² Todavia os Ministros e Custódios, mas só eles, ponham solícito cuidado, por amigos espirituais, no remediar as necessidades dos enfermos, como virem que é preciso, conforme os tempos, lugares e regiões; ³ salvaguardando sempre, como está dito, o não receberem dinheiro ou pecúnia.

5.º Do modo de trabalhar

¹ Os irmãos a quem o Senhor deu a graça de trabalhar, trabalhem fiel e devotamente, ² de maneira que afugentem a ociosidade, inimiga da alma, mas não apaguem o espírito (1Ts 5, 19) da santa oração e devoção, ao qual todas as demais coisas temporais devem servir.

³ Como remuneração do trabalho recebam as coisas necessárias ao corpo para si e seus irmãos, salvo dinheiro ou pecúnia; ⁴ e isto humildemente, como convém a servos de Deus e seguidores da santíssima pobreza.

6.º Que os Irmãos nada tenham de seu, do pedir esmola e dos Irmãos enfermos

¹ Os irmãos nada tenham de seu, nem casa, nem lugar, nem coisa alguma ⁵. E como *peregrinos e estrangeiros* neste mundo (Gn 23, 4; Sl 38, 13; 1 Pe 2, 11), servindo a Deus em pobreza e humildade, com muita confiança vão pedir esmola. ³ E não devem ter vergonha, porque também o Senhor por nós se fez pobre neste mundo (2 Cor 8, 9).

⁵ O sentido deste texto só se entende à luz do texto paralelo da IR e do T e da doutrina geral de Francisco sobre a “apropriação” e “desapropriação”. Tem sentido evangélico e não jurídico.

⁴ Esta é a excelência da altíssima pobreza que a vós, caríssimos irmãos meus, vos constituiu herdeiros e reis do Reino dos Céus, fez-vos pobres de coisas temporais, mas enriqueceu-vos de virtudes (Tg 2, 5).

⁵ Seja esta a *herança que vos leva à terra dos vivos* (Sl 141, 6). ⁶ Apegai-vos bem a ela, muito amados irmãos, e nenhuma outra coisa em nome de nosso Senhor Jesus Cristo debaixo do céu jamais queirais ter.

⁷ E onde quer que os irmãos se encontrem, mostrem-se familiares uns com os outros. ⁸ E confiadamente um ao outro manifeste as suas necessidades; pois se a mãe cria com tanto amor a seu filho carnal, com quanta mais solicitude não deve cada um amar e ajudar a seu irmão espiritual (1Ts 2, 7).

⁹ E quando algum dos irmãos cair enfermo, os outros irmãos o devem servir como queriam ser servidos (Mt 7, 12).

7.º Da penitência a impor aos Irmãos que pecarem

¹ Se alguns dos irmãos, por instigação do inimigo, cometerem qualquer pecado grave, daqueles cuja absolvição esteja, entre os irmãos, reservada aos Ministros Provinciais, os ditos irmãos devem a eles recorrer o mais cedo que possam, sem tardança.

² E os Ministros, se são sacerdotes, imponham-lhes a penitência, com misericórdia; mas se não são sacerdotes, mandem-nos a sacerdotes da Ordem que lhes imponham a penitência, conforme segundo Deus melhor lhes parecer. ³ E não se irrite nem perturbe por causa do pecado de algum, porque a ira e perturbação prejudicam a caridade em si e nos outros.

8.º Da eleição do Ministro Geral desta Fraternidade e do Capítulo do Pentecostes

¹ Os irmãos tenham sempre a um dos irmãos por Ministro Geral e servo de toda a Fraternidade; e firmemente lhe obedeçam. ² E, quando este faltar, os Ministros Provinciais e Custódios dêem-lhe sucessor no Capítulo do Pentecostes, no qual os Ministros Provinciais são obrigados a reunir-se onde o Ministro Geral determinar; ³ e isto de três em três anos, ou noutro período de tempo maior ou menor, conforme o dito Ministro ordenar.

⁴ E se alguma vez parecer aos Ministros Provinciais e Custódios que o Ministro Geral não é suficiente para serviço e utilidade comum dos irmãos, aqueles a quem a eleição compete, em nome do Senhor elejam outro para o seu lugar.

⁵ Depois do Capítulo do Pentecostes, cada um dos Ministros Provinciais e Custódios, se quiser e lhe parecer bem, no mesmo ano reúna uma vez os seus irmãos em Capítulo.

9.º Dos Pregadores

¹ Os irmãos não preguem na diocese de qualquer bispo, se ele a isso se opuser.

² E nenhum irmão ouse, de algum modo, pregar ao povo se não tiver sido examinado e aprovado pelo Ministro Geral desta Fraternidade e por ele lhe tiver sido dado o ofício de pregar.

³ Também admoeste e exorto os meus irmãos a que, nos sermões que fazem, seja seu falar *ponderado e casto* (Sl 11, 7; 17, 31), ⁴ edificante e útil ao povo, denunciando os vícios e inculcando as virtudes, o castigo e a glória em sermões pequenos, porque também o Senhor fez *alocuições breves sobre a terra* (Rm 9, 28).

10.º Da admoestação e correcção dos Irmãos

¹ Os irmãos que são Ministros e servos dos outros irmãos, visitem e admoestem seus irmãos, corrijam-nos com humildade e caridade, e não lhes mandem nada que seja contra sua alma ou contra a nossa Regra.

² Mas os irmãos súbditos lembrem-se que, por amor de Deus, renunciaram suas próprias vontades. ³ Pelo que firmemente lhes mando que obedeçam a seus Ministros, em tudo o que prometeram ao Senhor guardar e não é contra sua alma e a nossa Regra.

⁴ E onde quer que se encontrem os irmãos, e vejam que não podem observar espiritualmente a Regra, devam e possam recorrer aos seus Ministros. ⁵ E os Ministros recebam-nos com caridade e benignidade, e tão familiares se lhes mostrem, que possam eles falar-lhes e tratá-los como senhores a seus servos; ⁶ pois assim deve ser: que os Ministros sejam servos de todos os irmãos.

⁷ Admoesto e exorto no Senhor Jesus Cristo a que os irmãos se guardem de toda a soberba, vanglória, inveja, avareza (Lc 12, 15), cuidados e solicitude das coisas deste mundo (Mt 13, 22), de dizer mal ou de murmurar de alguém; e os que não sabem letras não cuidem de as aprender.

⁸ Atendam, antes, ao que sobre todas as coisas devem desejar: ⁹ ter o espírito do Senhor, a sua santa obra, orar sempre a Deus com um coração puro, ter humildade e paciência nas perseguições e enfermidades, e amar os que nos perseguem, insultam e acusam, porque diz o Senhor: ¹⁰ *Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem e caluniam (Mt 5, 44). Bem-aventurados os que padecem perseguição por amor da*

justiça, porque deles é o Reino dos céus (Mt 5, 10). E o que perseverar até ao fim, esse será salvo (Mt 10, 22).

11.º Que os Irmãos não entrem nos mosteiros das freiras

¹ Mando firmemente a todos os irmãos que não tenham familiaridades suspeitas com mulheres; ² e não entrem nos mosteiros das freiras, senão com licença especial da Sé Apostólica.

³ E não se façam compadres de homens ou de mulheres, não vá suceder que por esse motivo nasça algum escândalo entre os irmãos ou a respeito dos irmãos.

12.º Dos Irmãos que vão para entre os mouros e entre outros infiéis

¹ Os irmãos que, por divina inspiração, quiserem ir para entre os mouros e outros infiéis, peçam licença aos seus Ministros Provinciais. ² Mas os Ministros só deixem partir os que lhes parecerem capazes de se poderem enviar.

³ Para melhor cumprimento de todas estas coisas, por obediência imponho aos Ministros que peçam ao senhor Papa um dos Cardeais da santa Igreja Romana que seja governador, protector e corrector de todos os irmãos; ⁴ para que, sempre súbditos e sujeitos aos pés da mesma santa Igreja, *estáveis na Fé católica* (Cl 1, 23), observemos a pobreza e humildade e o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, que firmemente professamos.

3. REGRA PARA OS ERMITÉRIOS (RE)

Introdução

Na tradução manuscrita as mais das vezes este opúsculo traz como título: Da religiosa morada nos ermos”, ou expressões equivalentes. Embora pequenino, é de singular importância entre os demais escritos de Francisco, por testemunhar um cuidado especial da parte dele por uma faceta da vida franciscana primitiva – a vida contemplativa; como se o Santo quisesse fazer uma regra adicional, a par da regra comum, para os irmãos que a ela se consagravam ou dela queriam usufruir periodicamente. Talvez por isso, na edição crítica, optaram pelo título: “Regula pro eremitoriis data”. Que nos manuscritos só quatro vezes apareça como documento independente, vindo nos demais apenso ao conjunto das Exortações, como se fora apêndice, é indício pouco prestigioso. Significa que a Ordem não herdou, pelo menos com igual apreço, o zelo do Fundador por aquele aspecto do seu carisma.

Pelos testemunhos mais antigos, a vida nos ermitérios era comum nos primeiros anos. Tiago de Vitry observou como os frades “de dia andavam pelas cidades e aldeias atarefados na evangelização: à noite, regressavam ao ermitério e recolhiam-se à solidão levavam vida contemplativa”¹. A vida nos ermitérios era comum nos

¹ FF I, p. 1414

primeiros tempo. Um relato de Celano fala duma comunidade em Espanha que vivia segundo esta regra ².

Pelo uso dos termos “ministro e custódio”, poderíamos pensar que foi escrita depois de 1217, ano em que a Ordem foi dividida em províncias. Mas parece que estes termos já eram usados antes dessa divisão.

TEXTO

¹ Os irmãos que quiserem religiosamente viver nos eremitérios, não sejam nem menos de três nem mais de quatro. Dois deles façam o ofício de mães, e tratem o outro ou os outros dois como se foram seus filhos.

² Os primeiros levem a vida de Marta, e os outros dois a vida de Maria (Lc 10, 38-42). E haja um claustro, onde cada um tenha uma pequena cela para orar e dormir.

³ E rezem sempre Completas à tarde, ao sol-pôr. E ponham cuidado na guarda do silêncio: e digam as suas horas; e levantem-se para Matinas; e busquem, primeiro que tudo o mais, o reino de Deus e a sua justiça (Mt 6, 33).

⁴ E à hora conveniente digam Prima e Tércia; e, depois de Tércia, possam falar e ir ter com suas mães.

⁵ E quando lhes parecer bem, possam pedir-lhes esmola por amor de Deus, como pobres pobrezinhos.

⁶ E depois, a seu tempo, rezem Sexta e Noa e Vésperas.

⁷ E no claustro onde moram, não permitam que pessoa alguma lá entre nem coma.

⁸ E os irmãos que fazem de mães, ponham todo o cuidado em se conservarem fora do convívio seja de quem for, e por obediência ao seu Ministro guardem de tal modo a seus filhos, que ninguém com eles possa falar. ⁹ E estes seus filhos não falem com mais ninguém, senão com suas mães, e com o seu Ministro e Custódio, quando este houver por bem visitá-los com a bênção do Senhor.

¹⁰ E os que fazem de filhos, de vez em quando tomem o ofício de mães, revezando-se assim como melhor lhes parecer, de maneira que procurem observar as supraditas regras com fidelidade e diligência.



4. FORMA DE VIDA PARA SANTA CLARA (FVC)

Introdução

Este pequenino escrito, o mais antigo de São Francisco, existe ainda hoje porque foi inserido por Santa Clara no Capítulo VI da sua Regra definitiva, aprovada por bula de Inocêncio IV, datada de Agosto de 1253; e que se conserva no proto-mosteiro das clarissas de Assis. Diz assim Santa Clara:

“Considerando o bem-aventurado Pai que não temíamos nenhuma espécie de pobreza, nem trabalho ou tribulação, nem opróbrio ou desprezo deste mundo, mas, que pelo contrário, tudo considerávamos como grande prazer, movido por grande piedade, escreveu-nos a forma de vida nestes termos”. A seguir transcreve as palavras de S. Francisco. À mesma Forma de Vida se referiu o papa Gregório IX na bula Angelis Gaudium de 11 de maio de 1238, e ainda Tomás de Celano na Vida Segunda (2C 204).

TEXTO

"Pois que, por inspiração divina vos fizestes filhas e servas do altíssimo e soberano Rei e Pai Celestial, e vos tornastes esposas do Espírito Santo, abraçando uma vida conforme a perfeição do Santo Evangelho, ⁴eu quero e prometo, em meu nome e em nome dos meus irmãos, ter sempre para convosco, como tenho para com eles, diligente cuidado e solicitude particular".

5. NORMAS SOBRE O JEJUM PARA SANTA CLARA (NJC)

Introdução

Santa Clara no seu Testamento diz que São Francisco lhes “deixou vários escritos”. Um deles seriam certamente estas “normas sobre o jejum”, porquanto Clara as menciona e resume na Terceira Carta dirigida a Santa Inês de Praga. O texto que possuímos não é directamente o texto escrito por Francisco, mas o resumo que dele fez Santa Clara. Porém dois traços muito característicos da alma de São Francisco saltam logo aos olhos: o cuidado com os doentes e a alegria nas festas do Senhor. Bastam eles para testificar a sua autoria.

TEXTO

Mas não quero terminar sem dar resposta à questão que, em caridade, me puseste, sobre o jejum e as festas em que podemos variar a nossa alimentação. Como sabes, o glorioso Pai São Francisco permitiu que celebrássemos as festas da sua especial devoção, com uma alimentação mais variada. Em todos os outros dias, mesmo em dias de festa, as irmãs que gozam de boa saúde, devem tomar as refeições como nos dias de Quaresma. As irmãs fracas e doentes estão dispensadas destas normas e segundo o santo Pai nos exortou a fazer, devemos servir-lhes sempre uma alimentação variada. Portanto, o nosso jejum deve ser sempre rigoroso, excepto aos Domingos e no dia de Natal, nos quais podemos tomar duas refeições. Nas quintas-feiras

do tempo comum o jejum fica ao critério de cada uma. A que não quiser não está obrigada a jejuar. Mas nós, as que gozamos de boa saúde jejuamos todos os dias, excepto aos Domingos e no dia de Natal. Um escrito de São Francisco dispensa-nos do jejum no dia de Páscoa, nas festas de Nossa Senhora e dos Apóstolos, desde que estas não se celebrem numa sexta-feira. No entanto, nós, as saudáveis e fortes, tomamos sempre as refeições próprias da Quaresma.



ÚLTIMAS RECOMENDAÇÕES

ÚLTIMAS RECOMENDAÇÕES

1. TESTAMENTO (T)

Introdução

Não obstante toda a discussão levantada acerca deste opúsculo, pode-se afirmar hoje em dia com toda a segurança que, tanto quanto ao conteúdo como quanto à forma, é um escrito de Francisco e efectivamente o «seu testamento», como ele mesmo diz. Alguma pergunta é legítimo fazer-se no que se refere à intervenção, maior ou menor, do secretário que colheu e verteu para latim os dizeres do Santo. Principalmente na parte final. Da autenticidade, porém, não se pode duvidar. Tanto as citações antigas, desde Celano e Gregório IX, como toda a tradição manuscrita a atestam. Durante muitos séculos – sobretudo nas lutas dos «Espirituais» – foi pomo de discórdia. Uns consideravam-no lei obrigatória ao lado da Regra, e emblema de fidelidade plena ao ideal franciscano. Outros – a maioria – seguiam a declaração de Gregório IX, segundo a qual o Testamento não obrigava em consciência. Passando para os nossos dias, há que abandonar o preconceito de que o Testamento

mento constitui «um flamejante protesto contra a Regra definitiva da Ordem». Pelo contrário, foi escrito, como nele expressamente se afirma, em defesa da mesma Regra e para que os irmãos mais fielmente a observassem.

O Testamento é, sim, um documento cheio de ternura e de ardor. São como que «as memórias de S. Francisco» escritas por ele mesmo. E é delicioso acompanhar o Santo, recordando passo a passo as experiências espirituais que mais o marcaram e que decidiram o rumo da sua vida. Nós falamos de experiências. Francisco, com mais exactidão, diz que foram iniciativas de amor d'Aquele que o escolheu. Por isso o seu contar é todo gratidão enternecida e às vezes um estremecimento de zelo.

A dada altura o tom muda. Da gratidão passa-se para a preocupação e o mandamento. É a segunda parte: a das recomendações. O zelo torna-se vontade imperiosa e as palavras brotam duras e violentas, à mistura com outras serenas e carinhosas. É aqui que o secretário – por certo Fr. Leão – terá perdido um pouco o seu domínio e deixado passar para o que escrevia alguma da sua amargura pessoal. A dor de ver apagar-se, minuto a minuto, o seu querido pai e o pensar na grande ausência que viria depois, endurecera-lhe os nervos. Assim, os propósitos de fidelidade, as advertências e recomendações que Francisco não teria deixado de acrescentar às suas recordações, saíram da pena de Fr. Leão transformados em «gritos de obediência» e em «ameaças de castigos». Mas mesmo nessas linhas se vê o sempre indomável espírito de Francisco, naquele

desespero de começar de novo a servir o Senhor; e o seu coração cheio de ternura, que não se cansa de implorar bênçãos para os seus irmãos benditos.

TEXTO

¹ Deus, nosso Senhor, quis dar a sua graça a mim, o irmão Francisco, para que começasse a fazer penitência ¹; ² porque, quando eu estava em pecados, parecia-me muito amargo dar com os olhos nos leprosos; mas o mesmo Senhor, um dia, me conduziu ao meio deles e com eles usei de misericórdia. ³ E ao afastar-me deles, o que antes me parecera amargo, converteu-se para mim em doçura de alma e de corpo: e em seguida, passado um pouco de tempo, saí do mundo ²

⁴ E o Senhor me deu tão grande fé nas suas igrejas, que nelas com simplicidade o adorava, dizendo assim: ⁵ Adoramos-te, santíssimo Senhor Jesus Cristo, aqui e em todas as tuas igrejas que estão por todo o mundo, e te louvamos, porque pela tua santa cruz remiste o mundo.

⁶ Depois disto, deu-me o Senhor e me dá tanta e tal fé nos sacerdotes que vivem segundo a norma da santa Igreja romana, pelas ordens que têm, que, se alguém me perseguir, quero recorrer a eles. ⁷ E mesmo que eu

¹ Penitência tem o sentido evangélico de mudança de vida. No tempo de São Francisco isso significava também aderir publicamente ao número dos “penitentes”, que se acolhiam no foro da Igreja.

² *Exivit de seculo*: não se trata da *fuga do mundo* tal como é tratada na literatura ascética. Francisco continuou misturado com a gente de Assis. Mas sente-se diferente, sente-se convertido: “*está no mundo, mas já não é do mundo*” (Jo 17, 15...)

tivesse tanta sabedoria quanta teve Salomão, se encontrasse os pobrezinhos sacerdotes deste mundo nas paróquias em que moram, não quereria aí pregar contra a sua vontade.⁸ E a eles e a todos os demais sacerdotes quero temer, amar e honrar como a meus senhores.⁹ E não quero considerar neles pecado, porque neles vejo o Filho de Deus, e são meus senhores.¹⁰ E por isto o faço: porque não vejo coisa alguma corporalmente, neste mundo, daquele altíssimo Filho de Deus, senão o seu santíssimo Corpo e Sangue, que eles recebem e só eles aos outros administram.¹¹ E estes santíssimos mistérios sobre todas as coisas quero que sejam honrados e reverenciados e colocados em lugares preciosos.

¹² E os escritos que tiverem os seus santíssimos nomes e as suas palavras, onde quer que os encontre em lugares impróprios, quero recolhê-los, e peço aos demais que também os recolham e os coloquem em lugar decente.¹³ E a todos os teólogos e aos que nos ministram as santíssimas palavras divinas, devemos reverenciar e venerar, como a quem nos comunica espírito e vida (Jo 6, 64).

¹⁴ E, depois que o Senhor me deu o cuidado dos irmãos, ninguém me ensinava o que devia fazer; mas o mesmo Altíssimo me revelou que devia viver segundo a forma do santo Evangelho.¹⁵ E eu assim o fiz escrever em poucas e simples palavras, e o senhor Papa mo confirmou.

¹⁶ E aqueles que vinham a viver esta vida, davam aos pobres *tudo o que possuíam* (Tb 1, 3), e contentavam-se com uma só túnica, remendada por dentro e por fora se assim queriam, com um cordão e bragas.¹⁷ E nada mais queríamos ter.

¹⁸ Nós, os clérigos, rezávamos o ofício como os outros clérigos; os leigos rezavam o Pai-nosso; e vivíamos

com muita alegria em igrejas pobrezinhas e abandonadas.¹⁹ E éramos homens sem letras e servos de todos.

²⁰ Eu trabalhava com minhas mãos e quero ainda trabalhar; e firmemente quero que todos os irmãos trabalhem em mister honesto. ²¹ E os que não sabem, aprendam; não pela cobiça de receber o preço do trabalho, mas para dar bom exemplo e para repelir a ociosidade. ²² E, sempre que nos não derem o preço do trabalho, recorramos à mesa do Senhor ³, pedindo esmola de porta em porta. ²³ Esta saudação me revelou o Senhor que disséssemos: *O Senhor te dê a paz!*

²⁴ Acautelem-se os irmãos de receber, por qualquer modo, igrejas, pobrezinhas moradas ou outra qualquer coisa que para eles seja edificada, se não forem conformes à santa pobreza que na Regra prometemos; e nelas se hospedem sempre como peregrinos e estrangeiros (1Pe 2, 11).

²⁵ Mando firmemente, por obediência, a todos os irmãos que, onde quer que se encontrem, não ousem pedir na Cúria Romana, por si ou por interposta pessoa, privilégio algum, nem a favor de alguma igreja ou lugar, nem por motivo de pregação ou perseguição de seus corpos; ²⁶ mas, se nalguma parte os não quiserem acolher, fujam para outra terra a fazer penitência com a bênção do Senhor.

²⁷ E firmemente quero obedecer ao Ministro Geral desta Fraternidade e àquele Guardião ⁴ que lhe aprou-

³ *A mesa do Senhor (Mensa Domini)* significa o altar eucarístico. Pedir esmola quando é necessário, tem uma dimensão eucarística. É receber os bens que Deus colocou à disposição de todos. Por isso o frade não deve ter vergonha de pedir esmola.

⁴ *Guardianus* é uma das três expressões que Francisco usa para designar o cargo de superior, ao lado de ministro e custódio. O termo

ver dar-me. ²⁸ E quero pôr-me nas suas mãos, de modo a não poder ir ou fazer coisa alguma contra sua obediência e vontade, porque é meu senhor. ²⁹ E ainda que eu seja um homem simples e esteja enfermo, quero ter sempre um clérigo que comigo reze o Ofício, segundo está mandado na Regra. ³⁰ E os demais irmãos, da mesma forma, devem obedecer a seus Guardiães e rezar o Ofício segundo a Regra.

³¹ E se alguns não rezarem o Ofício segundo a Regra, e o quiserem rezar de outra maneira, ou não forem católicos, os outros irmãos, onde quer que isto acontecer, sejam obrigados por obediência, achando algum destes, a levá-lo ao Custódio mais vizinho do lugar em que o encontrarem. ³² E o Custódio por obediência o guarde bem, de dia e de noite, assim como homem em prisão, de sorte que não possa escapar de suas mãos até que ele próprio em pessoa o vá apresentar ao seu Ministro. ³³ E o Ministro, por irmãos que de dia e noite o guardem como a homem em prisão, por obediência, o envie ao senhor Ostiense que é senhor, protector e corrector de toda a Fraternidade.

³⁴ E não digam os irmãos: Esta é outra Regra; porque isto é uma recordação, aviso e exortação e o meu Testamento, que eu, o irmão Francisco, pequenino servo vosso, faço para vós, meus irmãos benditos, com este fim: para que mais catolicamente observemos a Regra que ao Senhor prometemos.

³⁵ E o Ministro Geral e todos os outros Ministros e Custódios, por obediência, nada acrescentem nem diminuam nestas palavras. ³⁶ E tragam sempre este escrito consigo, junto à Regra. ³⁷ E em todos os Capítu-

é de origem germânica e traduz o termo latino *custos*. (Cf. Iriarte p. 64, nt. 10 e p. 78, nt. 11).

los que fazem, quando lêem a Regra, leiam também estas palavras.

³⁸ E a todos os meus irmãos, clérigos e leigos, mando por obediência, que não façam glosas na Regra nem nestas palavras, dizendo: assim ou assim se hão-de entender; ³⁹ mas como o Senhor me ensinou a dizer e escrever pura e simplesmente a Regra e estas palavras, assim pura e simplesmente, sem glosa, as deveis entender e com santa diligência até ao fim observar.

⁴⁰ E todo aquele que estas coisas observar, no Céu seja cheio da bênção do Altíssimo Pai celeste e na terra seja cheio da bênção do seu Amado Filho, do Espírito Consolador, de todas as Virtudes do Céu e de todos os Santos. ⁴¹ E eu, o irmão Francisco, pequenino servo vosso, quanto posso vos confirmo dentro e fora esta santíssima bênção. Amen.



2. TESTAMENTO DE SENA (TS)

Operado aos olhos em Rieti por fins de 1225, São Francisco foi levado para Sena. Seria por alturas da primavera de 1226. Tendo-se agravado a doença, «os seus companheiros, conta a Legenda Perusina - 17, vendo-o em riscos de morrer, por definhamento e por tanta dor, com grande angústia disseram-lhe: «Pai, que será de nós? Dá-nos a tua bênção, a nós e a todos os outros irmãos; e deixa aos teus irmãos uma recordação da tua última vontade, para que, se o Senhor te quiser levar deste mundo, possam sempre ter em mente e repetir: O nosso pai, à hora da morte, deixou estas palavras a seus irmãos e filhos». Francisco acedeu. Mandou chamar Fr. Benedito de Piratro e ditou este pequenino texto. Da historicidade do facto não há que duvidar. Da fidelidade do texto já a certeza não é tão grande. Mas os temas da fraternidade, pobreza e amor à Igreja aqui presentes definem a alma do Santo.

TEXTO

¹ Escreve que eu abençoo todos os meus irmãos que estão na Ordem, e bem assim todos os que nela entram até ao fim dos séculos.

² Porque a minha fraqueza e sofrimentos, causados pela doença, me impedem de falar, brevemente, nestas três palavras, eu manifesto a meus irmãos a minha vontade, a saber:

³ Que em memória da minha bênção e do meu testamento, sempre se amem mutuamente, ⁴ que amem sempre nossa senhora a santa pobreza e a guardem, ⁵e sempre se conservem fielmente sujeitos aos prelados e a todos os clérigos da nossa santa madre Igreja.

3. BÊNÇÃO A FR. BERNARDO (BB)

Introdução

Este pequenino texto não tem tradição manuscrita independente. Encontra-se, porém, em várias compilações antigas, bem como em Ângelo Clarenó (Historia VII Tribulationum, II, I; e na Chronica dos XXIV Gerais (An. Franc. III, 42). Recorda claramente a conversão de Fr. Bernardo e é um testemunho da reverência que Francisco tinha por ele.

TEXTO

¹ Escreve o que te vou ditar:

² O primeiro irmão que o Senhor me deu foi o irmão Bernardo; e foi também o primeiro que começou e cumpriu perfeitissimamente a norma de perfeição do santo Evangelho, distribuindo pelos pobres tudo o que possuía. ³ E por este motivo e por outras prerrogativas sinto-me obrigado a amá-lo mais que a nenhum outro irmão de toda a Ordem.

⁴ E assim, quero e mando, quanto posso, que o ministro geral, seja ele quem for, o ame e venere como a mim mesmo, ⁵ e também os outros ministros provinciais e os irmãos de toda a Ordem o tratem como me tratariam a mim.

4. EXORTAÇÃO CANTADA A SANTA CLARA (ECCL)

Introdução

A Legenda Perusina, no número 45, informa que São Francisco, depois de ter composto o Cântico das Criaturas, compôs, na primeira metade de 1225, também um cântico – letra e melodia – para Santa Clara, mandando alguns irmãos a cantá-lo às irmãs de S. Damião.

Só foi descoberto em 1976 em dois códices do mosteiro das clarissas de S. Fidêncio de Novaglie, pelo P. Giovanni Bocali. Tal como o Cântico das Criaturas, foi composto em língua vulgar.

TEXTO

A Escutai, pobrezinhas, chamadas pelo Senhor,
de diversas regiões e províncias congregadas.
Vivei sempre na verdade
para morrer em obediência.

B Não vivais a vida exterior,
porque a vida do espírito é melhor.
Com muito amor vos peço
Que administreis com discrição
as esmolas que o Senhor vos der.

C Tanto as que se acham aflitas pela doença,
como as que se empenham em tratá-las,
que todas suportem tudo em paz.

D Que as vossas fadigas vos sejam muito caras,
já que cada uma será rainha no céu
coroada com a Virgem Maria.

5. ÚLTIMA VONTADE A SANTA CLARA (UVC)

Introdução

Santa Clara no cap. VI da sua Regra escreve: «Para que não abandonássemos nunca a santíssima pobreza que tínhamos abraçado, nem nós nem as que depois de nós hão-de vir, o nosso bem-aventurado Pai escreveu-nos de novo, pouco antes de morrer, a sua última vontade». É, pois, mais um pequenino testamento a demonstrar que Francisco, mesmo à hora da morte, tinha o coração posto nos seus filhos: neste caso, nas suas «plantazinhas» de S. Damião. A sua última vontade é ainda, como sempre, «seguir a vida e a pobreza do nosso altíssimo Senhor Jesus Cristo e de Sua Santíssima Mãe, e nela perseverar até ao fim». Deve ter sido escrito nos últimos dias da sua vida.

TEXTO

¹ Eu, o pequeno irmão Francisco, quero seguir a vida e a pobreza do nosso altíssimo Senhor Jesus Cristo e de sua santíssima Mãe e perseverar nela até ao fim; ² e rogo-vos, minhas senhoras, e vos aconselho que vivais sempre nesta santíssima vida e pobreza. ³ E conservai-vos muito atentas para que de nenhum modo jamais vos afasteis dela, por ensinamentos ou conselhos, donde quer que venham.